



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



PROFLETRAS

MARIA DE LOURDES VINHAL

**O GÊNERO TIRA E A ARGUMENTAÇÃO:
UMA RELAÇÃO PRODUTIVA**

UBERLÂNDIA

2019

MARIA DE LOURDES VINHAL

**O GÊNERO TIRA E A ARGUMENTAÇÃO:
UMA RELAÇÃO PRODUTIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Linguagens e gêneros discursivos.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisete Maria de Carvalho Mesquita

UBERLÂNDIA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

V784g Vinhal, Maria de Lourdes, 1969-
2019 O gênero tira e a argumentação [recurso eletrônico] : uma relação produtiva / Maria de Lourdes Vinhal. - 2019.

Orientadora: Elisete Maria de Carvalho Mesquita.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.656>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 3. Gêneros discursivos. 4. Competência comunicativa. I. Mesquita, Elisete Maria de Carvalho (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

MARIA DE LOURDES VINHAL

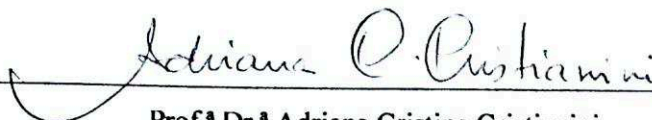
**O GÊNERO TIRA E A ARGUMENTAÇÃO:
UMA RELAÇÃO PRODUTIVA**

Dissertação aprovada para a obtenção do título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

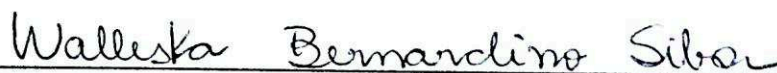
Uberlândia, 25 de fevereiro de 2019.



Prof.ª Dr.ª Elisete Maria de Carvalho Mesquita (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia/MG



Prof.ª Dr.ª Adriana Cristina Cristianini
Universidade Federal de Uberlândia/MG



Prof.ª Dr.ª Walleska Bernardino Silva
Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia/MG

**Para meus amores:
Lucas e Letícia.
Gratidão pelo
incentivo e companhia
em todos os momentos.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser força a me acalantar nos árduos momentos.

À Prof.^a Dr.^a Elisete Maria de Carvalho Mesquita, pela atitude de encorajamento e pelo incentivo, carinho e competência com que me conduziu neste trabalho.

Às professoras Doutoras Adriana Cristina Cristianini e Walleska Bernardino Silva, pelas contribuições que deram a este trabalho.

Aos filhos, Lucas e Letícia, que são presentes de Deus e que me apresentaram razões para o meu existir.

Aos meus familiares, pelo apoio e pelas orações.

Aos meus amigos, pela compreensão de minhas ausências.

Aos colegas do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/2017), por se mostrarem verdadeiros amigos em todas as horas.

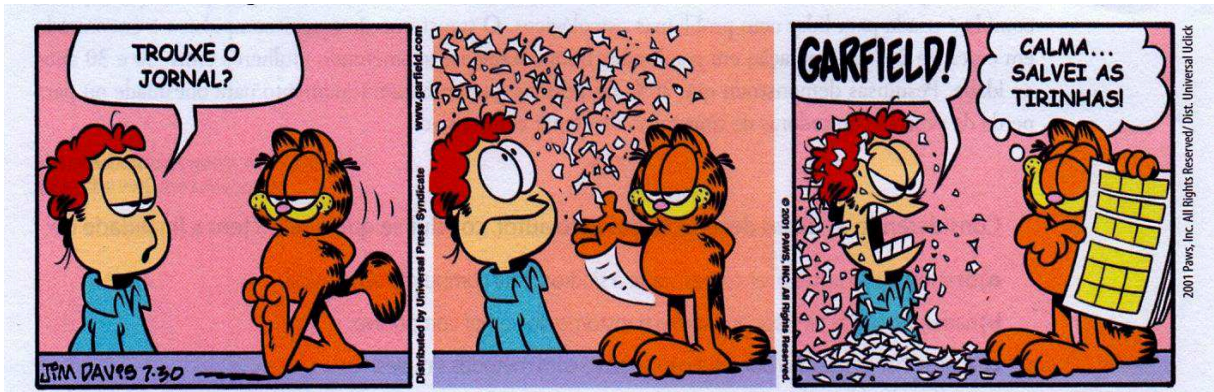
A todos os colegas da Secretaria Municipal de Educação de Patos de Minas e da Escola Estadual Marcolino de Barros que atualmente dividem comigo o desafio de ensinar e aprender todos os dias.

A todos os meus alunos e ex-alunos, que muito contribuíram para a minha sede de conhecimento, neste desafiante universo de aprendizagem.

Aos alunos do 9º ano 11/2018, pela participação efetiva em todas as etapas deste estudo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa.

Enfim, divido a alegria desta experiência com os amantes das tirinhas e das pesquisas.



Fonte: Davis (2009).

RESUMO

Entendemos que o professor deve ficar atento a situações reais de uso da língua, conforme defende Geraldi (1997). Para isso, o trabalho com base no uso dos gêneros discursivos na sala de aula torna-se produtivo, uma vez que por meio deles o aluno pode ter acesso a uma vivência significativa de leitura e de produção de textos, o que pode favorecer o desenvolvimento da criticidade e da percepção consciente e participativa do seu contexto social, econômico e político. Considerando esse ponto de vista, este estudo objetiva desenvolver e aplicar uma proposta didática a partir da qual seja possível trabalhar a capacidade argumentativa dos discentes do Ensino Fundamental, precisamente dos alunos de 9º ano. Visando a atingir esse objetivo, escolhemos, como objeto de pesquisa, as tiras, que podem revelar um leque de diferentes visões, opiniões e sentimentos que contribuem para o desenvolvimento das habilidades e competências dos discentes. Acreditamos, assim, que as tiras podem possibilitar ao aluno a oportunidade de compreender as funções sociais das distintas esferas nas quais circula em nossa sociedade. Para o cumprimento do objetivo proposto e com o apoio teórico em Bakhtin (2003), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Fiorin (2017), Koch (2004), Rama e Vergueiro (2014), Ramos (2017) e Soares (2009), dentre outros autores, criamos e aplicamos uma metodologia de trabalho inspirada em Rojo e Moura (2012): o protótipo, que se configura como uma proposta didática que pode ser modificada e utilizada em outros contextos, isto é, o protótipo pode oportunizar o desenvolvimento de outras atividades didáticas, que, no caso desta pesquisa, contemplam diferentes aspectos envolvidos no complexo processo de argumentação na sala de aula. Os procedimentos pedagógicos buscam envolver o estudante do Ensino Fundamental num caminho de letramento que o conduz a compromissos com a prática tanto escolar quanto social. Assim, com base nos resultados deste estudo, verificamos que houve o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, a partir das críticas subjacentes ao humor, nas tiras, uma vez que os alunos construíram habilidades que lhes permitiram compreender a linguagem do gênero discursivo tira, no que está dito e no que está por trás do dito.

Palavras-chave: Ensino. Língua Portuguesa. Tiras. Argumentação. Protótipo.

ABSTRACT

It is understood that the teacher should be attentive to real situations of language use, as attested by Geraldi (1997). Thereby, a work based on the use of text genres in the classroom becomes productive, since, through these genres, the student can have access to a meaningful reading and writing experience, which can favor the development of the criticality, and the conscious and participative perception of his/her social, economic and political context. Considering this point of view, this study aims to develop and apply a teaching proposal from which is possible to work the argumentative capacity of Elementary School students, specifically students of 9th grade (students between 14-15 years old in the Brazilian System of Education). Thus, the comic strips were chosen as research object, for they can reveal a range of different visions, opinions and feelings that contribute to the development of students' skills and competences. We believe, therefore, that comic strips can provide students the opportunity to understand the social functions of the different spheres in which they circulate in our society. To accomplish the proposed objective and with the theoretical support in Bakhtin (2003), Dudeney, Hockly and Pegrum (2016), Fiorin (2017), Koch (2004), Rama and Vergueiro (2014), Ramos (2017) and Soares (2009), among other authors, it was created and applied a work methodology inspired by Rojo and Moura (2012): the prototype, which is configured as a didactic strategy that can be modified and used in other contexts, that is, the prototype can motivate the development of other didactic activities, which, in the case of this research, contemplate different aspects involved in the complex process of argumentation in a classroom. The pedagogical procedures seek to involve the elementary school student in a path of literacy that leads to commitments to both school and social practices. Then, based on the results of this study, we verified the development of students' discursive competence, based on the criticisms underlying humor, in the comic strips, since the students constructed skills that allowed them to understand the language of the comic strips genre, in what is said and in what is behind the said.

Keywords: Teaching. Portuguese language. Comic strips. Argumentation. Prototype.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A tira em que Os Skrotinhos atormentam João Gilberto	27
Figura 2 - O famoso Menino do camisolão Amarelo	28
Figura 3 - Imagens-palavra.....	29
Figura 4 – O dizer imagético	30
Figura 5 - Coluna de Trajano.....	31
Figura 6 - Estações da Via-Sacra.....	32
Figura 7- Tira sobre a diversão sem os tecnológicos jogos.....	33
Figura 8 – Tira sobre questões da vida	36
Figura 9 - Autor e leitor de quadrinhos, parceiros de coração	37
Figura 10- Cartum	38
Figura 11- Charge.....	39
Figura 12 - A tira de um único quadro - Frank & Ernest, de Bob Thaves	40
Figura 13 - Diagramação de balões	44
Figura 14 - Tipos de balão.....	45
Figura 15 – Tira com o uso de legendas	46
Figura 16 – Tira e a importância do traço	46
Figura 17 – Tira que mostra a função figurativa do elemento linguístico.....	48
Figura 18 - Onomatopeias	49
Figura 19 - Onomatopeias em discurso Pop Art.....	49
Figura 20 – Tira sobre a essência da percepção	52
Figura 21 - Tira no ENEM e o posicionamento argumentativo	60
Figura 22 – Tira sobre provocações para mudanças	63
Figura 23 – Tira sobre a percepção das coisas boas	65
Figura 24 – Tira sobre a postura do deprimido	66
Figura 25 - Tira I: Etiqueta nos jogos online.....	80
Figura 26- Tira II: Proteção de dados.....	82
Figura 27- Tira III (adaptada): Preenchimento de balões.....	84
Figura 28 -Tira III (original) – <i>Internet</i> , tempo e espaço	86
Figura 29 - Tira IV: Trabalhos escolares na era digital.....	86
Figura 30 – Tira V: Fake News	87
Figura 31 – Tira VI: Interações significativas	89

Figura 32 – Tira VII: A efemeridade da vida	92
Figura 33 – Tira VIII: Depressão é assunto sério	92
Figura 34 - Tira IX: As facetas do mundo conectado.....	95
Figura 35 – Tira X: O poder da leitura	96
Figura 36 – Tira XI: Opinião jornalística	99
Figura 37 – Capa do jornal Folha de São Paulo	100
Figura 38 – <i>Software</i> HagáQuê	103
Figura 39 – O verbete tira.....	105
Figura 40 – O Caderno de Atividades Diferenciadas	106
Figura 41 - L2 em um novo contexto	112
Figura 42 - L9 sobre a multimodalidade das tiras	112
Figura 43 - Tira da capa do Caderno de Atividades Diferenciadas.....	114
Figura 44 – L6 sobre a identificação com o gênero tira	117
Figura 45 – L16 sobre a interação com as tiras	120
Figura 46 – L32 sobre o poder das tiras	122
Figura 47 - L3 sobre a avaliação geral das atividades	124
Figura 48 - A evolução do esboço de uma tira nos aspectos verbais	126
Figura 49 – O esboço da tira por L7 e L21	128
Figura 50 - A tira a partir do esboço por L7 e L21	128
Figura 51 - Tira manualmente construída na horizontal por L2 e L32.....	130
Figura 52 - Tira manualmente construída na vertical por L5 e L20.....	130
Figura 53 - A tira com o uso do HagáQuê por L25 e L27.....	132
Figura 54 - Tira com o uso de outro <i>software</i> por L4, L17 e L33.....	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A linguagem das tiras.....	43
Quadro 2 – Atividades para diagnose.....	80
Quadro 3 – Compreensão das tiras a partir da visão bakhtiniana.....	82
Quadro 4 - Carga semântica e expressiva dos elementos da tira.....	86
Quadro 5 – Autor-texto-leitor: a tríade para a compreensão textual.....	89
Quadro 6 – Complementares expressões.....	92
Quadro 7 – As intencionais expressões verbo-imagéticas: indissociáveis linguagens.....	95
Quadro 8 - O diálogo da tira com outros textos no jornal.....	99
Quadro 9 - Produzindo a tira.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – 9º Ano: alunos participantes da pesquisa	71
Gráfico 2 – Suporte utilizado para leitura das tiras	111
Gráfico 3 – Mão na massa: meios para produzir tiras	125

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
I A SINGULAR MULTIPLICIDADE DO GÊNERO DISCURSIVO TIRA.....	20
1.1 O uso dos gêneros discursivos na sala de aula	20
1.2 O universo do gênero discursivo tira.....	25
1.3 A singularidade do gênero discursivo tira.....	38
II A RELAÇÃO ENTRE O GÊNERO TIRA E A ARGUMENTAÇÃO	51
2.1 A dimensão argumentativa nos gêneros discursivos.....	51
2.2 A argumentação e o gênero discursivo tira numa relação de sentido	58
III MATERIAIS E MÉTODOS.....	69
3.1 A pesquisa e o produto	69
3.1.1 O tipo de pesquisa	69
3.1.2 O perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa.....	70
3.1.3 A seleção e organização do <i>corpus</i> de análise	73
3.1.4 O protótipo e suas etapas.....	74
3.1.5 A produção do material didático: Caderno de Atividades Diferenciadas	104
3.1.6 Organização da dinâmica da sala de aula.....	107
IV ANÁLISE DA APLICAÇÃO DOS PROTÓTIPOS	108
4.1 Análise do protótipo	108
4.2 Análise da aplicação das etapas do protótipo	110
4.2.1 Etapa I.....	110
4.2.2 Etapa II.....	114
4.2.3 Etapa III.....	118
4.2.4 Etapa IV.....	120
4.2.5 Etapa V.....	121
4.2.6 Etapa VI.....	122

4.2.7	Etapa VII	123
4.2.8	Etapa VIII.....	124
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	138
	APÊNDICE A - Tiras produzidas pelos alunos	144
	APÊNDICE B – Caderno das Atividades Diferenciadas	158
	ANEXO A – 54 tiras do <i>site</i> SeguraNet.....	184

APRESENTAÇÃO

Nas práticas discursivas na sala de aula, ao longo de tantos anos na função docente, é possível ver claramente o quão desafiador é o ensino-aprendizagem da produção textual, de modo geral, e da produção de textos argumentativos, de modo específico.

As constatações de diversos estudiosos (DEL RÉ (2006); GIOVANI (2009) e outros) de que as crianças argumentam desde cedo estimulam o ensino e a aprendizagem a partir de gêneros que sinalizem uma sequência argumentativa. Porém, se por um lado, estamos cientes de que este trabalho é desafiador, uma vez que argumentação, reflexão e construção do conhecimento estão ligadas; por outro lado, essa conexão é necessária para desenvolver competências discursivas, o que faz com que ela deva estar presente nos planejamentos de professores e educadores desde os anos iniciais.

Como professora observadora, venho percebendo, em conversas na sala dos professores, em conselhos de classe, reuniões pedagógicas, por exemplo, a angústia dos educadores por nossos alunos não dominarem a leitura. De modo geral, todos têm a consciência de que a maioria dos alunos tem dificuldades para produzir textos. Nos anos finais do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, por exemplo, o aluno costuma entender que, se o professor pede a criação de um texto, este deve ser do tipo narrativo. Desse modo, ao sugerir que ele se posicione diante de um fato polêmico, normalmente, o aluno tende a seguir o esquema narrativo.

Essa constatação nos fez concluir que os gêneros que apresentem o tipo argumentativo precisam ser mais trabalhados no Ensino Fundamental, desde os anos iniciais, uma vez que esses gêneros contribuem para o exercício da cidadania e para construir nos cidadãos a crítica, a reflexão, a autonomia, a consciência de seus direitos e deveres, tornando-os capazes de compreender e modificar a realidade em que vivem. Essa é uma das funções da escola, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) (BRASIL, 1998).

Visando a atender à necessidade de contribuir para o desenvolvimento da capacidade dos alunos de produzirem textos e desenvolverem a consciência crítica cidadã é que assumimos o desafio de realizar esta pesquisa que objetiva desenvolver e aplicar uma proposta didática a partir da qual seja possível trabalhar a capacidade argumentativa dos discentes do Ensino Fundamental, precisamente dos alunos de 9º ano, priorizando práticas de leitura e de produção textual de forma significativa.

A escolha das tiras como objeto de estudo se deve a vários motivos, dentre os quais podemos mencionar o fato de esse gênero ser muito apreciado pelos alunos. Acreditamos que esse gosto dos alunos pelas tiras pode possibilitar aos discentes oportunidades de compreender as funções sociais das distintas esferas nas quais circulamos em nossa sociedade.

Assim, considerando que, conforme Bakhtin (2003), as palavras são selecionadas conforme as especificidades do gênero, as tiras podem revelar um leque de diferentes visões, opiniões e sentimentos que contribuem para o desenvolvimento das habilidades e competências¹ dos discentes para melhor conviverem neste século XXI.

Entendemos ainda que, na sala de aula, é nítida a necessidade de trabalhar com textos que contribuem para atrair os alunos para o trabalho em sala de aula com o gênero discursivo. E a tira, além de possuir uma carga de atratividade, é capaz de instigar a criticidade e ampliar os letramentos, por ser um texto multimodal². Circula socialmente por meio de jornais, revistas, livros didáticos, além de redes sociais e *blogs* especializados neste gênero. Muitos de seus personagens são veiculados em propagandas, desenhos animados, filmes e outros, portanto um gênero com o qual o discente tem contato.

Ademais, as tiras revelam muito sobre as questões sociais, o contexto político, os dramas que a sociedade vive. Por exemplo, tiras dos anos 60, como as do Quino (2003), apresentam temas tão atuais que nos conduzem a reflexões sobre a nossa história. Por conseguinte, esse gênero é muito significativo para o trabalho escolar, pois pode provocar discussões capazes de construir novos conhecimentos e estabelecer ligação com os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes.

Podemos dizer, ainda, que as tiras apresentam características formais e discursivas favoráveis ao trabalho com a argumentação. Na prática de sala de aula, existe a necessidade de preparar os alunos para a compreensão de diversos gêneros discursivos, porque, em situações reais de uso da língua, interagir é fundamental, com criticidade e compreensão dos textos.

Nesse ínterim, entendemos como Geraldi (1997), que cabe ao docente possibilitar ao aluno vivência significativa de linguagens. Logo, a realização deste estudo pode contribuir para que os alunos sejam capazes, também, de produzirem outros gêneros argumentativos.

¹ A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) define competência como a mobilização de conhecimentos, que são conceitos e procedimentos. E habilidades, na BNCC, são atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho, quer dizer, são práticas cognitivas e socioemocionais.

² Os textos multimodais, segundo Rojo e Moura (2012), são enunciados/textos híbridos, que, além da linguagem escrita, apresenta outros signos, como as imagens.

Ensinar a argumentar pode, portanto, favorecer o ensino e a aprendizagem de modo geral, uma vez que essa habilidade pode enaltecer a voz do aluno que discute/debate temas polêmicos, com oportunidades de autoconhecimento e de interferência nas tomadas de decisão no contexto em que está inserido. Também pode oportunizar divulgar ideias, discutir opiniões, com possível mudança da realidade e de atitude individual e coletiva.

No que diz respeito, ainda, à escolha do gênero tira para o desenvolvimento desta pesquisa, é preciso dizer que entendemos que os alunos apresentam dificuldades para compreender textos que conjugam mais de um modo de linguagem.

A percepção dessa dificuldade dos alunos sempre fica clara quando trabalhamos, na sala de aula, atividades que envolvem tanto a compreensão quanto a produção desse gênero. A partir dessa observação surgiu o nosso interesse em explorar mais as tiras, que são textos multimodais capazes de atrair os alunos para a leitura, interpretação e produção:

Os estudantes querem ler os quadrinhos [...] Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente [...] Existe um alto nível de informação nos quadrinhos [...] As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos [...] Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura [...] Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes [...] O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar [...] Os quadrinhos têm um caráter globalizador - por serem veiculados no mundo inteiro [...] Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 21-25).

Além de que as tiras podem atender aos desejos de leitura dos alunos e contribuir de forma eficiente com o ensino e a aprendizagem da linguagem multimodal, compreendemos que a inserção do gênero multimodal tira, nas aulas de Língua Portuguesa, justifica-se pelo fato de a tecnologia e as transformações ocorridas na sociedade requererem habilidades de leitura de signos não verbais, como de tipos de letras, cores e expressões faciais.

O leitor da faixa etária do nível de Ensino Fundamental II está em formação e acessa gêneros multimodais, dentre eles, o gênero tira. O aluno-leitor, apesar de ter contato com as tiras em várias situações, (através da *Web*, nas redes sociais, por exemplo), quando se depara com as questões avaliativas referentes ao gênero discursivo tira, nas avaliações internas e externas do Ensino Fundamental, muitas vezes, não as resolve, por estar despreparado para a habilidade de compreensão do gênero multimodal.

Sabemos que o gênero tira apresenta uma sequência tipológica narrativa, porém nossas observações de sala de aula revelaram dificuldades dos alunos com a argumentação. Logo a definição do objeto de pesquisa nos levou ao seguinte questionamento: como

desenvolver, na sala de aula, um trabalho com as tiras que contribua para o desenvolvimento da capacidade argumentativa dos alunos?

A resposta a essa questão, ainda em forma de hipótese, indicava que esse trabalho poderia ser feito por meio de atividades que considerem o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo (concepção bakhtiniana) desse gênero e que possam ser realizadas de modo sequencial, durante um determinado período de tempo.

Esse e outros questionamentos atrelados a algumas hipóteses nos levaram à definição do objetivo principal deste estudo: desenvolver e aplicar uma proposta didática a partir da qual seja possível trabalhar a capacidade argumentativa dos discentes do Ensino Fundamental, precisamente dos alunos de 9º ano.

Definido o objetivo geral da pesquisa, foi preciso, ainda, ter em conta outros associados ao trabalho, quais sejam:

- a) elaborar um pré-teste/questionário para verificar o nível de conhecimento dos alunos quanto à identificação e à compreensão das tiras;
- b) eleger critérios para a seleção das tiras;
- c) propor o mapeamento de elementos constituintes do gênero tira;
- d) analisar a relação argumentativa desses elementos entre si e desses elementos com a temática da tira;
- e) propor para cada objetivo especificado um módulo de atividades;
- f) avaliar a sequência desses módulos de atividades com base no trabalho com a argumentação;
- g) medir o alcance das atividades propostas pelo protótipo.

Visando a dar conta tanto do objetivo geral quanto dos objetivos específicos, adotamos a concepção bakhtiniana dos gêneros:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Para discutirmos outros temas atrelados ao interesse principal deste estudo, resolvemos nos fundamentar em diversos outros estudos, dentre os quais mencionamos

Bakhtin (2003), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Geraldi (1997), Koch (2004), Rojo e Moura (2012) e Soares (2009).

Em consonância com esse arcabouço teórico, a metodologia foi também decidida. Trabalhamos com a ideia dos protótipos, defendida por Rojo e Moura (2012), que chamam esses trabalhos de protótipos, no sentido de que as aulas devem ser flexíveis para adaptarem aos contextos da sala de aula e que possam inspirar a criação de novos procedimentos de aprendizagem.

São “[...] protótipos, ou seja, estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais.” (ROJO; MOURA, 2012, p. 8). Segundo esses autores, os protótipos são propostas de ensino de Língua Portuguesa, teoricamente embasadas, que “[...] deveriam abranger atividades de leitura crítica, análise e produção de textos multissemióticos em enfoque multicultural.” (ROJO; MOURA, 2012, p. 8). É um trabalho que parte de gêneros discursivos, próprios das culturas de referência do aluno, como as tiras, “[...] para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático.” (ROJO; MOURA, 2012, p. 8).

Acreditamos que a construção de um protótipo, que permite modificações por parte daqueles que desejam utilizá-lo em outros contextos, possa contribuir para

- a) o fornecimento de subsídios a outros professores ou pesquisadores que buscam materiais relevantes para o ensino e aprendizagem do gênero tira;
- b) o uso desse gênero como incentivo à escrita de outros gêneros em que predomine o tipo argumentativo;
- c) tentar solucionar um problema de uso da linguagem enfrentado pelos alunos no contexto social, no caso, a construção de argumentos.

As atividades dos protótipos estão divididas em etapas para melhor visualização das aulas planejadas para desenvolver as capacidades de uso da linguagem dos alunos. A escolha desse procedimento didático vem, portanto, ao encontro tanto dos objetivos de pesquisa estabelecidos quanto do propósito do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), ao qual nos filiamos.

Considerando o contexto apresentado e, visando a atingir os objetivos propostos, este trabalho foi dividido em quatro seções:

- 1) na primeira seção, apresentamos as especificidades do gênero tira;
- 2) na segunda, tratamos, especificamente, de aspectos argumentativos deste gênero predominantemente narrativo;

- 3) na terceira, apresentamos e detalhamos a metodologia da pesquisa;
- 4) na quarta, fizemos a análise da aplicação da proposta didática.

Ademais, tecemos as considerações finais de todo o processo investigativo.

I A SINGULAR MULTIPLICIDADE DO GÊNERO DISCURSIVO TIRA

“[...] ao mesmo tempo em que percebemos a existência do objeto, percebemos seu valor como uma de suas qualidades.”
(BAKHTIN, 2002, p. 4).

É importante para a Linguística o estudo da natureza dos enunciados e as diversas formas de gênero desses enunciados das atividades humanas, segundo Bakhtin (2003). São os gêneros que orientam os vários campos de atividades dos humanos, por isso os alunos devem dominar uma diversidade de gêneros discursivos.

Ao considerar a importância do trabalho desses diversos enunciados, surgem questões, para as quais buscamos respostas nesta seção: como se processa o uso dos diversos gêneros discursivos, na sala de aula? Em especial, o gênero tira traz em si que singularidades que contribuem para o desenvolvimento de aulas significativas, no sentido de promover o ensino e a aprendizagem?

1.1 O uso dos gêneros discursivos na sala de aula

Políticas educacionais, de modo geral, como os PCNLP (BRASIL, 1998), evidenciam a necessidade de se ensinar a Língua Portuguesa a partir da perspectiva dos gêneros. O Ministério da Educação, por meio desse documento, salienta que textos são modelos para a compreensão linguística, portanto todo o ensino da língua parte de textos e se articula com a prática de produzir textos e analisar os aspectos linguísticos:

A seleção de textos para leitura ou escuta oferece modelos para o aluno construir representações cada vez mais sofisticadas sobre o funcionamento da linguagem (modos de garantir a continuidade temática nos diferentes gêneros, operadores específicos para estabelecer a progressão lógica), articulando-se à prática de produção de textos e à análise linguística. (BRASIL, 1998, p. 36).

É velha a discussão de que a prática pedagógica voltada com exclusividade para o ensino da chamada “Gramática Normativa” é ineficaz, conforme, dentre outros, apresenta-nos Antunes (2007), Bortoni-Ricardo (2004) e Marcuschi (2008). O vasto trabalho científico e didático decorrente dessa discussão resultou na constatação de que os alunos apresentam dificuldades na compreensão dos textos, conforme comprovam os dados apresentados pelos Índices de desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que mostram que a escola brasileira

deixa a desejar no seu papel de formar cidadãos críticos e ativos na sociedade (BRASIL, 2015).

Entendemos que há muitos desafios, pois as dificuldades de uso e compreensão da linguagem impedem, sobremaneira, a criticidade e o protagonismo dos cidadãos na sociedade. Sabemos que, para o aluno construir seu próprio conhecimento linguístico, cabe propor o texto como objeto de ensino nas aulas, e não mais as atividades descontextualizadas, pois, conforme afirma Geraldi (1997, p. 135): “[...] é no texto que a língua se revela em sua totalidade.” E é a partir de textos que professor e aluno interagem, trocam informações, constroem conhecimento, conforme assinala Koch (1993), o próprio lugar da interação é o texto, dialogicamente, os sujeitos se constroem e são construídos, como interlocutores que são.

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. (BRASIL, 1998, p. 21).

Nesse sentido³, numa atitude responsiva ativa, conforme Bakhtin (2003), docente e discente argumentam para defender seu ponto de vista, concordando ou discordando do autor, isto é, tornam-se construtores de conhecimento, com ênfase na interação, na dialogicidade.

Para Bakhtin (2003), a língua é dialógica. Todo discurso produzido considera outros produzidos anteriormente e busca outros a serem produzidos posteriormente. O estudo dessas relações intertextuais possibilita o desenvolvimento da linguagem. Sobretudo, é imprescindível que qualquer atividade linguística se consolide a partir de uma necessidade de cumprir a função social do gênero, de prática comunicativa.

Logo, a escola deve proporcionar ao aluno uma diversidade de gêneros discursivos, criar ambientes com situações de interação, contribuir para que todos participem de atividades que desenvolvam as habilidades linguísticas, de forma progressiva. Os “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados.” (BAKHTIN, 2003, p. 262), realizam-se nas situações sociais de comunicação, beneficiam o indivíduo que pode interagir em seu ambiente social, expor seu posicionamento e agir sobre o mundo, enfim, conforme Bronckart (1999), viver em sociedade é apropriar-se dos gêneros discursivos, uma vez que, para inserir nas atividades comunicativas humanas, faz-se necessária a apropriação desses gêneros.

³ Conforme orienta os PCN, todo texto se organiza dentro de um gênero discursivo, percebemos que estão tão imbricados que ora utilizamos o termo texto, ora optamos por gênero discursivo, ao nos referir às tiras.

À escola cabe o papel de ensinar a dominar estratégias de leitura, escrita coletiva ou individual dos diversos textos, pois de acordo com Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 13), “[...] aprender a produzir uma diversidade de textos, respeitando as convenções da língua e da comunicação, é uma condição para integração na vida social e profissional.” Portanto ler e produzir textos vai além de ser função do aluno, é condição necessária para se integrar na sociedade. Cabe ao professor possibilitar meios para que o aluno utilize estratégias sociodiscursivas.

Porém, em algumas salas de aula, no Brasil, ainda acontece a tradicional aula baseada em manuais de técnicas de redação, em que os textos produzidos pelos alunos são fruto de uma atividade de reprodução, o aluno apenas cumpre instruções; com estudo da forma em detrimento do conteúdo, com prioridade ao estudo dos modelos tipológicos (narração/descrição/dissertação), segundo atesta Geraldi (1997). A correção do texto limita-se aos aspectos gramaticais. O destinatário do texto é sempre o professor, que atribui nota à redação. Mantendo assim a prática da educação dos anos oitenta:

[...] em princípios dos anos oitenta, o panorama educacional estava claramente definido: na maioria das aulas, havia, na parte central da sala, um professor, que conhecia métodos através dos quais ensinava a combinar letras para formar sílabas que, por sua vez, se combinavam para formar palavras que, por sua vez, se combinavam para formar orações [...] Porém, em nenhuma parte, estavam os textos que circulam no entorno social. (KAUFMAN; RODRÍGUEZ, 1995, p. 3).

No entanto, as atuais demandas sociais de uso da linguagem requerem um leitor e produtor de textos que vá além de codificar e decodificar mensagens, com ações sociais por meio da linguagem, de tal modo que o ensino da língua faça sentido para o educando, numa concepção sociointeracional de linguagem. Em qualquer estudo linguístico, é indispensável uma concepção clara do enunciado e dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003). O conceito bakhtiniano de gênero é um evento recorrente de comunicação mediada pela linguagem, numa determinada atividade humana, envolvendo papéis e relações sociais.

Mas, no campo da linguagem, a expressão gênero nem sempre foi usada nesse sentido. Platão e Aristóteles a ligavam aos gêneros literários: gênero lírico, gênero dramático e gênero épico. Aristóteles teorizou sobre a natureza do discurso, afirmando que existem três “gêneros” da retórica: o deliberativo, o judiciário e o demonstrativo/epidítico. Porém a noção de gênero, atualmente, não se liga apenas à literatura, graças aos estudos de Bakhtin, linguista

russo, referência comum entre os estudiosos da língua, por, a partir da metade do século XX, abordar a noção de gênero por meio do estudo da linguagem como prática sociointeracional.

O linguista ultrapassou a ideia de gênero associado a estudos literários, considerando a complexidade da comunicação, em que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, ao que é denominado de gênero do discurso. Segundo esse linguista, os gêneros são primários ou secundários. Estes são complexos e aqueles são simples, isto é, os gêneros primários se constituem em uma comunicação espontânea, relacionando de forma direta com a realidade, como nos relatos familiares e bilhetes; e os gêneros secundários intervêm na espontaneidade dos gêneros primários, mostrando uma comunicação mais complexa, como um artigo de divulgação científica.

Uma vez que os gêneros são relativamente estáveis, portanto estão sujeitos ao tempo e ao espaço. Dessa maneira, precisamos conhecer os aspectos socioculturais do texto para uma leitura eficiente. Sendo que cada texto, dentro de uma construção composicional (a estrutura do gênero), de um estilo (modo de construir os enunciados do gênero), apresenta seu conteúdo temático (o que é dito por meio do gênero). Nossa competência sociocomunicativa nos permite diferenciar, selecionar textos, para utilizá-los em determinada situação.

Nesse sentido, no que concerne à vivência, deparamo-nos com diversas esferas sociais (religiosa, jurídica, midiática, educacional, familiar etc.), nas quais se encontram culturas, ideologias e costumes, que exigem dos indivíduos diferentes papéis no uso da língua. Afinal, “[...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Esses enunciados, nas situações sociais, emergem a expressividade da língua, a partir de infinitos gêneros heterogêneos.

Ao ensinar a língua, é preciso selecionar os textos/gêneros, refletir sobre as metodologias de ensino e aprendizagem, repensar o contexto, as posturas e as concepções arraigadas na escola; enfim, com criticidade, cabe ao docente planejar as aulas que permitam aos alunos ir além do conhecer regras, estruturas abstratas da língua, uma vez que os sujeitos falam e escrevem para construir uma comunicação real, diária e social.

Sob essa ótica, argumentamos que

[...] a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica num determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Acreditamos que o trabalho na sala de aula é positivo quando a postura do professor contribui para formar cidadãos conscientes, não dissociando língua e vida, para que o falante possa transitar nas diversas esferas de uso da língua. Essa perspectiva interacionista sociodiscursiva, em consonância com os documentos oficiais brasileiros, provocou mudanças no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, nas trilhas do letramento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reitera que o texto é o centro das práticas de linguagem, mas não apenas o texto em sua modalidade verbal. Textos não são apenas verbais, há uma variedade de composição que articula a multimodalidade de linguagens: verbal, visual, corporal, sonoro, que se apresentam na imprensa, nos meios digitais, na publicidade, na TV, em livros didáticos, nos vários suportes em que esses textos explicitam a realidade, manifestam os saberes e as vivências, possibilitando a interação (BRASIL, 2017).

Inclusive a BNCC (BRASIL, 2017) norteia o trabalho dos professores com uma das Competências Gerais da Educação Básica em que apresenta as linguagens, a saber: verbal, corporal, visual, sonora e digital, além da artística, matemática e científica:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2017, p. 9).

A própria BNCC define competência:

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2017, p. 10).

Para mobilizar os conhecimentos necessários para saber ler e interpretar textos, para que a alfabetização seja plena, é fundamental que os estudantes desenvolvam competências de leitura não só quanto a textos em linguagem verbal, mas também de filmes, fotografias, textos em quadrinhos (aqui ressaltamos o gênero tira, por ser nosso objeto de estudo), cartazes publicitários, canções e outros.

Como não é possível trabalhar, em sala de aula, com todos os gêneros ao mesmo tempo, nós, professores, lemos diversos textos e fazemos a seleção de gêneros discursivos

para uma prática sistematizada, buscando compreender a sociedade nos seus aspectos culturais presentes em cada texto. Nessa perspectiva de desenvolver práticas significativas de uso das linguagens, a partir de gêneros que circulam na nossa sociedade, trilhamos o caminho da promoção do letramento: “[...] letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir com a imprensa diária, fazer uso dela, selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as tiras de quadrinhos.” (SOARES, 2009, p. 42). Sendo que este estudo se propõe ir além da diversão com o gênero discursivo proposto. Porque é preciso notar a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica dos textos, segundo Rojo e Moura (2012).

Os textos apontam a multiplicidade presente em nossa sociedade. Já não é simplesmente usar o “[...] mecanismo dicotômico – cultura erudita/popular, central/marginal, canônica/de massa.” (ROJO; MOURA, 2012, p. 13-14). As imagens e diagramações, por exemplo, trazem significados aos textos contemporâneos, numa mistura de linguagens, modos ou semioses.

Atualmente, desde a hegemonia da mídia impressa ilustrada, da tevê e da *internet*, os textos [...] cotidianamente não são formulados de modo exclusivo em linguagem verbal, mas são sincréticos, conjugando língua e imagens, de diversas naturezas, aspectos e dimensões. (SARGENTINI; CURCINO; PIOVEZANI, 2011, p. 9-10).

A preferência pela não exclusividade da linguagem verbal nos textos utilizados pela mídia televisiva, impressa ilustrada e da *internet* despertou-nos a atenção para esses objetos multimodais de estudo, os textos que conjugam linguagem verbal e não verbal, nas relações verbo-imagéticas. Assim, compreendemos a importância do gênero tira como objeto de estudo no ensino da Língua Portuguesa.

1.2 O universo do gênero discursivo tira

A força criativa das tiras brasileiras é o humor, segundo Magalhães (2006, contracapa) afirma: “O humor esteve presente na gênese dos quadrinhos e uma de suas maiores expressões encontra-se nas tiras diárias, que ocupam um lugar indefectível nos jornais de todo o mundo.” Conforme esse autor, a massificação dos jornais, no final do século XIX, em vários países, contribuiu para a fundação e a expansão do gênero discursivo tira. Sendo que usaram as tiras estrategicamente para seduzir, alcançar um público que estava fora do círculo dos letrados leitores de jornais. A estratégia, o fator de sedução para o acesso aos

jornais, deve-se à linguagem das tiras baseada na imagem e na síntese do texto, além do humor.

O humor trata das questões humanas, de arquétipos e mitos, de conceitos e pré-conceitos, dos fatos cotidianos, dos elementos culturais, estabelece o diálogo que pode ser de caráter universal, ou centrado em particularidades, salienta Magalhães (2006). Considerando assim, neste estudo, na seleção do *corpus*, entendemos o humor como forma dialógica que passa pelo referente social e humano, possibilitando refletir sobre as diversas questões de ordem universal ou particular. Porque o que é engraçado pode parecer ingênuo e, nesse aparente universo infantil, quadrinhos críticos, de caráter humorístico, em particular as tiras, expressam vivências, experiências, problemas, de forma que o humorista consegue demonstrar sua visão crítica de mundo. Ou melhor, o humor nas tiras consegue romper com as barreiras da censura.

Se o discente compreende a criticidade do texto, isso pode contribuir com o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, que é o objetivo principal deste estudo, para tal, priorizamos práticas de leitura e de produção textual de tirinhas, de forma significativa, na busca de desenvolver habilidades argumentativas desses sujeitos envolvidos na pesquisa.

Em Os Skrotinhos, por exemplo, o humor nos quadrinhos, que se pressupõe para crianças, é, segundo Magalhães (2006), humor para adultos. Esses personagens foram criados por Angeli, em 1987, inspirados em Os Sobrinhos do Capitão (no Brasil) ou Katzenjammer Kids, criados em 1897, pelo norte-americano Rudolph Dirks. Este, por sua vez, inspirou-se em Wilhelm Busch, precisamente nos personagens lançados em 1865, Max and Moritz, que, no Brasil, foram conhecidos por Juca e Chico.

Enfim, Os Skrotinhos (gêmeos, baixinhos, de óculos, vestindo camisas havaianas, desprovidos de bom senso) são personagens irreverentes, mais debochados e mais perversos que os moleques em que foram inspirados. Cria-se assim um humor, em que o sarcasmo de adulto e a perversão de adolescente desconstroem as aparentes relações sociais e o jogo cultural.

O autor (Angeli) faz um humor para adultos, evidenciando a hipocrisia da sociedade. Suas personagens (Os Skrotinhos) são um misto de adolescentes pervertidos com adultos sarcásticos, demolindo o jogo de aparências das relações sociais e da cultura nacional. (MAGALHÃES, 2006, p. 11).

Tendo como exemplo, a Figura 1, a seguir, é de uma tira, em que aparece João Gilberto Prado Pereira de Oliveira, o criador da Bossa Nova, o que justifica o plano de fundo

dos quadrinhos 1 e 3. O conhecido João Gilberto é considerado um gênio, conforme claramente atesta o último balão. Os Skrotinhos atormentam uma lenda viva da música popular brasileira. Os gêmeos falam por meio de balões geminados e, algumas vezes, falam juntos, os dois rabichos num balão só comprovam isso, na observação do óbvio respirar de João.

Figura 1 – A tira em que Os Skrotinhos atormentam João Gilberto



Fonte: Felitti (2016).

No primeiro quadrinho, o cartunista enuncia Rio de Janeiro como o espaço desse famoso cantor, violonista e compositor brasileiro, a partir da imagem no alto do primeiro quadrinho, à esquerda - uma das principais atrações turísticas da cidade, o Bondinho do Pão de Açúcar, o teleférico localizado no bairro da Urca. Apesar de que João Gilberto nasceu em Juazeiro, sertão da Bahia, nas margens do Rio São Francisco, em 1931. Portanto, podemos entender um argumento, na tira, de que Rio de Janeiro, Bossa Nova, João Gilberto e seu violão figuram imbricados.

Os irreverentes e perversos Skrotinhos, no terceiro quadrinho, seguram os narizes e a leitura das metáforas visuais nos possibilita interpretar que há um mau cheiro oriundo de flatos do gênio e ainda deboçam: “Ó o João fazendo PUM”. Percebemos, nos três quadrinhos, na expressão fisionômica do cantor, certo descontentamento. Podemos inferir que há pessoas que seguem famosos, publicando cada ação dessas celebridades. Célebres também fazem ações próprias de pessoas comuns, como podemos ler no segundo quadrinho: andar pela rua, piscar, respirar, coçar a testa e, no terceiro quadrinho: soltar flatos, por que não? Porém, parece que a sociedade gosta de saber disso, uma vez que a mídia detalha ações de famosos. Por outro lado, concluir que há genialidade, a partir de trivialidades, pode ser considerado hipocrisia.

O elemento surpresa, a conclusão de genialidade de João a partir de fatos corriqueiros (em especial, o fazer PUM) cria um efeito de sentido humorístico.

O gênero humorístico é próprio das histórias em quadrinhos e a tira pertence à categoria dos quadrinhos. Inclusive, nos Estados Unidos, histórias em quadrinhos são conhecidas como *Comics*, que começaram com *Yellow Kid*, (Figura 2), personagem de Richard Felton Outcalt, criado em 1895. Ainda não tinha o formato de uma tira, era mais parecido com um pôster.

Figura 2 - O famoso Menino do camisolão Amarelo



Fonte: Vergueiro (2001).

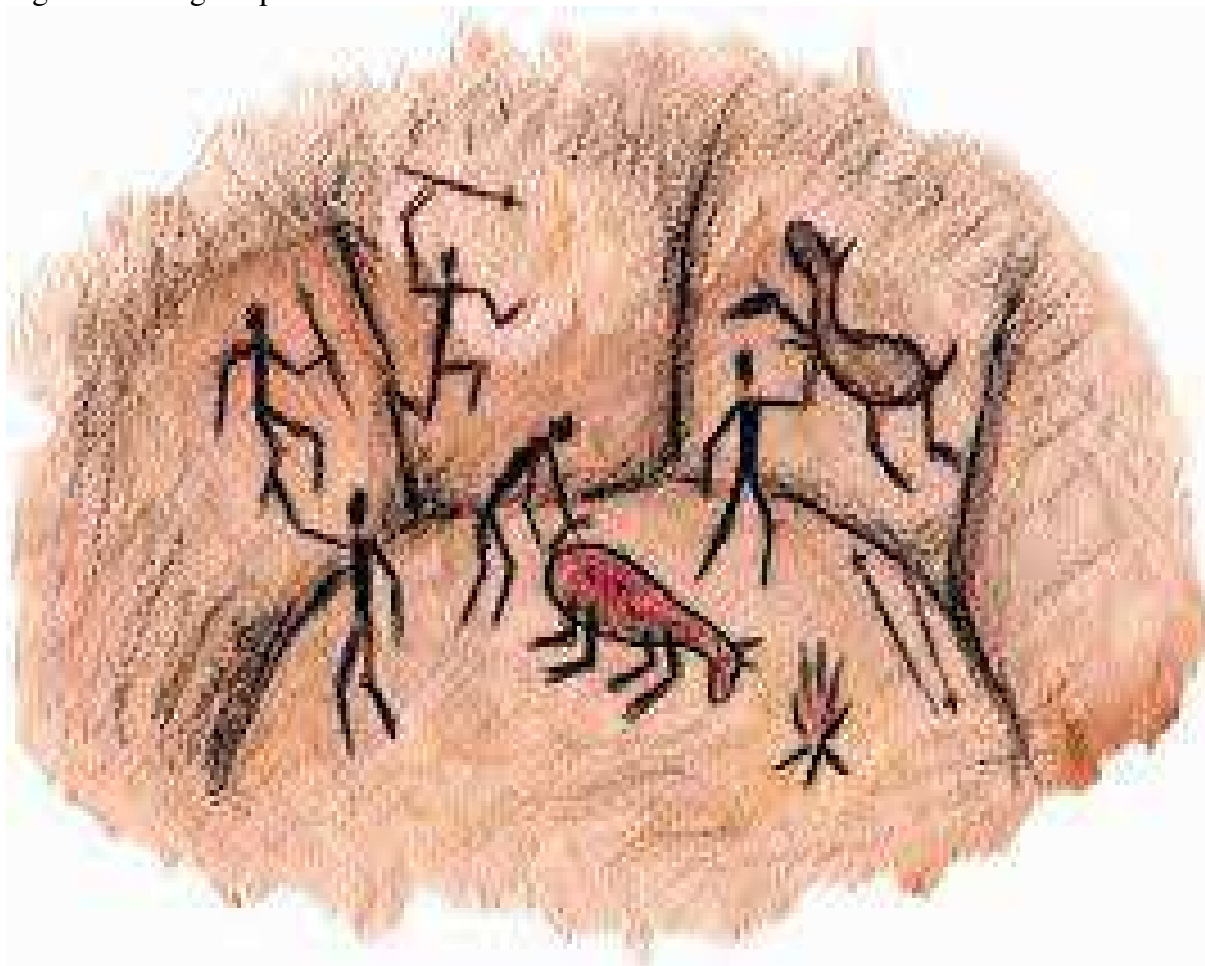
O personagem *Yellow Kid* é considerado o precursor dos quadrinhos em função da narração em sequência de imagens, da continuidade dos personagens e da inclusão do texto dentro da imagem, características próprias dos quadrinhos. Esse personagem era uma criança pobre, de seis ou sete anos, de cabeça e orelhas grandes, camisolão amarelo, morava no gueto nova-iorquino.

Se considerarmos a sucessão de imagens, o registro das primeiras histórias foi feito em cavernas que se constituíram em suporte, como um grande mural, em que a imagem gráfica se revelava e ainda se revela como elemento de comunicação de extrema importância.

De certa forma, pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica. (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 8).

A sabedoria popular já compreendeu que “uma imagem vale mais do que mil palavras”. As Figuras 3 e 4 são o que hoje conhecemos como pintura rupestre, essa forma de expressar ganhou novas formas com o passar do tempo.

Figura 3 - Imagens-palavra



Fonte: Pré-História (2012).

Figura 4 – O dizer imagético



Fonte: Pré-História (2012).

Saindo da Pré-História, chegando à Idade Antiga, ano 113, Trajano, Imperador de Roma, mandou construir uma coluna com vários desenhos feitos em espiral, para contar suas batalhas. Na Figura 5, há um destaque para parte do monumento, para melhor visualização, sendo que a coluna tem aproximadamente 30m de altura mais 8m de pedestal, perfazendo, portanto, 38m de altura.

Os desenhos se sucedem, dando voltas, totalizando quase 200m, na coluna de 3,68m de diâmetro⁴. A linguagem não verbal se relaciona, ordenada basicamente em sequência, em que o espiral lembra os gêneros discursivos em quadrinhos.

⁴ Segundo a fonte disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/coluna-trajano-434634.phtml>. Acesso em: 8 dez. 2018.

Figura 5 - Coluna de Trajano



Fonte: Correia (2008).

Podemos considerar também como texto em quadrinhos a Via-Sacra (Figura 6), contada pela Igreja Católica, desde a Idade Média, nas formas de painéis, principalmente em estilo artesanal, de pedras ou de pinturas. O enfoque em série de algumas obras artísticas se assemelha à representação atual dos textos em quadrinhos, que transmitem uma noção de continuidade e deslocamento, como nos vitrais em sequência e nas diferentes interpretações descritas da Via Dolorosa de Jesus.

Figura 6 - Estações da Via-Sacra



Fonte: Paz (2013).

As imagens sequenciais, sem o uso de palavras, ainda possibilitam contar uma história, um exemplo são os desenhos de crianças que nos transmitem suas impressões de mundo. Uma sequencia de imagens possibilita-nos desenhar movimentos.

Essa arte sequencial⁵ em poucos quadinhos, com imagens, utilizando ou não balões de diálogo, pertence ao universo do gênero discursivo tira. Engana-se quem pensa que a leitura de imagens é mais fácil que a leitura de palavras.

Eisner (1989) alerta que a leitura de textos imagéticos, sem o uso de palavras, exige do leitor certa sofisticação. É preciso o uso da experiência comum e a observação para compreender a linguagem não verbal.

⁵ Arte sequencial se refere à modalidade artística que usa o encadeamento de imagens em sequência para contar uma história ou transmitir uma informação graficamente (EISNER, 1989).

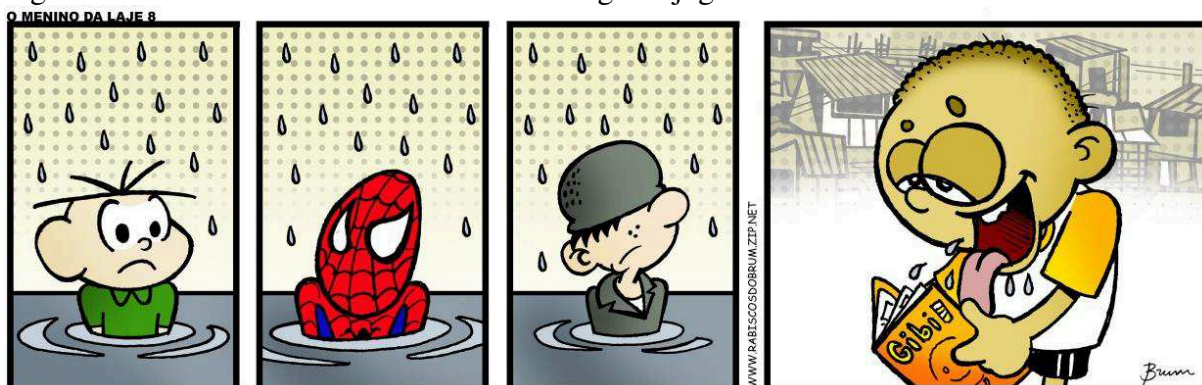
[...] as imagens sem palavras, embora aparentemente representem uma forma mais primitiva de narrativa gráfica, na verdade exigem certa sofisticação por parte do leitor (ou espectador). A experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos do autor. (EISNER, 1989, p. 20).

Nesse campo, está em foco a importância do professor que pode contribuir para a compreensão do universo dos textos em quadrinhos.

No livro “A Linguagem dos Quadrinhos”, Vergueiro e Santos (2015) afirmam que a linguagem dos textos em quadrinhos é moderna, mas se conecta com as primeiras civilizações. Essa modernidade tão remota se deve à imagem obtida pelo desenho.

É possível contar uma história, sem a ajuda das palavras, uma vez que a ausência de diálogo demonstra a viabilidade de imagens, segundo Eisner (1989). Na tira a seguir (Figura 7), que trabalhamos com nossos alunos, aparece uma única palavra - Gibi⁶, para reforçar a imagem, a ideia da revista em quadrinhos. Não há balão, nem legenda, portanto a leitura é imagética. As imagens da tira da Figura 7 nos contam uma história, entre outras, de prazer, sem o uso de aparelhos tecnológicos.

Figura 7- Tira sobre a diversão sem os tecnológicos jogos



Fonte: O Menino... (2014).

Nos três primeiros quadrinhos, três famosos personagens dos quadrinhos estão em um lugar inundado, sugerindo que eles vão se afogar. Eles estão inertes, parecendo presos, com os braços para baixo. Os movimentos são das gotas que caem e aumentam o volume do líquido em torno deles, o que é possível perceber pelas linhas cinéticas.

O primeiro deles é famoso pelas tiras de Mauricio de Sousa, apareceu em 1960, no jornal Folha da Manhã, atual Folha de São Paulo. Inspirado em Luiz Carlos da Cruz, o amigo

⁶ Gibi foi título de uma revista brasileira de histórias em quadrinhos, lançada em 1939. Na época, gibi significava moleque; hoje, revista em quadrinhos (ASSOCIAÇÃO CULTURAL NAÇÃO HQ, 2010).

de Márcio, irmão de Maurício. Luiz possuía dificuldade em articular algumas palavras - dislalia, trocava o fonema “r” pelo “l” e tinha o cabelo espetado, recebendo do pai de Maurício o apelido de Cebolinha. Daí o nome do personagem.

O segundo é um super-herói popular e bem sucedido comercialmente, o Homem-Aranha. Ele foi criado por Stan-Lee e Steve Ditko. O personagem já apareceu em muitas mídias, incluindo tiras de jornais, séries de televisão, jogos eletrônicos e filmes. Mas a sua primeira aparição foi no livro *Amazing Fantasy*, em 1962.

E o terceiro é o Recruta Zero, criado por Mort Walker. Nasceu como estudante universitário. A tira teve sucesso quando seu criador alistou Zero no Exército dos Estados Unidos, em 1951. Sendo que ele representa afronta à ordem militar.

A questão identitária é importante nessa tira. O primeiro tem por identidade uma pessoa real; o segundo precisa preservar sua verdadeira identidade para continuar como super-herói e o terceiro teve que mudar sua identidade para obter sucesso, mesmo sendo conhecido por Zero. Respectivamente temos imagens que revelam realidade, heroísmo e enfrentamento. Esses três são coesos, pela semelhança dos quadrinhos e coerentes, inclusive correlacionando com as ações do garoto do quarto quadrinho, nessa mesma linha coesa e coerente.

As cores são características próprias dos personagens e estão, em primeiro plano, vibrantes, transmitindo alegria, positividade. As linhas que contornam os quadros são retas, podendo revelar intensidade, fortes emoções. Segundo Eisner (1989), o quadro é um recurso que pode expressar a dimensão do clima emocional e o traçado reto geralmente sugere ações no tempo presente. O enquadramento das cenas, segundo esse autor, funciona como uma pontuação, transmitindo a ilusão de tempo. Percebemos também as linhas cinéticas de movimentação do líquido numa sugestão temporal.

Os três primeiros quadros são do mesmo tamanho e o último é maior. Este contém o elemento surpresa, a baba. A expressão “está babando” significa gostar muito de algo, admirar de forma exagerada. Essa grande admiração do garoto pela revista Gibi pode explicar o tamanho maior do quarto quadro. O código não verbal expresso pelas gotas é a baba do personagem. A saliva é a origem do alagamento em torno do Cebolinha, do Homem Aranha e do Recruta Zero, que, pelas expressões faciais, estão descontentes, mas nada podem fazer, pois eles são os desenhos do gibi, num processo intertextual e metalinguístico. A imagem da revista Gibi, no uso da experiência comum, permite-nos perceber que o espaço dos três primeiros quadrinhos é a própria revista que está sendo lida pelo garoto.

O cenário do quarto quadro mostra uma comunidade carente e um garoto que se diverte longe de celulares, computadores e de videogames. Esse menino é o Xulé, criado pelo chargista Brum para o jornal Expresso – Rio de Janeiro. Esse pequeno morador do Morro do Estepe Furado, uma comunidade do Rio de Janeiro, faz parte de uma série de tiras criadas em 2012, conhecida por O Menino da Laje 8.

Considerando o exposto, fica evidente a importância do conhecimento prévio do leitor e a necessidade do uso de estratégias no processo de compreensão dos textos de modo geral, e das tiras, de modo específico. Na área da educação, o professor é o mediador do processo dialógico em sala de aula e fomentador da curiosidade dos alunos na construção de conhecimento.

Em se tratando da área da educação, as primeiras revistas de quadrinhos, publicadas durante a década de 1940, nos Estados Unidos, tratavam de eventos históricos, figuras literárias, enfim famosos de “vidas exemplares”, religiosos, personagens bíblicos. A Igreja Católica, na Itália, utilizou bastante a linguagem dos quadrinhos com fins catequéticos. Nos anos 50, o governo chinês Mao Tse-Tung utilizava os quadrinhos para vender à população os ideais que lhe convinham. “Já durante a Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com a colaboração do célebre desenhista Will Eisner, utilizou fartamente os quadrinhos na elaboração de manuais para treinamento de suas tropas.” (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 19).

Na década de 1970, a Europa começou a transmitir conteúdos, na forma de um ensino mais agradável, lúdico, nas escolas, com o apoio dos quadrinhos. E, no final do século XX, a partir dos meados dos anos de 1990, os autores de livros didáticos, no Brasil, incluíram efetivamente a linguagem dos quadrinhos em suas produções, incentivados pelas avaliações, conforme atestam Rama e Vergueiro (2014). Isso nos remete ao pensamento de que houve alguma indiferença no que se refere ao uso dos textos em quadrinhos na educação.

O preconceito com os quadrinhos tem origens históricas. Na Idade Média, as imagens eram utilizadas para comunicar com aqueles que não sabiam ler, a classe desfavorecida, logo desvalorizavam o código não verbal em favor do escrito já utilizada nas classes sociais consideradas mais altas. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o consumo dos quadrinhos estava ampliado pelo despontamento dos super-heróis, destacaram-se as histórias de terror bem realistas e a sociedade norte-americana preocupou-se com a influência dessas sobre os leitores. Baseado nesse segmento de quadrinhos e em alguns casos patológicos de jovens, o psiquiatra Wertham denunciou as revistas em quadrinhos,

afirmando, por exemplo, que Batman e Robin induzem ao homossexualismo e que o Superman pode incentivar uma criança a se atirar do alto de um prédio, por exemplo. Com isso, surgiram legislações restritivas aos quadrinhos.

No Brasil, foi elaborado um código semelhante ao desenvolvido nos Estados Unidos, visando a zelar dos valores morais e religiosos dos filhos e alunos, o Código de Ética dos Quadrinhos – *Comics Code*. Mas as denúncias do renomado psiquiatra que continuava atuando contra as revistas em quadrinhos provocaram o descarte dos textos em quadrinhos nos meios intelectuais.

Frederic Wertham, psiquiatra alemão radicado nos Estados Unidos, encontrou espaço privilegiado para uma campanha de alerta contra os pretensos malefícios que a leitura de histórias em quadrinhos poderia trazer aos adolescentes norte-americanos. Baseado nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos, o dr. Wertham passou a publicar artigos em jornais e revistas especializadas, ministrar palestras em escolas, participar de programas de rádio e tevê, nos quais sempre salientava os aspectos negativos dos quadrinhos e sua leitura. (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 11).

Esse psiquiatra descrevia uma trama psicológica desencadeada pela leitura dos quadrinhos. Isso pode ter servido de inspiração para o norte-americano Charles Schulz, que, em 1950, criou Peanuts (nome original do Snoopy) e Charlie Brown, um garoto inseguro, que apresenta problemas psicológicos. As dificuldades dos personagens contribuíram para a criação de tiras intelectuais, colaborando para a discussão sobre o cotidiano, reflexão filosófica da vida, percepção da realidade e identificação com os problemas da sociedade. Provavelmente essas dificuldades do personagem tenham possibilitado a identificação com a realidade dos seus leitores.

A seguir, apresentamos uma tira (Figura 8), com o objetivo de exemplificar uma dificuldade que o personagem de Schulz – o famoso Snoopy, apresenta e que nos leva a refletir sobre as questões mais básicas do ser humano referentes à própria existência.

Figura 8 – Tira sobre questões da vida



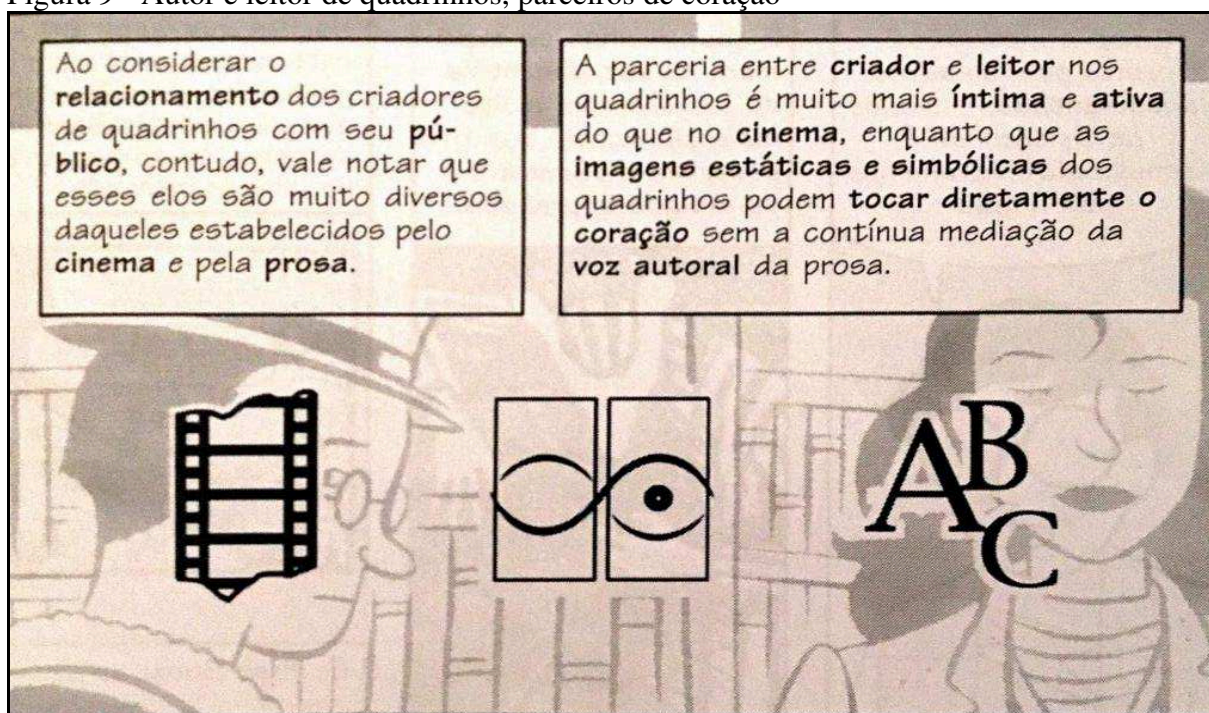
Fonte: Ávila (2012).

No uso simultâneo de linguagem verbal e não verbal, o gênero tira geralmente consegue chamar a atenção, atraindo leitores, por sua maneira atraente e organizada em quadrinhos que seduzem. A partir desses quadrinhos, o autor procura entreter e explicitar seus propósitos sociais, “[...] busca a participação ativa do leitor por via emocional, assistemática, anedótica, concreta.” (KAUFMAN; RODRÍGUEZ, 1995, p. 39). A relação entre os autores dos quadrinhos e seus leitores apresenta-se em nível de intimidade maior que a relação estabelecida com o cinema, segundo McCloud (2006).

Num dialogismo bakhtiniano, os efeitos dos quadrinhos produzidos pelas diferentes visões de mundo particularizam sensibilidades na vida real que transcendem o potencial de outros gêneros (Figura 9). As imagens dos quadrinhos podem tocar o coração mais que a prosa.

Palavras e imagens se fundem, traços e linhas se encontram. Até mesmo o vazio entre quadrinhos funciona como elo, contribuindo para que o leitor interprete esses textos de uma maneira subjetiva e envolvente, uma vez que “[...] o coração dos quadrinhos está no espaço entre um quadro e outro [...]” (MCCLLOUD, 2006, p. 1).

Figura 9 - Autor e leitor de quadrinhos, parceiros de coração



Fonte: McCloud (2006, p. 39).

Essa interação entre os cartunistas e seu público se dá por meio da linguagem própria dos quadrinhos, de uma maneira singular.

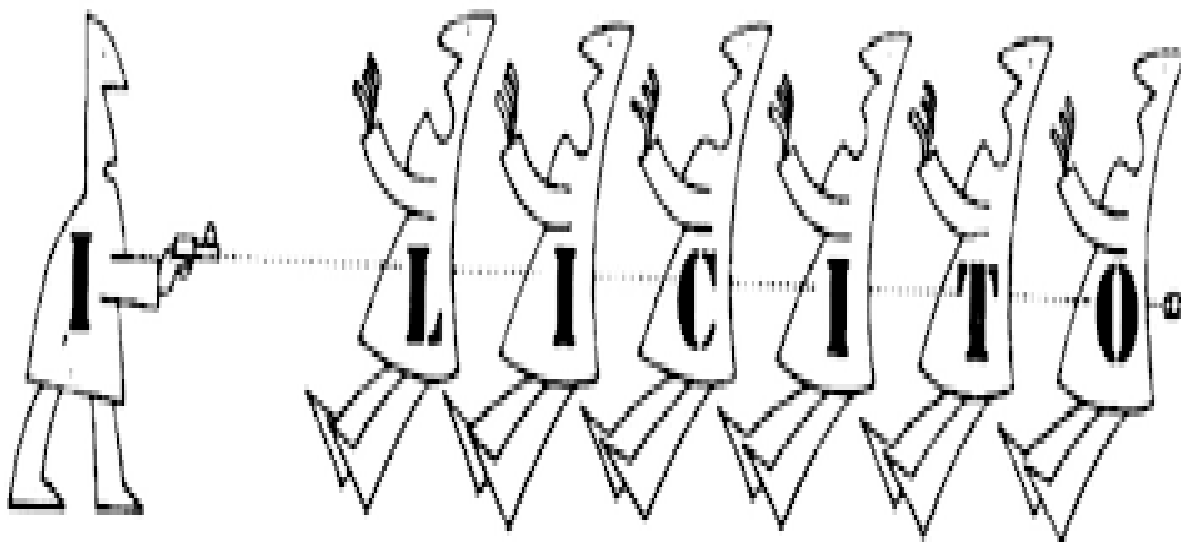
1.3 A singularidade do gênero discursivo tira

Hoje, com a certeza da necessidade de uso dos diversos gêneros na sala de aula, os professores não têm dúvida de que devem trabalhar com histórias em quadrinhos, tiras, cartuns e charges. Porém ainda podem se perguntar sobre os aspectos que devem ser explorados nesses textos em quadrinhos, uma vez que o universo dos textos em quadrinhos é bastante complexo, considerando que a linguagem deles é específica, singular, única.

O hipergênero quadrinhos se divide em gêneros que devem ser compreendidos de forma distinta, quando se trata da elaboração de práticas pedagógicas na área da educação, defende Ramos (2010). Esse autor diferencia os gêneros em quadrinhos: a charge trabalha com a caricatura de figuras reais e a tira com personagens fictícios; a charge vincula-se ao noticiário e o cartum, a uma situação corriqueira.

O cartum, a seguir, (Figura 10), utiliza da representação gráfica de um recurso linguístico de caráter morfológico, a partir da segmentação dos morfemas, com seus personagens fictícios e pode ser compreendido sem depender da leitura de notícias de figuras reais.

Figura 10- Cartum



Fonte: Caulos (2001, p. 54).

Já a charge seguinte (Figura 11) lembra figuras reais de pessoas que chegam após o fechamento dos portões que dão acesso ao local das provas do Exame Nacional do Ensino

Médio (ENEM). Para entendê-la, faz-se necessário conhecimento prévio sobre horário de verão, as regras do ENEM e ter lido sobre o “show dos atrasados⁷”, por exemplo.

Figura 11- Charge



Fonte: Duke (2018).

Portanto a charge estabelece uma ligação com a notícia, o que torna a crítica desse quadrinho, de certa forma, temporal, uma vez que, se não for recente, corre o risco de não estabelecer o vínculo charge-notícia, comprometendo o entendimento desse tipo de quadrinho.

Tira, cartum e charge são, em conformidade com Magalhães (2006), uma *gag*, uma piada ingênua ou crítica. Esses três gêneros discursivos fazem parte de uma mesma esfera: a do jornalismo.

A tira humorística é comparada a uma piada, porque se desenvolve de maneira que geralmente leve a um desfecho surpreendente. Se forem tiras seriadas, o último quadro cria um suspense para o leitor acompanhar a história. De forma peculiar, a tira quebra a expectativa do leitor na troca de signos, no último quadrinho. Sua estrutura apresenta três funções implícitas: “[...] uma situação inicial; um elemento que desvia o curso natural da ação; e a disjunção operada por este elemento, que vai provocar, via de regra, o riso.” (MAGALHÃES, 2006, p. 22).

⁷ "Show dos atrasados" no ENEM 2018 é o assunto mais comentado no Twitter no Brasil. [...] - Leia mais em <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/show-dos-atrasados-do-enem-fica-entre-topicos-mais-comentados-no-twitter>.

Essa sequência narrativa que termina com um elemento disjuntor é característica peculiar das tiras, que, formalmente, são histórias em quadrinhos compostas de três ou quatro quadros. Porém, no universo dos quadrinhos, a tira apresenta exceção, estruturando-se em um só quadro (Figura 12), como o cartum e a charge. E, por vezes, estes podem aparecer em mais de um quadro.

Figura 12 - A tira de um único quadro - Frank & Ernest, de Bob Thaves



Fonte: Thaves (2018).

A pintura que faziam nas cavernas “parece sim” com os atuais emojis. Os emojis são pictogramas que não diferem muito das pinturas rupestres. Emojis foram criados na década de 90, primórdios da *internet*, prova disso é que os primeiros símbolos produzidos pelo japonês Shigetaka Kurita fazem parte do Museu de Arte Moderna de Nova York, conforme notícia Freire (2014). Essa linguagem da era digital expressa, por meio da imagem, emoções que a escrita por si só não consegue expressar.

Gestos, expressões faciais e sentimentos são muito importantes na interação face a face, logo, na comunicação à distância, via celular, por exemplo, na tentativa de utilizar uma linguagem híbrida, fala e escrita, os interlocutores se valem de emoji, ou do seu precursor emoticon⁸. Na Pré-História, pintavam cavernas (cenas do dia a dia, das caçadas...) também para expressar seus sentimentos, pensamentos.

Ironicamente, “não existiam emojis no tempo das cavernas”, esse é o elemento disjuntor, em que o “mas” desencadeia a quebra de expectativa do leitor, gerando o humor.

⁸ *Emoticon* é um termo criado a partir das palavras inglesas *emotion* (emoção) e *icon* (ícone). E *emoji* é elaborado a partir das palavras japonesas *e* (imagem) e *moji* (personagem).

Todo o trabalho de arqueologia, a linguagem não verbal (ferramentas, vestimentas, espaço...), contribui para gerar uma expectativa diferente, pois não se espera a afirmação de que aparelhos tecnológicos não existiam no tempo das cavernas (o óbvio). A semelhança do rupestre com o moderno pode sugerir retrocesso, crítica ao desenvolvimento da comunicação em geral.

Nossas inferências, a partir dessa tira, remeteram-nos ao impacto das tecnologias nas línguas, esta nova realidade que aponta para o chamado letramento digital. “O letramento digital está dentro do letramento mais amplo, não linearmente, mas numa rede de possibilidades. Ele pode começar no impresso e partir para os digitais, uma vez que muitas ações se assemelham nesses ambientes; ou fazer o trajeto no sentido contrário.” (RIBEIRO, 2012, p. 45). O importante é que o gênero tira pode contribuir significativamente para aprimorar a capacidade de uso da linguagem e está presente também no mundo digital. Ademais, existem ferramentas tecnológicas⁹ para a construção desse gênero.

A tira é um texto midiático que ganhou vida própria em revistas autônomas, consolidou-se nas páginas dos jornais, provocando reflexões tanto sobre trivialidades, quanto sobre questões sérias do mundo, com seus personagens que nos imitam, trazendo entretenimento, questionamento, denúncia e mesmo autocrítica, nas páginas de revistas, jornais ou na *Web*, por meio de redes sociais, sites, *blogs* e outros.

Com um, dois, três, quatro quadrinhos, a tira se diferencia do cartum e da charge por geralmente ter personagens fixos: um personagem principal em torno do qual gravitam outros. Ao passo que o fato do noticiário é a principal diferença entre charge e cartum. Este trata de situações atemporais, através de personagens comuns; aquela, de situações ligadas a acontecimentos que exigem do leitor informações sobre as notícias da época de publicação da charge, além de que os personagens desta exercem certa influência no contexto social. Salientamos que “[...] a charge aborda temas do noticiário e trabalha em geral com figuras reais representadas de forma caricata, como os políticos; a tira mostra personagens fictícios, em situações igualmente fictícias.” (RAMOS, 2010, p. 16).

Na prática de sala de aula, os discentes apresentam dificuldades na compreensão das tiras, por não reconhecerem as unidades dos códigos verbal e não verbal, pela falta de observação crítica dos elementos estruturais do gênero e da forma de organização das tiras, conforme observamos nesta pesquisa. O papel do professor no que diz respeito ao trabalho

⁹ Criar gêneros em quadrinhos pode ser por meio de ferramentas tecnológicas. A título de exemplos, citamos HagáQuê, Pencil, Pixton, Stripcreator e ToonDoo.

com esse gênero é ajudar a reconstruir a compreensão textual, a elucidar os efeitos produzidos pelo uso das linguagens que compõem esse gênero.

Cada gênero do discurso é um tipo relativamente estável e apresenta três elementos que estão interligados no todo do enunciado: conteúdo temático, construção composicional e estilo (BAKHTIN, 2003). O conteúdo temático abrange as diferentes atribuições de sentidos e seus recortes possíveis para um dado gênero do discurso. Ligado ao conteúdo, está o estilo do gênero do discurso, que são, por exemplo, recursos linguísticos (fraseológicos, gramaticais e lexicais):

[...] no fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. (BAKHTIN, 2003, p. 266).

E a construção composicional é a estruturação do texto, o seu caráter relativamente estável ou a maneira como ele é organizado na sociedade, visivelmente reconhecido. Dessa forma, essas três peculiaridades dos gêneros discursivos apontadas por Bakhtin (2003) devem ser abordadas em sala de aula, no trabalho com os textos, em especial, com as tiras, o gênero em questão.

O peculiar gênero tira, que surgiu nos Estados Unidos, nas páginas de jornais, no início do século XX, em sua constituição, apresenta um elemento que esteve presente desde os primórdios: a imagem gráfica. Além disso, o *corpus* deste estudo possui características peculiares, a saber:

- a) quadrinhos predominantemente retangulares;
- b) dimensão dos quadrinhos limitados pelo espaço reservado às tiras – nos jornais, por exemplo, uma sequência de três a quatro quadrinhos;
- c) recorrência de ambientes, personagens e outros, isto é, comportamentos básicos;
- d) códigos visuais, a imagem chama a atenção e o sonoro aparece escrito – as onomatopeias.

Esses fatores podem direcionar para uma agilidade maior de compreensão do que os textos puramente verbais.

Para simplificar essa questão, como forma de mostrar a importância de compreender a linguagem das tiras no trabalho em sala de aula, considerando as análises anteriores do

gênero em questão e com base nas referências bibliográficas desta pesquisa, criamos o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - A linguagem das tiras

Alguns aspectos a considerar na linguagem do gênero tira	Algumas considerações sobre os aspectos que contribuem com a linguagem do gênero tira
Contexto	Referências históricas, culturais, políticas e outras. A situação em que se processa a história.
Cores	Composição cromática que se conecta com o percurso gerativo de sentido. Comunicação visual, com seus estímulos visuais, que podem transmitir sensações e possibilitar leitura pertinente ao contexto.
Balões	Meio de comunicação dos personagens das tiras marcado pelo uso predominante da linguagem verbal. “Os balões talvez sejam o recurso que mais identifica os quadrinhos como linguagem.” (RAMOS, 2010, p. 34). Portanto, a seguir, discorreremos mais sobre esse recurso.
Apêndice/rabicho	Uma extensão do balão. Pode acompanhar o contorno do balão ou apresentar uma caracterização própria. Em formato de bolhas indica pensamento. O uso depende da criatividade do cartunista, podendo ser em formato de rabicho pontiagudo, de seta, de corações, de forma quebrada (aparelho eletrônico) e outros.
Metáforas visuais	Recurso convencional que apresenta uma simbologia figurativa, conotações que se tornaram convenções.
Requadro/vinheta /encapsulamento	A unidade do sintagma narrativo. É o quadrinho com seus limites. A configuração do enquadramento pode variar em forma (retangular, quadrada, redonda) ou em relação ao tamanho. Tudo depende do espaço e do tempo que se quer representar.
Calha/sarjeta/elipse/ lapso de tempo	Espaço vazio entre os requadros. É um elemento de conexão das vinhetas. Entre um encapsulamento e outro, a imaginação do leitor dá sequência ao texto.
Onomatopeia	Palavra que sugere som, representação gráfica de sons.
Recursos metalinguísticos/ metaficcionalis/ intertextuais	Maneira de utilizar a linguagem: a tira pode recorrer ao recurso de explicar suas próprias regras, de mostrar que é uma obra fictícia, de lembrar outros textos. O que exige do leitor que se conheça esses outros textos e o próprio gênero tira para que se realize a compreensão.
Personagem	Participante da narrativa que, muitas vezes, possibilita a reflexão e divulga ideologia.
Enredo/roteiro/ assunto/conteúdo/ informação	O fio condutor da história (diálogos, conflitos, reviravoltas, clímax e desfecho). Elemento da narrativa que, no gênero discursivo tira, muitas vezes, caracteriza-se pela presença do elemento disjuntor, fazendo com que a narrativa tome uma direção nova e surpreendente, gerando o efeito cômico.

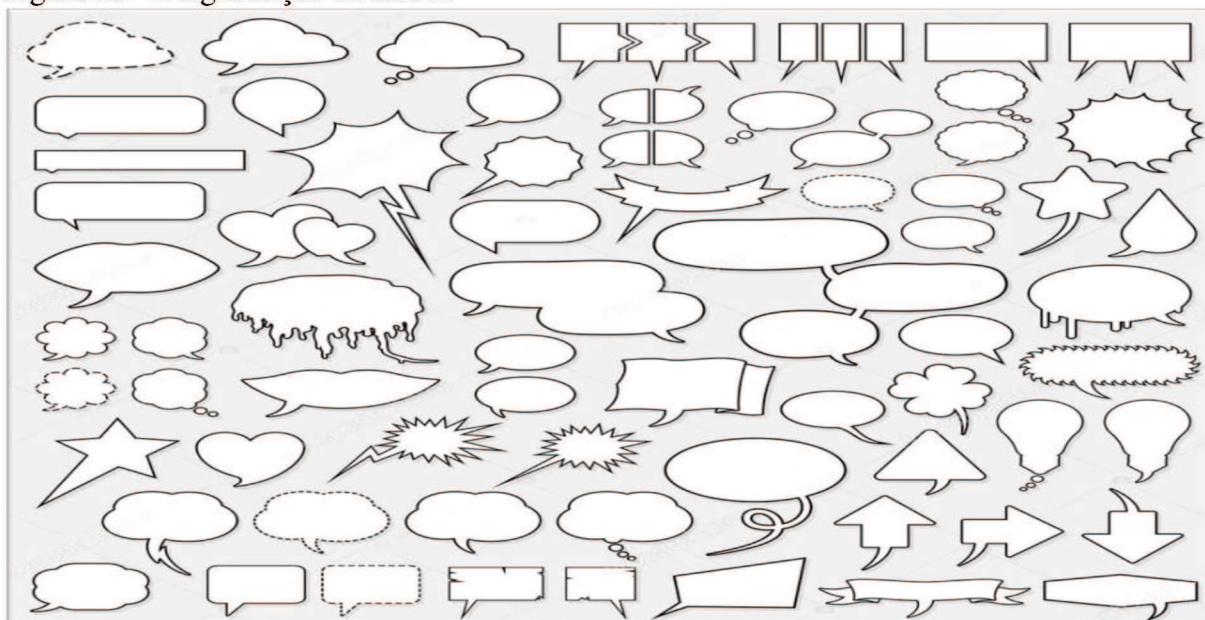
Cenário da história/ ambientação.	Espaço, aspecto artístico evidente nos quadrinhos. O local da ação, o que está ao alcance dos olhos. A distribuição das imagens no espaço dos quadrinhos diz muito sobre o que se pretende evidenciar.
Estilo gráfico	Técnicas e recursos que têm valor de linguagem, como traços, sombras.
Linhas cinéticas	Linhas que indicam o movimento do personagem ou do objeto. Maneira de transmitir sensações e movimentação nas imagens fixas.

Fonte: adaptado de McCloud (2006), Rama e Vergueiro (2014), Ramos (2010), Vergueiro e Ramos (2009) e Vergueiro e Santos (2015).

Inicialmente, o formato do balão (linha preta e contínua, reta ou curvilínea) indicava trecho de fala em discurso direto, uma adaptação dos travessões e aspas nos textos literários e jornalísticos. Convencionou-se chamar esse de balão-fala, que se tornou referência para os demais. Com os anos, passou-se a indicar também pensamento e ganhou novos contornos e formas (Figura 13).

O balão continua indicando a fala ou o pensamento do personagem, mas ganha outra conotação e expressividade. O efeito é obtido por meio de variações no contorno, que formam um código de sentido próprio na linguagem dos quadrinhos. As linhas tracejadas sugerem voz baixa ou sussurro. A forma de nuvem revela o pensamento ou imaginação da figura representada. O sentido dos traços em ziguezague varia conforme o contexto situacional. Podem indicar, por exemplo, voz alta, gritos, sons eletrônicos. (RAMOS, 2010, p. 36).

Figura 13 - Diagramação de balões



Fonte: Qomarudin (2017).

O balão possui o continente (corpo e rabicho/apêndice) e o conteúdo (linguagem escrita e/ou imagem). Cada elemento possui carga semântica e expressiva. O corpo do balão, segundo Cagnin (1975 *apud* RAMOS, 2010, p. 37-40), são as diversas formas de balão (segundo esse autor, já foram elencadas 72 formas distintas de balão¹⁰), entre elas: balão-fala, balão-pensamento, balão-cochicho, balão-berro, balão-trêmulo, balão de linhas quebradas, balão-vibrado, balão-glacial, balão-unísono, balões intercalados, balão-zero ou ausência de balão, balão-mudo, balões-duplos (ao que Ramos (2010) sugere o termo balão-composto; acrescenta Eguti (2000 *apud* RAMOS, 2010, p. 41): balão-sonho, balão de apêndice cortado e balões especiais.

Já que o formato dos balões pode indicar sentimentos, atitudes e as mais variadas emoções e intenções (Figura 14), portanto o balão assume um papel imagético.

Figura 14 - Tipos de balão



Fonte: Gentil (2009).

¹⁰ Esse número já se esgotou com os recursos da informática. É provável que um novo levantamento das formas de balão não consiga estabelecer a quantidade que existe, considerando os recursos atuais.

Balão e apêndice/rabicho estão imbricados. Às vezes, aparece, sem o apêndice, distinguindo dos vários balões, em formato retangular, o que se convencionou chamar de legenda (Figura 15). Geralmente ela é de uso do narrador, ou do narrador-personagem.

Figura 15 – Tira com o uso de legendas



Fonte: Rodrigues (2012).

Nos balões, há diversos exemplos de letras que agregam sentidos, variando conforme o contexto. Ramos (2010) esclarece: letras menores indicam sussurro; em negrito, fala mais emocional; letra com mudança de cor, caracterizando o personagem; letras duplicadas, prolongamento do fonema, recurso próprio da fala, assim por diante. É importante notar o traçado da imagem, tanto da palavra, quanto do balão.

Na tira seguinte (Figura 16), no primeiro quadrinho, a letra está toda em minúscula, pequena, um pouco embaralhada e o homem e seu balão possuem linhas sinuosas.

Figura 16 – Tira e a importância do traço



Fonte: Laerte (2018).

Em contrapartida, o balão do papagaio é circular, com letra grande, legível e em maiúscula. O que revela o tom de voz, a altura do som e até mesmo como se sentem os personagens e suas intenções.

No segundo quadrinho, destaca-se o número 5, o homem grita, percebemos pelos traços das letras e do balão; ameaçando o papagaio com o dedo indicador. No terceiro quadrinho, o homem retoma as características do primeiro quadrinho, enquanto o papagaio o observa de bico fechado. No quarto quadrinho, o pássaro o interrompe hesitante, falando baixo: o formato da letra é pequeno, apesar do tamanho do balão. O homem retoma o estilo de ameaça, intensificando-a, com ênfase no número 2, novamente gritando.

Não há linhas demarcadoras dos quadrinhos, o que não dificulta a leitura. A vinheta é percebida com sua demarcação de tempo e espaço. Provavelmente, o encapsulamento não contribuiria para o destaque das linhas sinuosas, do estilo gráfico que transmite as sensações e os sentimentos pretendidos pelo produtor da tira.

Quando o contorno da letra, dos quadrinhos e dos balões foge ao tradicional (Figura 17), Cagnin (1975 *apud* RAMOS, 2010, p. 57) denomina esse fenômeno de “[...] função figurativa do elemento linguístico.”

Realmente, a inspiração de Carlos Ruas (Figura 17) rompeu paradigmas, despadronizou o comum, pois fugiu ao tradicional dos quadrinhos. Com isso, o autor foi bastante expressivo. Vemos que Deus, o personagem de barba, pergunta: “O que tá havendo?” e Adão, metalinguisticamente, responde: “O Ruas acordou inspirado hoje! Querendo romper paradigmas! E resolveu fazer uma tira despadronizando o comum!” Enquanto isso, os requadros os obrigam a movimentar, percebemos isso pelos contornos e as linhas cinéticas.

Os balões apenas insinuam seus contornos, não foram desenhadas as linhas do entorno das falas e o rabicho é diferente do convencional.

A onomatopeia que expressa a queda “PAF!” rompe a vinheta, intensificando a consequência da criação do autor da tira. O que parece o fim é o começo da reclamação de Deus, já irritado, as linhas do seu lado esquerdo e sua expressão fisionômica denunciam “Eu odeio quando ele inventa essas coisas! Que nem aquelas tiras *non sense* que ele cria de vez em...”.

Novamente Deus é incomodado, agora por um personagem, o que conduz o Senhor à conclusão: “Melhor eu ficar quieto”. É melhor continuar nessa posição em que aparece no último quadrinho, afinal, intertextualmente, é “Um sábado qualquer” e foi no sétimo dia que Deus descansou.

Figura 17 – Tira que mostra a função figurativa do elemento linguístico

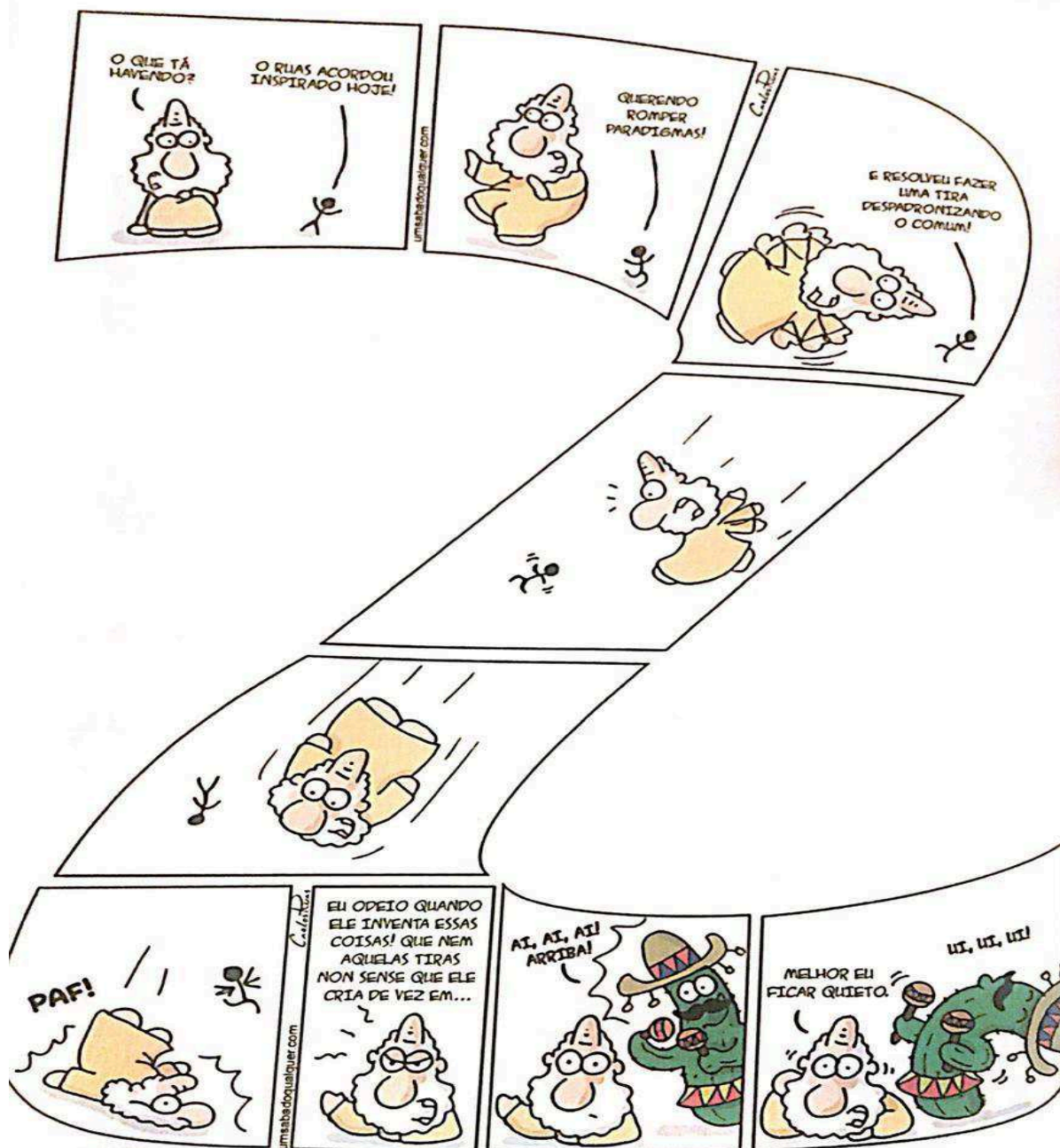


Figura 1.28 – Um sábado qualquer, de Carlos Ruas.

Fonte: RAMOS (2017, p. 28).

Notamos, nos aspectos gráficos onomatopaicos (Figura 17), certa sutileza, o que não impediu o autor de usufruir bem do *layout* de página, do design gráfico, sugerindo movimentos, sensações e sentimentos.

Quanto à onomatopeia (Figura 18), “[...] não há regras para o uso e criação das onomatopeias. O limite é a criatividade de cada artista.” (RAMOS, 2009, p. 78). Cada autor redesenha esses sons.

Figura 18 - Onomatopeias



Fonte: Qomarudin (2017).

Se a onomatopeia expressa a criatividade do artista, podemos observar quadrinhos de fundo colorido, remetendo à ideia de desenhos animados (Figura 19), com onomatopeias no estilo Pop Art¹¹ (cores vivas, diferentes, como colagem).

Figura 19 - Onomatopeias em discurso Pop Art



Fonte: Qomarudin (2017).

¹¹ A Pop Art exerceu uma grande influência no mundo artístico e cultural, influenciando o grafismo e os desenhos relacionados à moda. Abreviatura de Popular Art foi um movimento artístico que se desenvolveu na década de 1950, na Inglaterra e nos Estados Unidos (BARBOSA, 2010).

Quando se fala em onomatopeias, assim como em balões e requadros, logo nos lembramos de gibis, ou melhor, dos quadrinhos. Porém muitos não estabelecem uma diferenciação entre onomatopeias e interjeições. Para retirar essa dúvida, podemos começar da seguinte forma: “[...] as onomatopeias [num sentido restrito] representam sons alheios ao falante, e as interjeições são exemplos de discurso direto.” (VERGUEIRO; SANTOS, 2015, p. 67). Portanto as onomatopeias podem ficar distantes de qualquer ligação com os personagens, podendo estar em qualquer lugar da página e do quadro.

Além desses, no universo dos quadrinhos, o bom leitor percebe elementos básicos da oralidade, como os turnos conversacionais, o assalto de turno, os marcadores conversacionais, bem como “[...] linguagem econômica, frases muito curtas, palavras ou construções que remetem a uma pluralidade de significados, poucos personagens, caracterizados com traços sintéticos.” (KAUFMAN; RODRÍGUEZ, 1995, p. 40). Essa economia linguajar e pluralidade significativa exigem habilidades de leitura específicas para o gênero tira e, considerando o poder argumentativo dos textos em quadrinhos, estes podem provocar mudanças em seu público-leitor, mediando reflexões. No universo textual dos quadrinhos, imagens e palavras se complementam professando a argumentação.

II A RELAÇÃO ENTRE O GÊNERO TIRA E A ARGUMENTAÇÃO

“[...] a palavra [...] produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva”
(STELLA, 2005, p. 178).

Os quadrinhos penetram nas diversas camadas sociais para atender a um público fiel, atraindo um grande número de fãs. Em seus enunciados está intrínseco o argumentar. Afinal, utilizamos textos para discutir nossas ideias e procuramos fazer com que nosso interlocutor aceite-as como verdade, não seria diferente com os textos que aparecem em sequência de quadrinhos, em especial com o gênero discursivo tira.

Pensando assim, como o que pretendemos discutir tem relação com o ensino e a aprendizagem, perseguimos ideias com fins a determinar que ensinar/aprender a argumentar deve ir além de análises das estruturas e técnicas argumentativas. Para tanto, buscamos respostas para nossas perguntas: como relacionar argumentação e construção do conhecimento, numa visão bakhtiniana dos estudos discursivos? Como se estabelece a relação de sentido do gênero tira com a argumentação?

2.1 A dimensão argumentativa nos gêneros discursivos

No processo de desenvolvimento das interações dos alunos na e com a sociedade, considerando a importância do trabalho com a argumentação na sala de aula e a necessidade de desenvolver a competência comunicativa dos alunos, tomamos consciência de que o aluno precisa compreender o que Koch (2004) defende, isto é, todo discurso em menor ou maior grau carrega uma ideologia, pois procuramos persuadir e/ou convencer em nossas interações.

É importante entender que o outro, o ouvinte, se torna falante, muitas vezes, no processo comunicativo. No processo dialógico, os ouvintes não são passivos, estão numa ativa posição responsiva, interagem, concordando, discordando, refutando, completando o sentido do enunciado, enfim, considerando o dialogismo, o autor, ao produzir seu texto, argumenta, considerando o diálogo com o leitor.

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu

início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Essa simultaneidade argumentativa, independentemente do suporte, está presente nos textos, segundo Koch (2004). Considerando a origem da palavra, provinda do latim *argentum*, “prata”, cuja raiz *argu-* significa “fazer brilhar, cintilar”, é o argumento que dá realce ao texto.

Na argumentação, não se trabalha com o verdadeiro e o falso, trabalha-se com o verossímil. “O verossímil é o que parece verdadeiro, em virtude de um acordo numa dada formação social numa determinada época.” (FIORIN, 2017, p. 77). Logo, em nossas interações, produzimos textos, a partir de evidências, que são proposições ideológicas, sociais, de uma época.

Assim, não temos acesso direto à realidade, porque há sempre um ponto de vista que precede qualquer interpretação: “[...] bem longe de dizer que é o objeto que precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1999, p. 15). Vale uma tira (Figura 20), em que se explica esse pensamento, em balões que extrapolam o limite dos quadros:

Figura 20 – Tira sobre a essência da percepção



Fonte: Salgado (2012).

Como a neutralidade é mito, portanto, de forma explícita ou implícita, todo discurso possui recursos argumentativos, porque seu objetivo é conseguir a adesão do leitor e/ou ouvinte.

De maneira consciente ou não, o produtor do texto argumenta para que o receptor desse texto acredite nas palavras, imagens e gestos produzidos. Isso ocorre porque quando interagimos com o outro, buscamos persuadi-lo, convencê-lo, argumentando.

Ademais, porque o dialogismo, na concepção bakhtiniana, é o modo de funcionamento real de quaisquer discursos, tanto para os que se apresentam explicitamente argumentativo, tanto para os que não se apresentam como tal. Portanto, necessariamente, todo evento dialógico é argumentativo.

O ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende 'neutro', ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2004, p. 17).

A natureza dialógica do discurso é a relação de sentido que se estabelece entre enunciados. Cada enunciado refere-se a outro enunciado, seja para complementar, confirmar, refutar; quer dizer, numa dimensão dialógica, cada tomada de posição é um elo na cadeia da comunicação. Portanto, reafirmamos que todo discurso tem uma dimensão argumentativa.

Na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento. Todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso. (FIORIN, 2017, p. 29).

E assim, no texto, existem pistas de que o produtor textual tenta nos convencer e/ou persuadir utilizando dos recursos que o gênero discursivo dispõe. Koch (2004) explica que convencer é diferente de persuadir. Convencer trata de raciocínio lógico, racional; persuadir considera as emoções do interlocutor para sensibilizá-lo. Logo, persuadir, é "falar à emoção" (ABREU, 2006, p. 25) e convencer é "falar à razão" (ABREU, 2006, p. 25); isto é, a argumentação é o ato de convencer o outro, no gerenciamento da informação, uma vez que usamos argumentos racionais; ao passo que persuadir se dá por meio do gerenciamento da relação, porque presumimos os valores do outro.

Para uma coerência interna, com o objetivo de convencer e/ou persuadir, a argumentação utiliza o raciocínio indutivo (parte de fatos particulares para uma conclusão geral), ou o raciocínio dedutivo (do enunciado geral para provar um fato particular), podendo

usar, entre outros, a analogia (provas a partir de semelhanças dos casos) e a experiência (exemplificações que sustentam a tese).

Diversos autores, como Fiorin (2017), postulam que um vocabulário adequado à situação de interlocução dá credibilidade às informações veiculadas; que o uso de citações de autores transmite a ideia de conhecimento do assunto; que existem proposições universalmente aceitas; que fatos da experiência cotidiana podem ser provas convincentes ou persuasivas; que relações entre causa e consequência se constituem em raciocínio muito bem aceito pelos interlocutores; que a definição pode atender aos propósitos argumentativos; que a retorsão (do verbo retorquir, “contrapor”) pode fazer o argumento voltar-se contra o enunciador; que na busca da verdade da proposição faz-se apelo ao bom senso, à lógica quantitativa, em que é avaliado como falsidade o que é defendido pela minoria, ao passo que a proposição sustentada pela maioria é vista como verdade; que tanto a narração quanto a descrição podem servir aos propósitos argumentativos (contamos histórias que lemos, ouvimos, observamos ou vivenciamos como forma de convencer/persuadir nosso interlocutor e apresentamos fatos em detalhes que direcionam o pensamento do outro para o que desejamos); que a citação dos conhecimentos de outrem ou de si próprio contribui para que aceitem nosso ponto de vista, baseando-se na autoridade, na especialização, na credibilidade ou na integridade pessoal. E assim por diante.

Consideremos, por exemplo, o papel argumentativo de partes de palavras, como os sufixos –ismo, –inho, que muitas vezes têm sentido desqualificante (o vocábulo denuncismo - ato de fazer denúncias sem base na realidade – e mulherzinha podem ter sentido pejorativo), além de que gestos, expressões corporais, maneira de ser, de dizer, de vestir argumentam constantemente, portanto vivemos argumentando.

Segundo Koch (1993), cada texto, em sua enunciação, estabelece relações argumentativas e, entre os interlocutores, há um jogo de representações, com imagens recíprocas e máscaras assumidas. Conforme Koch e Elias (2016, p. 121), os articuladores textuais, também chamados por elas de operadores do discurso ou marcadores discursivos, são importantes na orientação argumentativa, no estabelecimento de coerência e coesão. Koch (2004) afirma que a língua possui “[...] mecanismos de orientação argumentativa dos enunciados [...]. É a esses mecanismos a que se denominam marcas linguísticas da enunciação ou da argumentação. Outras vezes, tais elementos são modalizadores já que têm a função de determinar o modo como aquilo que se diz é dito.” (KOCH, 2004, p. 14).

Os enunciados são encadeados por operadores argumentativos, articuladores, modalizadores, marcas das intenções do locutor, pressuposições e outros. É importante que o aluno do Ensino Fundamental perceba que, em cada enunciado, a linguagem deixa vir à tona seus aspectos valorativos e ideológicos. Para tal, o documento normativo BNCC estabelece em uma das Competências Específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental: “Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.” (BRASIL, 2017, p. 85).

Portanto todo texto, se é o manifestar/negociar de ideias, é de caráter argumentativo. Reiterando que a comunicação se estabelece na relação dialógica dos textos, como ensina o dialogismo bakhtiniano, isto é, todo enunciado é eco de outro enunciado, resposta a enunciados anteriores. Logo o que orienta a argumentação nos enunciados é o posicionamento já estabelecido, pois o texto se manifesta para refutar, concordar, discordar, apoiar, enfim, como resposta a outro.

Na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento. Todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso. (FIORIN, 2017, p. 29).

Tendo em conta essas afirmações, podemos entender que, em maior ou menor grau, nossos textos expressam o poder argumentativo. Para a comunicação, é fundamental perceber a persuasão e/ou convencimento. Nas interações, diante de um tema polêmico, muitas vezes, posicionamo-nos, defendendo uma tese. Essa tese é defendida por meio de argumentos e estratégias que visam a assegurar que o outro aceite nossas ideias. Sendo que uma maneira de mostrar racionalidade/intelectualidade, muitas vezes vai além de opinião, que se transforma em um ponto de vista com boas razões. Cada razão conduz a uma indução ou dedução de algo, no exercício da argumentação.

Dominar procedimentos argumentativos é uma habilidade que a escola precisa valorizar, no processo de ensino e aprendizagem, para formar o cidadão hábil no uso da língua viva. O profissional de educação deve discutir, a partir dos textos, os argumentos utilizados pelo autor, para que o aluno compreenda a importância de cada elemento textual no conjunto comunicativo, tanto na linguagem verbal como na não verbal.

Abreu (2006) sugere que sempre agreguemos histórias aos nossos argumentos, para que estes fiquem “[...] infinitamente mais sedutores.” (ABREU, 2006, p. 70). Além de seduzir, as narrativas ilustram a tese que queremos defender. Dessa forma, entendemos que a

narrativa das tirinhas, a história contada nelas pode ser um recurso argumentativo, uma maneira de ilustrar o ponto de vista sobre algo.

Os PCNLP (BRASIL, 1998) definem a argumentação como uma capacidade relevante para o exercício da cidadania, por meio da análise das formas de convencimento empregadas nos textos, da percepção da orientação argumentativa que sugerem, da identificação dos preconceitos que possam veicular no tratamento de questões sociais etc. Afirmam que, em Língua Portuguesa, não devemos supor que qualquer tema deva receber o mesmo tratamento. “Os aspectos polêmicos inerentes aos temas sociais, por exemplo, abrem possibilidades para o trabalho com a argumentação.” (BRASIL, 1998, p. 41). Considerando o que expusemos até agora, que os dizeres possuem uma carga expressiva de persuasão e/ou convencimento, os diversos temas de que se constituem os textos, não só de questões sociais, abrem possibilidades para o trabalho com a argumentação.

A BNCC (BRASIL, 2017), acima de tudo, visa ao desenvolvimento de habilidades e competências, portanto é fundamental considerar as dez Competências Gerais da Educação Básica, em especial a que aponta a competência da ordem de argumentar que o aluno deve ter para atuar em sociedade:

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2017, p. 9, grifo nosso).

A BNCC (BRASIL, 2017) define, aprendizagens essenciais, entre elas, usa o verbo argumentar como Competência Geral da Educação Básica, em seguida, justifica por que o aluno deve aprender a argumentar: para formular as ideias, os pontos de vista, as decisões comuns, conseqüentemente, negociá-los, defendê-los. Esse documento normativo articula também com Competências Específicas da Área de Linguagens. Vale salientar que para desenvolver a criticidade do aluno, faz-se necessário utilizar diferentes linguagens na defesa dos pontos de vista:

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo. (BRASIL, 2017, p. 63, grifo nosso).

Assim, além de articular as Competências Gerais da Educação Básica com as Específicas da Área de Linguagens, essas se articulam com as Competências Específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental: “7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.” (BRASIL, 2017, p. 85).

Negociam-se ideologias, valores e sentidos, por meio de textos, no cotidiano. Os alunos precisam perceber que, diante de um fato polêmico, as pessoas geralmente exercitam sua capacidade de argumentação, seja ao emitirem opiniões, seja ao se engajarem ou não a determinados pensamentos. O exercício argumentativo é feito o tempo todo, em situações, muitas vezes, corriqueiras, como assistir ao noticiário na televisão, ouvir rádios, ler revistas, jornais, participar das discussões familiares e com amigos, decidir sobre negócios de compra e venda; defender os próprios direitos e os direitos de outrem, por exemplo. Nessas e em várias outras situações, recorreremos à argumentação, na tentativa de convencer o(s) outro(s) de nossa(s) verdade(s).

Argumentar, segundo Koch (2004), está no nível fundamental da língua, pois o argumento é inerente ao ser humano, uma vez que os dizeres se revelam com uma carga expressiva de persuasão, porque o emissor tenta convencer o destinatário a adotar a opinião apresentada. Essa tentativa de persuadir, muitas vezes, pode ser interna (autopersuasão), que, segundo Leitão (2011), é uma espécie de diálogo internalizado, quando o indivíduo discute consigo suas próprias ideias, em uma experiência metacognitiva (pensamento sobre o próprio pensamento) que lhe permite tomada de consciência e ações como fundamentar, avaliar, reafirmar, reformular sobre seu próprio pensar.

Os estudos argumentativos mais recentes, de um modo geral, remetem-nos à clássica retórica aristotélica, porque as primeiras reflexões sobre argumentação são atribuídas a Aristóteles, que inegavelmente é referência para compreender as noções de argumentação. Estudos da Retórica surgiram na Grécia, no século V antes de Cristo. É preciso entendê-la não como simplesmente obsoleta, mas como ciência que apresenta o poder de argumentar sem violência física, nem necessidade de estar face a face. Afinal a Retórica é considerada a súpula dos conhecimentos humanos, a suprema sabedoria.

Ela não está morta. Ainda hoje necessitamos de uma retórica contemporânea, uma ciência que ensine a leitura dos discursos que nos circundam, dos signos sociais. “Pois, se a escola nos ensina a decifrar as palavras, a traçar as suas letras, ninguém nos ensina, verdadeiramente, ler os discursos que se fazem ouvir ao nosso redor.” (MOSCA, 2001, p. 12). Isso quer dizer que cabe à escola ensinar o conjunto das práticas sociais de uso da linguagem,

dando significado aos discursos, revelando as variáveis argumentativas das frases no contexto, uma vez que, no processo de diálogo, a linguagem se situa de natureza argumentativa, não é apenas instrumento de informação; não só para informar utilizamos os códigos linguísticos, a linguagem se dá num processo de contato entre os sujeitos interlocutores, na comunicação e pela comunicação, inter-relacionando o implícito e o explícito.

Devido ao fato de, nesta pesquisa, termos o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da capacidade de argumentação dos alunos por meio de um trabalho que priorize práticas de leitura e de produção textual de forma significativa, envolvendo as tiras, perguntamo-nos como a argumentação se processa nesses textos e se as tiras são bem compreendidas pelos alunos, de modo que os discentes possam refletir e construir o conhecimento sobre o processo de argumentação na língua. Isso nos direciona para o estabelecimento de relação entre a argumentação e o gênero discursivo tira, com vistas à produção de sentido, a partir dos sinais verbais e não verbais.

2.2 A argumentação e o gênero discursivo tira numa relação de sentido

Considerando que o posicionamento a respeito de algum assunto faz parte do cotidiano dos alunos, é preciso dar voz a eles, organizar o planejamento para que eles se mostrem “sabedores” dos assuntos polêmicos. Porém, segundo Schneuwly e Dolz (2004), não é o bastante ter uma opinião, o texto deve ser ensinado. É importante desenvolver práticas educativas que instrumentalizem esses alunos no desenvolvimento de argumentos condizentes com as necessidades de ensino e aprendizagem, para que o processo educativo venha ao encontro dos reais interesses dos alunos.

Ao refletirmos sobre essa necessidade e considerarmos a relação de gêneros que os PCNLP (BRASIL, 1998) sugerem para serem trabalhados na sala de aula, chegamos à conclusão de que o trabalho com o gênero tira poderia contribuir para a satisfação de nossos objetivos pessoais e profissionais. Mesmo sendo a estrutura composicional construída com uma sequência narrativa em quadrinhos, o gênero tira se compõe, em sua grande maioria, de temas e conteúdos de valoração, com mensagens de caráter opinativo, a partir de uma maneira particular de entender a vida em sociedade.

O gênero discursivo tira se caracteriza por ser um texto curto, de estrutura em formato retangular, vertical ou horizontal, com um ou mais quadrinhos, diálogos curtos, recursos icônico-verbais próprios (como balões, onomatopeias, metáforas visuais, figuras

cinéticas entre outros), com personagens estáveis ou não e desfecho imprevisto. Utiliza, em seu estilo, as múltiplas linguagens, transmitindo a informalidade, de forma humorística e satírica. Vale salientar que as vinhetas da tira se valem dos recursos argumentativos do texto multimodal.

Na observação do gênero discursivo em questão, nossos estudos permitiram que descobríssemos como os elementos verbais e não verbais, na sua sequência narrativa, corroboram com a sequência argumentativa, tais como:

- a) a cor nos quadrinhos pode ser reveladora de alguma argumentação, maneira de nos convencer de alguma ideia;
- b) os quadrinhos (aspecto não verbal), considerando o formato (dimensão, tamanho, espessura da linha, contorno), podem ter o propósito de produzir sentido em consonância com o verbal;
- c) a linguagem verbal, que geralmente aparece nos balões, nas tiras, pode transmitir valores, reflexões que possibilitem tomadas de decisão;
- d) a postura dos personagens, as linhas, os traços, o desenho, a linguagem não verbal também argumentam, apresentando ideias de que o produtor quer nos dizer, persuadir e/ou convencer;
- e) na seleção lexical adequada à situação comunicativa das tiras, o produtor do texto pressupõe o destinatário;
- f) a tira pode tratar de tema predominantemente polêmico, ou melhor, apresenta um ponto de vista podendo haver outros pontos de vista;
- g) uma tira pode fazer remissão a textos ou a fragmentos que fazem parte da memória social dos leitores;
- h) há implícitos e/ou explícitos nas tiras que possibilitam refletir sobre aspectos socioeconômicos, ideológicos, políticos, enfim, sobre maneiras de ver o mundo.

Portanto, a argumentação e o gênero tira se relacionam de forma produtiva no que concerne ao estabelecimento de sentido(s) do texto. Em termos bakhtinianos, a tira, tipo relativamente estável de enunciado, em seu conteúdo temático, construção composicional e estilo, mesmo sendo classificada como do tipo narrativo, apresenta-se como uma ferramenta, um instrumento semiótico de sequência argumentativa, na medida em que, discursivamente, a argumentação é importante na produção de seu sentido.

Magalhães (2006) atesta que o gênero discursivo tira é importante na construção do pensamento de um país, por apresentar grande representatividade, agilidade e imediatismo. Um gênero que sempre mostrou perspicácia, característica própria de gênero jornalístico e traz em si muito da crônica, do artigo, do editorial, das charges, transitando na denúncia, na crítica, na sátira, com seu caráter informativo e opinativo, portanto atrai o leitor com suas críticas do cotidiano, de forma humorística ou satírica.

Esses textos em quadrinhos, nos seus códigos verbais e não verbais, relacionam-se produtivamente com os aspectos argumentativos da língua, por meio da crítica, do humor, com seus pontos de vista, razões e argumentos, expressando valores, comportamentos e sentimentos capazes de provocar a reflexão sobre o que nos cerca.

O gênero tira e seus aspectos argumentativos, hoje, estão presentes na mídia, veiculados em redes sociais, em exames de reconhecimento nacional, como ENEM (Figura 21).

Figura 21 - Tira no ENEM e o posicionamento argumentativo

ENEM 2013 • QUESTÃO 131

CURY, C. Disponível em: <http://tirasnacionais.blogspot.com>. Acesso em: 13 nov. 2011. (Foto: Reprodução)

A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude

A crítica, expressa pelas ironias.

B resignada, expressa pelas enumerações.

C indignada, expressa pelos discursos diretos.

D agressiva, expressa pela contra-argumentação.

E alienada, expressa pela negação da realidade.

Fonte: Danuta (2014).

Essa tira faz parte da nossa proposta didática. Nela, percebemos que a voz do narrador está nos retângulos (legendas), acima dos balões e das imagens, negando o que é comprovado logo abaixo, portanto ironizando, argumentando, expressando a opinião do produtor do texto. O narrador usa da ironia e argumenta que há, no mundo conectado, preconceito, ignorância e covardia.

No primeiro quadrinho, lemos a ironia da legenda: “no mundo conectado não há preconceitos”, devido o contraste que o desenho retrata: um homem moreno que mente ao dizer ser “alto, loiro e sincero”. No segundo quadrinho, o personagem crê que saber onde o conhecimento (informação) se encontra é o bastante, ao passo que a legenda ironicamente nega a ignorância. No terceiro, o implícito de que a covardia é eliminada na virtualidade das relações, explicita o gesto de terminar um relacionamento por mensagem SMS, o que é uma falta de preocupação com o sentimento humano, revelando também a ironia.

O próprio nome do gênero discursivo selecionado pelo ENEM, tirinha (Figura 21), explicita argumentação. É provável que o brasileiro utilize a denominação tirinha devido ao número de quadrinhos – três ou quatro. Esse ponto de vista é válido ao comparar com as histórias em quadrinhos. Contudo o que dizer da charge e do cartum que têm apenas um quadrinho? Provavelmente é uma forma carinhosa que nós, brasileiros, costumamos denominar o gênero discursivo tira. Defendemos esse ponto de vista a partir da grande aceitabilidade desse gênero discursivo, considerando a popularização das tiras nas páginas de jornais. Além de tirinha, esse gênero recebe vários nomes: tira de banda desenhada, tira cômica, tira de quadrinhos e tira em quadrinhos.

Uma tirinha, chamada de banda desenhada, ainda de tira cômica (português europeu) ou tirinha/tira de quadrinhos (português brasileiro) é o equivalente ao termo inglês *comic strips*, caracterizada por uma série de vinhetas, publicada regularmente, em jornais, revistas e mais recentemente, nas páginas da *internet (webcomics)*. Lembramos que o termo em inglês e/ou português europeu é um argumento de que o humor predomina no gênero discursivo tira.

O uso do sufixo –inha, segundo Ramos (2017), pode englobar, até mesmo de forma inconsciente, outras possibilidades de sentido que superintendem um discurso enviesado, portanto o autor conclui que “[...] é preferível o uso da forma *tira* no lugar de *tirinha*.” (RAMOS, 2017, p. 54, grifo do autor). Porém nós acreditamos que a palavra tirinha não provoca enviesamento do discurso na direção de um viés depreciativo. Entendemos que há um reforço no discurso, por ser pleonástico, porque tira já nos remete a ideia de pequenez - em Ferreira (1986), tira é: pedaço, fita, filete, segmento..., portanto tirinha é bem pequena (se

compararmos com a história em quadrinhos). Se fosse depreciativo o uso desse sufixo neste caso, deveríamos repensar o uso da palavra quadrinhos, no termo história em quadrinhos. Tanto tirinha, quanto quadrinhos reforçam a ideia de popularidade, de estrutura, tamanho, em se tratando de tiras tradicionais¹².

Assim sendo, usamos o termo gênero discursivo tira, ressaltando os aspectos dialógicos do texto, numa perspectiva bakhtiniana. Algumas vezes, referimo-nos ao gênero, como textos em quadrinhos, por entender a peculiaridade do hipergênero história em quadrinhos e sua intrínseca relação com o gênero discursivo tira. Outras vezes, para sintetizar, nomeamos como tira, em consonância com Ramos (2017). Além desses, usufruímos do poder do termo tirinha, que já fora utilizado pelo ENEM (mencionado anteriormente).

O importante é que o gênero discursivo tira amplia a visão do que é um texto, devido à peculiaridade do gênero em questão. Nessa perspectiva, justifica-se um olhar particularizado sobre o universo dos quadrinhos, no que se refere ao ensino e aprendizagem. Mas, durante muito tempo, alimentaram a polêmica ideia de que ler quadrinhos prejudicaria leituras consideradas importantes na sala de aula.

Por representarem um meio de comunicação de vasto consumo e com conteúdo, até os dias de hoje, majoritariamente direcionado às crianças e jovens, as HQs cedo se tornaram objeto de restrição, condenadas por muitos pais e professores no mundo inteiro. [...] Pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQs, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável”. Daí, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta, do ambiente escolar. Aos poucos, tais restrições foram atenuadas e extinguidas, mas não de forma tranquila, sendo na verdade resultado de uma longa e árdua jornada. (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 8).

Esse gênero, criado para o humor, para fazer rir, numa linguagem simples e objetiva, costuma agradar muito os alunos, o que pode funcionar como elemento facilitador do processo de ensino e de aprendizagem.

O fato de o gênero discursivo tira contemplar diversos temas, desde os mais banais até assuntos sérios, como política, filosofia, educação e sociologia, por exemplo, favorece o trabalho docente, uma vez que esse gênero pode ser usado para o desenvolvimento de diferentes projetos, de diferentes disciplinas escolares.

¹² Os formatos das tiras, conforme Ramos (2017) são: tiras tradicionais, ou simplesmente tiras; tiras duplas ou triplas – de dois ou três andares; tiras longas; tiras adaptadas e tiras experimentais, estas são casos pontuais de alteração do formato.

Para comprovarmos essa afirmação, apresentamos e discutimos, a seguir, uma tira dos quadrinhos *Peanuts* (Figura 22) que foi trabalhada com nossos alunos – enquanto sujeitos ou participantes da pesquisa, isto é, durante a pesquisa. Como *Peanuts* significa amendoim, logo Minduim, no Brasil. Charlie Brown ou Minduim e sua turma se tornaram populares e influentes na mídia. Apesar de todas as situações-problema que circundam o personagem Charlie, ele tem sonhos, é apaixonado pela “garotinha ruiva” e com seus medos e frustrações comuns nos identificamos. Sua insegurança é superada pelas ações de seu cachorro, o tão conhecido e carismático Snoopy, um cão da raça *Beagle* que age como humano.

Figura 22 – Tira sobre provocações para mudanças



Fonte: Schultz (2013).

Essa tira em preto e branco mostra-nos que Charlie Brown entende que deve manter distância da ranzinza Lucy, a irmã de seu grande amigo Linus, a menina que, muitas vezes, colabora para deixar Charlie em situações difíceis. Ele diz para o Snoopy, seu cão, não chegar perto da casa em que Lucy estava se reunindo com ranzinzas.

Mas seu cão bate à porta e, quando Lucy aparece, ela recebe um amoroso (metáfora dor corações) cumprimento de Snoopy, um beijo no nariz. Assim se quebra o gelo, conforme

pensa Snoopy. O pensamento desse agridoce¹³ cão é enfatizado pelo ponto de exclamação. E Snoopy retorna triunfal para seu dono, enquanto Lucy não se apresenta mal-humorada, fazendo com que o argumento do cãozinho se estabeleça.

Podemos argumentar que prevalece a ideia de que o bom humor, a gentileza e a docilidade abrem portas, aproximam as pessoas, vencem barreiras da irritação, da agressividade, da antipatia. Podendo haver contra-argumentos, pois a expressão fisionômica de Lucy não é de alegria. Mas defendemos que houve a quebra de gelo, no sentido de que ela não apresentou uma atitude irritadiça.

Essa tira, de Schulz (Figura 22), possui quatro quadrinhos, a linguagem verbal aparece principalmente nos balões e nos sons produzidos. Sabemos se esses personagens sonorizam seus pensamentos ou não pelos rabichos do balão (distinguimos o narrador, quando aparece, pelo formato retangular do balão).

Nessa tira, percebemos um balão de fala do Minduim e outro de pensamento do Snoopy, além da sensação de ouvir o TOC TOC TOC, na casa de madeira e sentir o SMACK, o estalar do beijinho, complementado pela metáfora visual dos coraçõezinhos, conferindo-lhe amor, isto é, o leitor eficiente percebe as onomatopeias se destacando do desenho e o complementando, na linguagem específica dos quadrinhos.

Nesses quatro quadrinhos (características das tiras que geralmente se formam em três ou quatro vinhetas), a linguagem não verbal – o elemento básico das tiras, o visual, o icônico – é a responsável pela sequência dos quadros que trazem a mensagem, numa linguagem informal, convencendo-nos, persuadindo-nos com a mensagem, a argumentação de que o carinho quebra o gelo, abre caminhos por entre os grandes *icebergs* presentes em alguns corações.

Utilizando de argumento exemplar, numa virtude a seguir, Snoopy, na prática, argumenta experiencialmente que é possível aproximar-se de pessoas difíceis. Como? Conforme ele disse: “assim”, que quer dizer para seguir o exemplo de tomar a atitude de ser gentil, carinhoso, surpreendendo com o cavalheirismo ou usando de “cachorrismo”, com permissão para o uso dessa palavra nova, no sentido de docilidade.

Todas as ações do cão para se aproximar da ranzinza Lucy se resumem no advérbio “assim”. Esse elemento coesivo do último quadrinho remete-nos aos quadrinhos anteriores, que apresentam o jeito de aproximar do outro, na tentativa de convencer não só ao Charlie, mas também aos leitores da tira, de que basta seguir o passo a passo: observação,

¹³ Assim Charles M. Schultz, autor do famoso Snoopy, caracteriza o seu personagem (RIZZARDI, 2014).

aproximação e revelação de carinho, amor para com quem antes poderia se irritar facilmente, para que haja a quebra da dificuldade de interação com pessoas de comportamento difícil.

Logo no primeiro quadrinho é importante o conhecimento prévio de que a personagem Lucy, geralmente, revela mau humor. A partir da fala de Minduim/Charlie Brown é possível deduzir isso. Usando o conhecimento, a experiência com a leitura de tiras, compreender as reações dos personagens por meio do conhecimento prévio das personalidades dos personagens é fundamental. Nesse caso, saber que Charlie é melancólico, azarado e que Lucy costuma maltratá-lo, contribui muito para melhor envolvimento com o texto e compreensão da mensagem.

Passemos agora a considerar outra tira (Figura 23), que também discutimos com nossos alunos, durante nosso estudo.

Figura 23 – Tira sobre a percepção das coisas boas



Fonte: Schulz (2017).

Linus, o irmão mais novo de Lucy, com seus pensamentos de sabedoria, discorre sobre a efemeridade da vida. No primeiro quadrinho, ele está de braços abertos, empolgado, afinal explicita um saber de grande aceitação, já comprovado. E ele continua, no segundo quadrinho, com seu argumento universal sobre a finitude das coisas boas e se volta para seu interlocutor. No terceiro quadrinho, ele e Charlie se posicionam de forma que parecem refletir sobre as palavras filosóficas, referentes à efemeridade da vida, e Charlie contra-argumenta, no quarto quadrinho, surpreendentemente, perguntando sobre o início das coisas boas.

A tira (Figura 23), na voz de Minduim/Charlie Brown, argumenta que as coisas ruins são tão presentes que a tristeza nos impede de ver as boas. Nesta tira, o personagem Charlie/Minduim argumenta que coisas boas não acontecem na vida dele, ou, se acontecem, ele as desconhece, uma vez que questiona quando elas começam. Interpretamos que quando não se percebe o início de coisas boas é porque se vive melancólico, sem razões para viver, enfim, triste, um azarado. Essa característica do personagem, com o seu cão, não menos famoso, o Snoopy, é de grande aceitação, pois rendeu publicações em 2.600 jornais por todo o mundo, em 75 países, com traduções para 21 idiomas, atingindo 355 milhões de leitores¹⁴.

Evidenciando a temática de que coisas boas não acontecem, o tema depressão aparece na próxima tira (Figura 24), tentando convencer o leitor de que a postura adequada é fundamental para sair do estado deprimido. Quando Charlie diz que a postura faz diferença nesse estágio, aciona nos leitores uma sabedoria popular, o argumento de senso comum de que é preciso levantar a cabeça em situações difíceis para superar os desafios. Porém, na voz de Charlie, o humor e a ironia se evidenciam pela ênfase em não melhorar, como em um tutorial de como se manter em depressão.

Figura 24 – Tira sobre a postura do deprimido¹⁵



© 1960 United Feature Syndicate, Inc.

Fonte: Peanuts (2015).

¹⁴ Jornal Folha de São Paulo - Folha *Online*, em 12/02/2010, com o título: Dez anos sem Charles Schulz. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u693241.shtml>. Acesso em: 8 set. 2017.

¹⁵ Trabalhamos essa tira com nossos alunos, nesta pesquisa.

No primeiro quadrinho, a Patty Kieffer, primeira personagem feminina da turma Peanuts, (muitos a confundem com a Pimentinha, porque possui o mesmo nome, Patrícia), observa-o, enquanto ele exemplifica a postura de deprimido dele. Isso é de cunho argumentativo, no sentido de um provável apelo aos sentimentos dela e aos do leitor. O que chamamos de argumento de cunho emocional. Também consideramos um argumento por que Charlie exemplifica, demonstra a postura do deprimido, por meio do argumento por exemplificação.

No segundo quadrinho, ela se surpreende com a tese que ele defende de que a postura faz diferença quando se está deprimido. Percebemos a surpresa de Patty pelo movimento que ela faz com o braço e, ao fazer o movimento na tira, colocar a mão embaixo do queixo, convence-nos de que sua atitude é a de quem está chocada, pois se não segurar, o queixo cai. No terceiro quadrinho, Charlie apresenta um ponto de vista oposto ao esperado pelo leitor, pois afirma que ficar ereto pode ser pior, pois isso contribui para o começo de ficar bem, sem depressão. Para reafirmar seu argumento, ele continua exemplificando, no último quadrinho, com retorno à posição cabisbaixa, ironicamente revelando que se for bom ficar em depressão, a expressão corporal deve ser condizente.

Essas considerações sobre as tiras remetem-nos ao fato de que é preciso participação do professor nesse processo para que o aluno possa compreender as tiras em quadrinhos, um gênero que envolve a leitura da linguagem verbal e não verbal, por meio do acionamento de inferências, do conhecimento lexical, linguístico, de mundo, das particularidades dos personagens envolvidos. Tendo em conta esse entendimento, apresentamos a seguir algumas sugestões de tiras que podem ser, ricamente, trabalhadas na sala de aula.

Para trabalhar o convívio familiar e escolar, por exemplo, podemos usar tiras de Calvin e Haroldo – Watterson, (Calvin é inteligente, criativo e sonhador. Tem um amigo imaginário, o Haroldo, seu tigre de pelúcia. O menino é mal compreendido e tem problemas de comportamento. Suas tiras apresentam críticas à escola e à forma como o adulto vê a criança). Para o trabalho, na sala de aula, com política, ética e questões sociais, podemos usar as tiras da Mafalda – Quino, (Mafalda é uma menina superinteligente que discute problemas mundiais, possibilitando interdisciplinaridade). Neste trabalho, selecionamos a personagem Mafalda em nossas sugestões de aulas. Ainda, a título de exemplo, uma das tiras mais lidas do mundo: Garfield – Jim Davis, (Garfield é o gato faminto e preguiçoso, com discussões sobre ciência, problemas psicológicos e físicos). Parodiando o nome *Mickey Mouse*, citamos o rato

Níquel Náusea – Fernando González, (os animais da série trazem reflexões da semântica da língua portuguesa e do cotidiano).

Para além dessas possibilidades, podemos considerar que, com a popularização das redes sociais, há a tendência dos *memes*, personagens burlescos e regionalistas, nas tirinhas *webcomics*. Nesse contexto, destacam-se Bode Gaiato – Breno Melo, (estilo *trash*, montagem de corpos humanos e cabeça de bode, cujo personagem principal é o Junin, com temas de cibernética e mídia televisiva, sofrendo com as surras da mãe) e Armandinho – Pedro Leite, (com temas variados: política, sociedade, ética etc.).

Essas sugestões comprovam que a tira se constitui como importante objeto de ensino, uma vez que, por meio dela, muitas vezes, “[...] o autor coloca suas vivências, experiências e problemas da vida cotidiana.” (MAGALHÃES, 2006, p. 144). O contexto da tira, de uma forma humorada e/ou irônica, com pluralidade de sentido, além de captar a atenção do leitor, permite desenvolver a criticidade, ao compreender os aspectos argumentativos. Nas diversas situações cotidianas, em especial nestes tempos de uso, quase exagerado, da *internet*, em que circulam muitos textos, desenvolver a habilidade de argumentar constitui-se em diferencial, na busca do público almejado, no encontro com seus pares.

Considerando o complexo e interessante universo das tiras é que optamos pelo seguinte percurso de pesquisa: trabalhar a argumentação, com leituras e produção desse gênero. Acreditamos que essa pode ser uma boa oportunidade para investigar sobre elementos implícitos ou explícitos que permitem analisar e construir a crítica, principalmente a crítica social, que as tiras tanto reiteram; a ironia, a intertextualidade, a polifonia, os operadores argumentativos e outros recursos que permitam sustentar ou refutar ideias. Esse pode ser um dos caminhos para se chegar ao saber, à apropriação da linguagem na perspectiva de práticas sociais letradas.

III MATERIAIS E MÉTODOS

“[...] tome o texto como objeto de suas exposições e análises;
fale sobre ele; fale nele e dele.”
(ANTUNES, 2017, p. 28).

Em primeiro lugar, entendemos ser necessário dizer que o contexto de sala de aula nos trouxe diversas preocupações sobre as intervenções geradoras de aprendizagem, não para atender a uma exigência burocrática de administração educacional, mas para satisfazer à necessidade de educar de modo íntegro os alunos. Essa reflexão nos levou ao entendimento da necessidade de realização de um estudo que contribuísse com o ensino e a aprendizagem, para isso selecionamos o gênero tira, pois os alunos o consideram pertencente a um universo textual encantador, o que facilita introduzir o discente nos conhecimentos almejados, que visam a oportunizar aos alunos a capacidade de argumentar.

Com base nesse entendimento, discorremos, nesta seção, sobre o tipo de pesquisa escolhido e o perfil dos envolvidos no trabalho de investigação na sala de aula. Ainda, apresentamos e discutimos, com base na noção de protótipo (ROJO; MOURA, 2012), todas as atividades didáticas, a partir das quais o aluno participante da pesquisa se direcionou para compreender melhor o gênero tira e suas estratégias argumentativas.

3.1 A pesquisa e o produto

3.1.1 O tipo de pesquisa

Esta pesquisa visa a não somente detectar os problemas relativos à capacidade de leitura crítica dos alunos, mas, sobretudo, minimizá-los, num processo cooperativo e participativo. Logo esta é uma pesquisa-ação, uma investigação com ações que aumentam o nível de consciência dos envolvidos no processo.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1985, p. 14).

A pesquisa-ação não é, portanto, simples levantamento de dados. Muito mais do que isso, esse tipo de pesquisa define “[...] com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação.” (THIOLLENT, 1985, p. 16). Esta pesquisa visa a uma abordagem qualitativa.

Na pesquisa qualitativa, a verdade não se comprova numérica ou estaticamente, mas convence na forma da experimentação empírica, a partir de análises feitas de forma detalhada, abrangente, consistente e coerente, assim como na argumentação lógica das ideias, pois os fatos em ciências sociais são significados sociais, e sua interpretação não pode ficar reduzida a quantificações frias e descontextualizadas da realidade [...]. Na pesquisa qualitativa o pesquisador participa, compreende e interpreta. (MICHEL, 2009, p. 37).

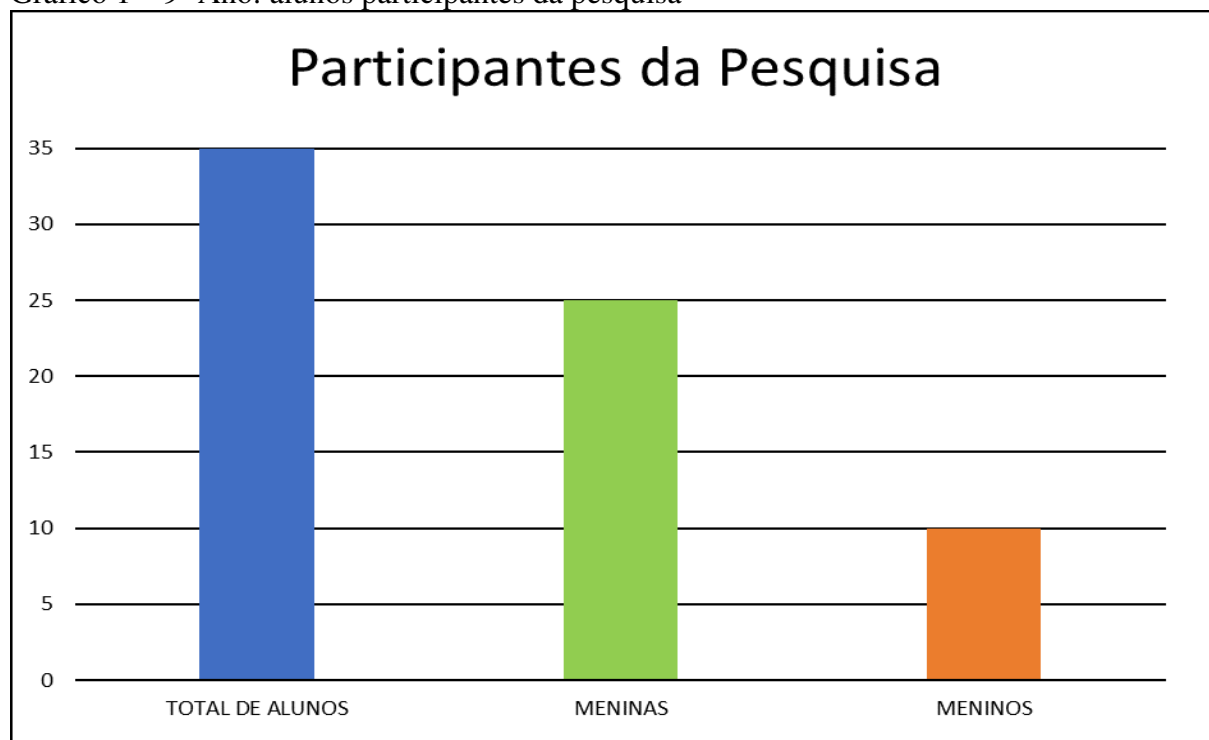
Para atender às exigências desse tipo de pesquisa e, visando a contemplar, também, a análise qualitativa dos dados, buscamos referências bibliográficas sobre como usar o gênero discursivo tira, na sala de aula, também como trabalhar a argumentação, de modo que o grupo envolvido se sinta participativo, colaborativo e encontre motivos significativos para aprender com criticidade. Para tal, criamos procedimentos de ensino e aprendizagem, chamados protótipos, “[...] ou seja, estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais.” (ROJO; MOURA, 2012, p. 8). Porque o nosso intuito é oferecer ideias de trabalho a outros docentes de Língua Portuguesa e não apresentar um molde a ser seguido, porque cada sala de aula impõe seu ritmo e exige do professor adaptação das sugestões de aulas.

3.1.2 O perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Patos de Minas – MG, com alunos do 9º ano, com 35 discentes, porque essa é a quantidade de alunos por turma e porque nós trabalhamos com esses alunos.

A idade dos alunos corresponde à relação normal série/idade, o que quer dizer que eles têm aproximadamente 15 anos. São 10 meninos e 25 meninas, conforme o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – 9º Ano: alunos participantes da pesquisa



Fonte: a autora.

O fato de termos uma quantidade de meninos menor que de meninas contribui para uma particularidade dessa turma, pois os meninos são menos participativos, necessitando de muito incentivo para interagirem em sala de aula. De modo contrário, a maioria das meninas participa bastante das aulas. Tanto é verdade que uma menina, que assume a atitude de liderança é referência para todos os colegas, sendo chamada por eles de “gênio”.

Mesmo com toda a representatividade feminina, grande parte dos meninos, assim que lhes é permitido selecionar os grupos, tende a se unir, formando grupos constituídos, em sua maioria, de representação masculina. Questionamos sobre a seleção dos grupos, porque suspeitávamos que os meninos se sentissem excluídos, por serem minoria e as respostas nos revelaram que confiam no grupo de constituição masculina e, sem o auxílio das meninas que muito se destacam nas participações e liderança da classe, mostraram que também gostam de participar das aulas.

Quanto às dificuldades de aprendizagem, o número de alunos não é expressivo. Quatro deles (11,42%) necessitam de intervenção pedagógica para a realização das atividades de sala de aula. Novas oportunidades de aprendizagem e incentivo constante são oferecidos a essa classe, sendo que, em média, seis alunos (17,14%) necessitam do ensino paralelo, isto é, da intervenção pedagógica. Um aluno (2,85%) apresenta ampla dificuldade de aprendizagem,

necessitando de ajuda pedagógica (os colegas também contribuem com a aprendizagem dele), para que haja a construção do conhecimento. Esse não se ajusta aos padrões normais de comportamento da turma¹⁶.

Todos os discentes dessa turma foram convidados a participar da pesquisa, isto é, a fazer as atividades propostas. Logo após a aprovação da pesquisa no Conselho de Ética, fizemos uma reunião, na própria escola, com os responsáveis pelos alunos para informar sobre a pesquisa e obter a sua autorização. Nessa reunião, explicamos, detalhadamente, para os alunos e seus responsáveis, as etapas da pesquisa.

Como é uma pesquisa que envolve seres humanos, disponibilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para assinatura por parte dos pais ou responsáveis, conforme a Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e consequente assinatura do Termo de Assentimento para o Menor. Os alunos participantes da pesquisa foram informados sobre os trabalhos a serem realizados e consultados sobre seu interesse em participar de todo o processo.

Metodologicamente, esta pesquisa, de caráter bibliográfico qualitativo e interpretativo, assume uma visão dialógica da linguagem, em que foram analisadas 19 tiras¹⁷. Ao coletar e organizar o *corpus*, para a sala de aula, 12 tiras foram escolhidas, atentando para que seus elementos pudessem ser motivos de reflexão, com vistas ao ensino e à aprendizagem. Selecionamos tiras que tratam de temas da realidade atual, em um contexto sócio-histórico, face às facilidades de uso da *internet*.

Como o sujeito participante da pesquisa é estudante do último ano do Ensino Fundamental, entendemos, conforme Rama e Vergueiro (2014), que o discente consegue correlacionar os textos em quadrinhos com a realidade social.

Consideramos textos em quadrinhos como materiais adequados para o ensino e a aprendizagem nos diversos ciclos escolares, desde que observem as características de cada nível e entendemos que no nível Fundamental, os alunos necessitam muito da mediação do professor para uma leitura proficiente, uma vez que é necessário discutir com eles cada etapa do processo e não apenas pedir para que façam as atividades.

¹⁶ Em nossa análise da aplicação da proposta, para fins de não identificação dos alunos, nós os chamaremos de L e os enumeramos: L1, L2 e, assim, sucessivamente, corresponde ao nome do aluno, não tal qual aparece na lista de presença.

¹⁷ Dividindo nosso trabalho em teoria e prática, temos 5 tiras que se repetem e 7 tiras diferentes em cada parte.

3.1.3 A seleção e organização do *corpus* de análise

Estamos conscientes de que o trabalho com o gênero tira na sala de aula representa uma oportunidade de compreender a língua com seus efeitos de sentidos provocados pela seleção lexical, metáforas visuais e outros. Representa, também, a compreensão dos efeitos humorísticos da língua, as frases curtas, muitas vezes de efeito ambíguo; os desenhos/imagens que não só ilustram, mas complementam o sentido do texto, dentre outros aspectos intrínsecos a esse gênero. Portanto compreender o texto em quadrinhos, em seus aspectos verbais e não verbais, é compromisso da disciplina Língua Portuguesa. Para isso, selecionamos tiras que fornecem instrumentos de reflexão crítica, relacionadas aos problemas da sociedade.

Um dos grandes problemas sociais é a facilidade do uso da *internet* e a falta de segurança no uso dela. Como o gênero tira é bastante veiculado na *Web*, perguntamo-nos se encontraríamos uma metalinguagem: tira na *internet* criando alerta sobre a segurança no uso da própria *internet*. Encontramos o *site* SeguraNet¹⁸, em que há tiras¹⁹ que recorrem ao humor e à simplicidade para comunicar questões de comportamento humano (uma característica própria do gênero), cuja ideologia é um discurso de que é possível se proteger e navegar na *Web* com segurança, desde que se alterem alguns hábitos na utilização dessa ferramenta imprescindível nos dias atuais.

Esse engenho cultural do referido *site* motivou-nos a trabalhar com os quadrinhos produzidos por ele. Desse modo, selecionamos 5 tiras desse *site* para compor a nossa proposta didática. Essa seleção se deve ao nosso interesse de analisar tiras cujos conteúdos possibilitam tomada de atitude perante os problemas sociais: comportamentos nos jogos *online*; proteção de dados; o tempo na *internet*; os trabalhos escolares na era digital e as notícias falsas. Correlacionadas a esses temas, outras 5 tiras da proposta didática argumentam sobre a interação entre as pessoas; a efemeridade da vida; a depressão; as facetas do mundo conectado e o poder da conexão com os quadrinhos. Sendo que 1 tira da proposta didática refere-se ao poder da leitura e, em especial, a última, 1 tira veicula, metalinguisticamente, a ideologia da opinião jornalística em quadrinhos.

¹⁸ O Centro *Internet* Segura português se constitui pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, pela Direção-Geral da Educação, pelo Instituto Português do Desporto e da Juventude e pela Microsoft. São cerca de 50 tiras do projeto SeguraNet desenvolvidas pelo cartunista Nelson Martins. O objetivo é promover a utilização segura da *Internet*, utilizando o humor na abordagem. Site SeguraNet está disponível em: <https://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>.

¹⁹ Disponibilizamos, no Anexo A, as 54 tiras que encontramos no referido site. Essa coletânea pode contribuir com novas propostas de trabalho com as tiras, em sala de aula.

Dessas 12 tiras que compõem a proposta didática e consequente análise, 5 foram analisadas detalhadamente, neste estudo, em partes anteriores, como aporte teórico aos que se interessem pelo estudo e para os prováveis professores que aplicarão as atividades em sala de aula. Em se tratando do gênero discursivo, na construção dos protótipos, colocamo-lo, como determina a BNCC (BRASIL, 2017): o texto é o centro das práticas de linguagem; com observâncias para a multimodalidade de linguagens da sociedade contemporânea e os diversos suportes existentes.

Com esse gênero como objeto de estudo, construímos atividades, como forma de contemplar passos necessários para a aquisição e/ou construção do conhecimento do aluno no que diz respeito ao gênero em foco neste estudo. Partindo da noção bakhtiniana de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003), promovemos discussões para a formação do leitor reflexivo e crítico, com intervenções que permitem construir autocrítica.

Propomos o ensino de tiras, com base no uso do termo utilizado por Rojo e Moura (2012): protótipo, que foi pensado com o intuito de significar que é um modelo em processo de elaboração, uma experimentação, um ponto de partida para um projeto bem maior e mais bem elaborado. Cada etapa do protótipo pode ser considerada completa, no sentido de as atividades se constituírem em blocos significativos de ensino e aprendizagem. E pode ser utilizada como etapa de um protótipo, por estarem sequencialmente organizadas as atividades de compreensão das tiras. O protótipo pode indicar caminhos para o trabalho docente, mostrando direcionamento diferente de uma sequência didática, se considerarmos cada etapa um protótipo.

3.1.4 O protótipo e suas etapas

O protótipo está dividido em etapas completas, no sentido de que cada uma delas pode ser vista como um protótipo. Acreditamos que o trabalho, em sala de aula, com todas as etapas, em progressão consistente, pode facilitar a compreensão do gênero tira, em especial, do posicionamento discursivo-argumentativo do enunciador. Nomeamos cada etapa, acreditando que ajudamos os “[...] alunos a aprender habilidades complexas ao dividi-las em etapas mais simples [...] dando a cada etapa um nome.” (LEMOV, 2011, p. 97). Dessarte, num processo gradual, de modo geral, temos:

- a) a primeira etapa dos protótipos que se refere à sondagem dos conhecimentos dos alunos, fundamental para a continuidade do desenvolvimento das atividades dos protótipos;
- b) a segunda etapa, que faz referência à compreensão das tiras na perspectiva bakhtiniana, em que, a partir de um estilo próprio e de uma construção composicional específica se realiza o conteúdo temático dos textos multimodais que nos conduzem à reflexão crítica;
- c) a terceira etapa refere-se aos elementos constitutivos do gênero, como estratégias argumentativas e dialogicidade;
- d) a quarta se relaciona com a compreensão ativa responsiva dos enunciados, conforme a visão bakhtiniana, concernente à relação intrínseca entre autor-texto-leitor;
- e) a quinta explicita as expressões significativas de textos verbo-imagéticos;
- f) a sexta estabelece a relação produtiva de sentidos entre os elementos da tira e seus propósitos argumentativos;
- g) a sétima alerta sobre a intertextualidade nas críticas das tiras jornalísticas;
- h) a oitava etapa dos protótipos é a produção do gênero tira.

Essas oito etapas de ensino e aprendizagem, a partir do gênero tira, receberam um título cada uma, visando à organização e melhor apresentação do nosso protótipo didático, a saber:

- I. Estímulo à aprendizagem: sondagem e objetivos claros;
- II. Compreensão das tiras, principalmente à luz da perspectiva bakhtiniana;
- III. A tira e seus elementos: carga semântica e expressiva, a partir de Aprendizagem Colaborativa;
- IV. Autor-texto-leitor: a tríade da compreensão textual;
- V. As intencionais expressões verbo-imagéticas: indissociáveis linguagens;
- VI. Elementos da tira: recursos argumentativos;
- VII. O jornal na sala de aula;
- VIII. Mão na massa: novas ferramentas.

Enquanto elaborávamos cada etapa, consideramos o quanto os alunos se interessam pela tecnologia e dela fazem diferentes usos. Sabemos que imagens, palavras e outras formas de linguagem fazem parte do meio digital, que os recursos da mídia são inúmeros e que, por

consequente, ensinar a ler e a escrever textos atrelados a essas novas linguagens é função da escola.

Como parte da metodologia adotada, fizemos uso de uma ferramenta tecnológica bem prática para editar histórias em quadrinhos. Propusemos o uso do *software* HagáQuê²⁰ para a produção do gênero tira. Esse *software* foi bastante relevante, uma vez que, por meio dele, desenvolvemos atividades, de maneira prática e fácil.

Além de usar o gênero tira como o centro do protótipo, asseguramos que cada etapa dele surgiu da necessidade de planejar aulas de Língua Portuguesa e aplicá-las de maneira significativa, colocando em prática o que pressupõe o Mestrado Profissional em Letras. Portanto, ainda avaliando o produto de nossas leituras, julgamos que as atividades dos protótipos, por meio de uma proposta didática que prioriza práticas de leitura e de produção textual de forma significativa, atenderam ao objetivo proposto por este estudo: desenvolver e aplicar uma proposta didática a partir da qual seja possível trabalhar a capacidade argumentativa dos discentes do Ensino Fundamental, precisamente dos alunos de 9º ano.

Para tal, elaboramos atividades diagnósticas, que nos permitiram verificar o nível de conhecimento dos alunos quanto à identificação e à compreensão das tiras; com critérios eleitos para a seleção das tiras, a partir dos argumentos que investem em comportamentos éticos no uso da *Web*; sistematizando os elementos constitutivos do gênero tira; na criação de enunciados que visam a analisar a relação argumentativa desses elementos entre si e desses elementos com a temática da tira.

Depois avaliamos cada etapa por si só e em sequência de atividades, com base no trabalho com a argumentação. Dessa maneira, consideramos o material pronto para ser aplicado em sala de aula.

A seguir, apresentamos as atividades aplicadas na sala de aula. Todas as ações/atividades²¹ foram planejadas de modo a contribuir com outros docentes de Língua Portuguesa, considerando:

²⁰ O HagáQuê é um editor de histórias em quadrinhos, resultado de uma proposta de dissertação de mestrado do Instituto de Computação da Unicamp, de Sílvia Amélia Bin e Eduardo Hideki Tanaka, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Heloísa Vieira da Rocha. O HagáQuê 1.05 é um *software* distribuído gratuitamente através do site: <https://www.nied.unicamp.br/projeto/hagaque/> e não pode ser comercializado em hipótese alguma.

²¹ Essas atividades são protótipos, “[...] de maneira teoricamente embasada, propostas de ensino de língua portuguesa [...] apresentam uma ‘estrutura flexível’ comum, que lhes dá unidade.” (ROJO; MOURA, 2012, p. 8).

Modalidade de Ensino: Fundamental II

Ano: 9º

Componente curricular: Língua Portuguesa

Ao final das atividades propostas, por meio dos protótipos, possibilitamos ao aluno:

- a) reconhecer as tiras como um gênero multimodal;
- b) perceber a ideologia, os discursos implícitos ou explícitos nas tiras, as mensagens críticas, a tomada de posição nas ideias veiculadas por meio da linguagem verbal e da não verbal nas tiras;
- c) observar, analisar e apropriar dos recursos próprios do gênero tira, a fim de utilizá-lo adequadamente na compreensão e produção textual desse gênero;
- d) identificar os recursos linguísticos inerentes ao gênero tira, com a finalidade de usá-los na construção de sentido do texto;
- e) produzir uma tira, a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo das atividades do protótipo.

Duração das atividades do protótipo: aproximadamente 12 aulas de 50 minutos.

Conhecimentos prévios:

- a) habilidades de leitura e escrita;
- b) conhecimentos gerais sobre o gênero tira;
- c) percepção de particularidades das linguagens verbal e não verbal.

Recursos pedagógicos:

- a) xérox de tiras coloridas;
- b) projetor multimídia e computadores;
- c) quadro e giz/pincel;
- d) atividades impressas, xérox em preto e branco.

Importante!

Professor, os apontamentos em balões como este são importantes para embasar as propostas de ensino de Língua Portuguesa que nós experimentamos e que você pode experimentar em sua escola, com seus alunos.

As atividades em quadros (Quadros 2 a 9), após cada balão, são as etapas do protótipo, nossa proposta didática.

Ah, se você não é professor(a), você poderia viabilizar nosso protótipo, adaptado ou não, para que alunos possam analisar a relação produtiva de sentidos que há entre a argumentação e o gênero discursivo tira, na construção de conhecimentos?

ETAPA I**Estímulo à aprendizagem: sondagem e objetivos claros****(1 aula de 50 minutos)****Avaliar para planejar/adaptar as aulas, de acordo com seu contexto!**

Essa avaliação é diagnóstica, no sentido de que visa à qualidade do ensino, às possibilidades de fazer as intervenções necessárias, de reconstruir os protótipos, as atividades, de maneira significativa, para que o aluno avance cada vez mais no nível de aprendizagem.

Para Vasconcellos (2000, p. 79): "[...] planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a serem realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa.”.

E vamos deixar claro que o estudo é sobre o gênero discursivo tira, com temas atuais, problemas sociais, pesquisas sobre essas problemáticas e de produção de tiras para serem publicadas.

É importante combinar o suporte para a publicação: no *blog* da escola, se tiver; ou criar um *blog*; em outras redes sociais, como *Facebook*; e/ou impressos, para expor no mural da escola, ou para organizar em forma de livro/revista, que será apresentado em um evento e/ou catalogado na biblioteca. Podendo usar esses e outros meios, concomitantemente.

Se não der tempo de realizar o questionário/teste e fazer os combinados, em um horário, lembre-se de que as atividades são sequenciais. Continue gradativamente com as etapas.

Quadro 2 – Atividades para diagnose

Etapa I – Estímulo à aprendizagem: sondagem e objetivos claros

1. Observe cada quadrinho com atenção e relacione o sentido do título com o conteúdo da tira.

Figura 25 - Tira I²²: Etiqueta nos jogos online

Etiqueta nos jogos online



Fonte: Tiras BD (2004).

2. No universo dos quadrinhos, temos histórias em quadrinhos, tiras, charges, cartuns. Que elementos constituem o gênero tira?

3. O texto em quadrinhos, em especial o gênero tira, você o lê ou o vê, com mais frequência, utilizando a televisão, a revista, o jornal impresso ou a *internet*?

4. Que aspectos das tiras mais chamam a sua atenção?

5. Ao ler os textos em quadrinhos, em especial as tiras, você encontrou ideias críticas, que possibilitaram tomada de atitude perante os problemas sociais, ou você não encontrou crítica, pois o objetivo do autor das tiras é fazer rir, através do humor?

6. Cite um problema que você considera sério, atual e social. Justifica por que você o considera assim.

Fonte: a autora.

²² Enumeramos as tiras usadas nos protótipos para que, em sala de aula, os envolvidos possam citá-las, com praticidade, nas discussões sobre o gênero discursivo.

ETAPA II**Compreensão das tiras, principalmente à luz da perspectiva bakhtiniana:**

conteúdo temático, construção composicional e estilo

(2 aulas de 50 minutos cada)**É bom saber!****Elementos intimamente ligados na constituição do texto**

O conteúdo temático, geralmente, caminha para a crítica reflexiva, conduzindo o leitor à reflexão. Nas tiras, por meio do humor e/ou da ironia, revela-se o ponto de vista em que, segundo Bakhtin (2003), os sujeitos participam da construção de sentidos do texto. Lembrando que o conteúdo temático não é o assunto em si, abrange os recortes possíveis, nas diferentes atribuições de sentidos, envolvendo as condições de produção e os objetivos do autor, por exemplo.

A construção composicional das tiras é o modo como o gênero é social e formalmente organizado. Nós as reconhecemos, a partir do suporte jornal, por exemplo, com o espaço delimitado, o que influenciou e influencia no tamanho desses quadrinhos, que, com personagens fictícios e fixos, constroem o discurso direto em balões. De forma peculiar, no último quadrinho, a tira cômica apresenta uma quebra da expectativa do leitor, uma disjunção que visa a provocar o riso, o humor.

O estilo das tiras, na seleção lexical, no uso dos recursos linguísticos, geralmente, correlaciona-se com uma linguagem coloquial, com a maioria dos verbos no presente, similar à conversa face a face, a partir de um diálogo informal. Estabelece sentidos, no diálogo autor-texto-leitor, conferindo valores, comungando mais que palavras, aspectos extraverbais, num jogo de cores, imagens, metáforas, expressões verbais e não verbais.

- a- Português de Portugal.
- b- Inglês.
- c- Alemão.
- d- Chinês.

6. A tira apresenta argumentos de que devemos ter em conta os riscos inerentes à utilização das tecnologias digitais.

a- Como o autor da tira comprova que a personagem principal está utilizando uma tecnologia digital? Explique detalhadamente, considerando os aspectos verbais e não verbais.

b- A consequência do uso inadequado da tecnologia digital se evidencia no penúltimo quadrinho. Na interação com o leitor, o autor da tira destaca alguns elementos, no referido quadrinho, que elementos são esses?

c- De que argumentos o autor se apodera ao evidenciar, destacar alguns elementos no penúltimo quadrinho?

d- Geralmente, no último quadrinho das tiras, há uma disjunção, o inesperado. Quem é o personagem que aparece no final? O que ele pretende e/ou está a fazer? Que itens observados comprovam suas considerações?

7- Na tira, geralmente, a linguagem verbal se apresenta nos balões, retratando um diálogo

- a- formal, semelhante a um discurso público ou a uma fala com um superior hierárquico.
- b- informal, similar à conversa face a face, em linguagem coloquial.

8 – Os balões apresentam desenhos diferentes. Quantos tipos de balões aparecem na tira? Descreva-os, explicando suas funções.

9- É muito comum os pais reclamarem muito de seus filhos, no que se refere ao tempo de uso da *internet*. Além do tempo destinado à tecnologia digital, o espaço deve ser considerado.

Com base nesse contexto, você construirá a linguagem verbal da tira a seguir. Para tanto, retiramos o título e as falas dos balões da tira. Reconstrua-a, colocando um título e produzindo as falas de acordo com a linguagem das imagens.

Título: _____

Figura 27- Tira III (adaptada): Preenchimento de balões



WWW.SEGURANET.PT

(C) 2013 - NELSON MARTINS

Fonte: Tiras BD (2004).

Fonte: a autora.

ETAPA III

A tira e seus elementos: carga semântica e expressiva, a partir de Aprendizagem Colaborativa²³
(2 aulas de 50 minutos cada)

Potencializando o aprendizado do gênero tira

Lembrando que a tira é “[...] um meio de comunicação de vasto consumo e com conteúdo.” (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 8), que tal optar pela metodologia de Aprendizagem Cooperativa? Assim:

- a turma, em seis grupos: A, B, C, D, E e F;
- o grupo A discute o item A da questão 1, o grupo B discute o item B da questão 1 e assim sucessivamente;
- o grupo seleciona colega(s) para ir(em) à frente da sala de aula dialogar com os outros grupos as respostas à questão proposta, no caso, o(s) elemento(s) das tiras que fora(m) discutido(s) no grupo.

Compartilhar as ideias com a turma, lendo as respostas às questões, discutindo, argumentando, contra-argumentando, possibilita tomada de decisões, formação de leitor crítico e participativo. Gosta de ser o professor mediador, no cotidiano da sala de aula? Muitas vezes, é difícil, não é? Mas, para os alunos, comparar três tiras, talvez não seja fácil. Que tal a mediação dessa tarefa?

²³ A MGAC (Metodologia dos Grupos de Aprendizagem Cooperativa) tem como princípios fundamentais a confluência da interatividade social em um ambiente mais flexível, a autonomia dos grupos de aprendizes e seu relacionamento positivo, contando sempre com a presença orientadora do educador. (CARVALHO, 2015).

Quadro 4 - Carga semântica e expressiva dos elementos da tira

ETAPA III –A tira e seus elementos: carga semântica e expressiva

Leia as tiras apresentadas a seguir e responda às questões propostas.

Figura 28 -Tira III (original) ²⁴–Internet, tempo e espaço

Passas tempo demais na Internet



Fonte: Tiras BD (2004).

Figura 29 - Tira IV: Trabalhos escolares na era digital

Copiar e colar



Fonte: Tiras BD (2004).

²⁴ Usamos esta tira em atividade anterior, sem a linguagem verbal.

Figura 30 – Tira V: Fake News
Os macacos sábios das notícias falsas



Fonte: Tiras BD (2004).

1. Considere as três tiras anteriores e faça uma análise dos elementos a seguir, considerando o significado de cada elemento, tamanho, formato, função e/ou posicionamento, enfim, descreva o que expressam esses elementos e seus efeitos na tira:

A. Contexto: a situação em que se processa a história.

Cenário da história, ambientação: espaço, aspecto artístico evidente nos quadrinhos. A distribuição das imagens no espaço dos quadrinhos.

B. Cores: comunicação visual, com seus estímulos visuais, que podem transmitir sensações e possibilitar leitura pertinente ao contexto.

C. Balões: meio de comunicação dos personagens das tiras marcado pelo uso predominante da linguagem verbal.

Apêndice/rabicho: uma extensão do balão. O uso depende da criatividade do cartunista.

D. Metáforas visuais: recurso convencional que apresenta uma simbologia figurativa, conotações que se tornaram convenções.

Onomatopeia: palavra que sugere som, representação gráfica de sons.

Linhas cinéticas: linhas que indicam o movimento do personagem ou do objeto.

Estilo gráfico: técnicas e recursos que têm valor de linguagem, como traços, sombras.

E. Requadro/ vinheta/ encapsulamento: o quadrinho com seus limites.

Calha/sarjeta/elipse/lapso de tempo: espaço vazio entre os requadros. É um elemento de conexão das vinhetas.

F. Personagem: aquele que possibilita a reflexão e divulga ideologia, apresenta atitude, valores, posicionamento, pensamento e ideias de percepção do mundo.

Enredo/roteiro/assunto/conteúdo/informação: elemento que, no gênero tira, caracteriza-se pela presença do elemento disjuntor, fazendo com que a narrativa tome uma direção nova e surpreendente, gerando o efeito cômico.

Recursos metalinguísticos, metaficcionalis e intertextuais: recurso de explicar suas próprias regras, de mostrar que é uma obra fictícia, de lembrar outros textos.

2. As tiras “Passas tempo demais na *Internet*” e “Copiar e colar”, de maneira humorada visam à reflexão do uso adequado dos meios digitais. Essas tiras dialogam com o leitor no sentido de possibilitar a conscientização ao usufruir da tecnologia. Argumente, justificando as conclusões a que a leitura desses quadrinhos pode nos conduzir?

Fonte: a autora.

ETAPA IV

Autor-texto-leitor: a tríade²⁵ da compreensão textual (2 aulas de 50 minutos)

Liberdade de pensar e expressar o pensamento

Propomos, nesta etapa, o que deve ser considerado em “[...] as tiras: a análise não deve limitar-se ao conteúdo do diálogo.” (RAMA; VERGUEIRO, 2014, p. 103). “Daí não ser suficiente apenas justificar uma tese, mas também considerar a existência de teses contrárias que podem ser evocadas, citadas, refutadas ou em relação as quais podemos fazer alguma concessão.” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 34). Porque o processo é dialógico, envolve sujeitos, seus conhecimentos e maneiras de compreender a realidade. Concorda?

²⁵ “[...] um autor ávido de comunicar sua visão das coisas [...]” (RICOUER, 1997, p. 282), no encontro, por meio do texto, com o leitor, constitui-se a tríade, isto é, a leitura se torna possível a partir da refiguração do texto realizada pelo leitor.

Quadro 5 – Autor-texto-leitor: a tríade para a compreensão textual

ETAPA IV – Autor-texto-leitor: a tríade da compreensão textual

Leia a tira²⁶ e responda às questões.

Figura 31 – Tira VI: Interações significativas



Fonte : Schultz (2013).

1. O cão Snoopy afirma: “A gente quebra o gelo assim”.
 - a- O uso do advérbio “assim” nos remete a que quadrinhos? Descreva-os.
 - b- Considere as onomatopéias e metáforas visuais, relacionando-as à postura do Snoopy.
 - c- Snoopy, diante do problema apresentado por Charlie, reagiu com um contra-argumento, qual? Agir assim facilita a interação entre as pessoas? Por quê?

²⁶ Figuras 22 e 31 são as mesmas, porque apenas citar a figura dificultaria a correlação com as atividades referentes ao gênero discursivo.

2. Qual foi a causa das ações do Snoopy? E qual a consequência dessas ações?
3. A experiência de Charlie Brown leva-o a entender que deve manter distância da ranzinza Lucy, a menina que, muitas vezes, colabora para deixar Charlie em situações difíceis.
- a- Schulz admitiu que criou os personagens das tiras, compartilhando suas inseguranças e dúvidas sobre si mesmo²⁷. Sendo assim, o que se deduz sobre o autor, a partir da relação entre Charlie e Lucy?
- b- As características marcantes de uma pessoa hoje podem ser diferentes no futuro? Dê exemplos de ações de uma pessoa que poderia motivar a outra a mudar a personalidade mal-humorada, irritadiça, implicante.
- c- Que comportamentos seus você gostaria que fossem diferentes e quais seriam importantes manter?
4. A *internet* mudou os conceitos de contato, amizade e namoro. Mas, nessa tira, os personagens não vivem nas tramas da rede digital. O que essa tira traz de prazeres da vida cotidiana, do mundo real?
5. Dê um título para a tira. Não se esqueça de que o título é um recurso persuasivo para a leitura/compreensão do gênero discursivo.

Fonte: a autora.

²⁷ “Biografia conta a verdadeira história de Schulz e Charlie Brown”. Disponível em: <https://glo.bo/2CRaV8H>. Acesso em: 12 dez. 2017.

ETAPA V**As intencionais expressões verbo-imagéticas²⁸: indissociáveis linguagens****(1 aula de 50 minutos)****É impossível ser neutro**

A neutralidade, em qualquer construção linguística, é impossível. O uso da linguagem “[...] é essencialmente argumentativo: orientamos os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões com exclusão de outras.”

(KOCH; ELIAS, 2016, p. 13).

É comum, na Linguística, a afirmação de que todos os enunciados são argumentativos e de que o uso da linguagem sempre ocorre na forma de textos. Portanto os textos, de maneira explícita ou implícita, usam de argumentos, a partir de um tema, na busca de aceitação de sua tese.

Será que os nossos alunos sabem disso?

A discussão, em sala de aula, sobre a necessidade de seleção das linguagens verbal e imagética, para atender aos propósitos do enunciado, pode contribuir para a produção e leitura, em especial, das tiras.

²⁸ Silva (2014, p. 214), ao se referir às tiras, classifica-as como “textos verbo-imagéticos”, referindo-se à multimodalidade textual, às linguagens verbal e não verbal dos quadrinhos.

Quadro 6 – Complementares expressões

ETAPA V – As intencionais expressões verbo-imagéticas: indissociáveis linguagens

Considere as duas tiras²⁹ apresentadas e, em seguida, responda às questões propostas.

Figura 32 – Tira VII: A efemeridade da vida



Fonte: Schulz (2017).

Figura 33 – Tira VIII: Depressão é assunto sério



© 1960 United Feature Syndicate, Inc.

Fonte: Peanuts (2015).

²⁹ Figuras 23 e 32 são as mesmas, também 24 e 33 são idênticas, porque apenas citar as figuras dificultaria a correlação com as atividades referentes ao gênero discursivo, conforme já mencionado.

A- Crie um título para cada tira.

B- Que semelhanças apresentam essas duas tiras?

C- Na primeira tira, Linus utiliza de um saber universal, de grande aceitação: “Nada é para sempre”, logo olha para o amigo Charlie e explica: “Todas as coisas boas terminam um dia”. Enquanto Linus fala, pensa e escuta, nos quatro quadrinhos, essas ações são acompanhadas de gestos, movimentos.

Que movimentos/gestos são esses? Cada movimento/gesto dele é um argumento que transmite quais ideias?

D- Podemos considerar a pergunta de Minduim/Charlie Brown, no quarto quadrinho da primeira tira, um contra-argumento aos argumentos de Linus? Por quê?

E- Na segunda tira, quais foram as expressões corporais da menina Patty Kieffer? Qual o significado dessas expressões?

F- Quais as consequências de ficar ereto, de não baixar a cabeça, na concepção de Charlie? Qual a postura dele no primeiro e no último quadrinho da segunda tira?

G- Qual o efeito de sentido provocado pelo uso das palavras “porque” e “assim”, nos dois últimos quadrinhos da segunda tira?

Fonte: a autora.

ETAPA VI**Elementos da tira: recursos argumentativos****(1 aula de 50 minutos)****Quais são as intenções do enunciador? E elas são aceitáveis?**

Ao descrever, definir um objeto, seja por palavras ou por imagens, atendemos aos propósitos argumentativos, pois selecionamos palavras, ângulos, pontos de vista etc. “As definições impõem um determinado sentido, estão orientadas para convencer o interlocutor [...]” (FIORIN, 2017, p. 118). Se afirmamos algo, isso pode ser conflitante ou não, é argumento, para tal há o contra-argumento.

Muitas vezes, utilizamos textos do tipo predominantemente narrativo para alcançar o tipo dissertativo argumentativo. Cremos que essa estratégia está sendo usada por muitos autores do gênero tira.

O uso da linguagem se dá na forma de textos e os textos são de sujeitos em interação, expressando querer e saber. Portanto o texto, precisamente o gênero tira, na construção de seus elementos textuais, expressa seus querer e saber, seguindo uma orientação argumentativa, considerando que um cenário, por exemplo, pode funcionar como uma estratégia argumentativa.

É claro que o produtor da tira, se posiciona no seu discurso argumentativo, pensando no contra-argumento do possível argumento do provável leitor. Mas isso não garante que, do outro lado, o leitor aceite a tese defendida. Não é verdade?

Quadro 7 – As intencionais expressões verbo-imagéticas: indissociáveis linguagens

Etapa VI- Elementos da tira: recursos argumentativos

Leia a tira³⁰ do cartunista Cury.

Figura 34 - Tira IX: As facetas do mundo conectado



Fonte: Danuta (2014).

1. Analise essa tira e responda às questões seguintes, marcando a alternativa correta na primeira questão A - (ENEM/2013) A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude

- crítica, expressa pelas ironias.
- resignada, expressa pelas enumerações.
- indignada, expressa pelos discursos diretos.
- agressiva, expressa pela contra-argumentação.
- alienada, expressa pela negação da realidade.

B. O produtor da tira, nas legendas, argumenta: “NO MUNDO CONECTADO, NÃO HÁ PRECONCEITOS, NÃO HÁ IGNORÂNCIA E NÃO HÁ COVARDIA”, paralelamente a esses argumentos, Cury contra-argumenta. De que maneira ele constrói cada contra-argumento?

C. Qual o formato e a função das legendas e dos balões?

³⁰ Figuras 21 e 34 são bastante semelhantes, porque apenas citar a figura dificultaria a correlação com as atividades referentes ao gênero discursivo, além do que, aqui, apresentamos a tira original.

D. Observe os apêndices/rabichos dos balões.

D1. Qual a função desse elemento na tira?

D2. No último quadrinho, o balão e seu apêndice diferem dos demais, que efeito essa estrutura produziu, isto é, qual o objetivo desse diferencial?

D3. O leitor de Os Sertões comunica sem o uso de balões. Que possível argumento o autor da tira produz, ao escolher não usar balão para esse personagem?

E. Ainda sobre o leitor de Os Sertões...

E1. O que significa o recurso da língua escrita acima de sua cabeça?

E2. Que sensações e sentimentos essa linguagem não verbal explicita?

E3. O livro de Euclides da Cunha é considerado o primeiro livro-reportagem brasileiro, em que deixa claro seu ponto de vista no que se refere ao racismo. Que efeito produz a utilização dessa imagem?

F. Desenhe um balão e escreva nele o possível pensamento do leitor de Euclides da Cunha - Os Sertões, um clássico da literatura brasileira, substituindo o ponto de interrogação por uma frase.

2. Há tiras sem o uso de balões, o que não impossibilita a leitura:

Figura 35 – Tira X: O poder da leitura



Fonte: O Menino... (2014).

A- Gibi significava apenas moleque, porém, com o tempo, a palavra passou a ser sinônimo de revistas em quadrinhos, porque, no Brasil, Gibi foi título de uma revista em quadrinhos. Que argumento o produtor da tira traz na junção desses quadrinhos?

B- Faça a descrição do contorno, o requadro, o plano, o espaço ocupado por cada vinheta da história, as cores, enfim, a organização das imagens. Em que essa seleção proposital contribuiu para a compreensão da tira? Que argumentos o autor da tira produziu?

C- O gênero tira aparenta “ingenuidade”, leveza. Essa característica do gênero possibilita ao autor posicionamentos sobre fatos polêmicos, como se estivesse “escondido” por trás da objetividade humorística. Portanto, quem produz esse gênero pode criticar, polemizar, posicionar-se, enfim, expressar-se por meio das revistas em quadrinhos, por exemplo.

Além das revistas, onde mais são publicadas as tiras? Esses suportes ou meios de divulgação das tiras podem contribuir com o discurso ideológico em que sentido?

ETAPA VII**O jornal na sala de aula****(1 aula de 50 minutos)****Finalizando...**

É hora de um jornal recente, de preferência com uma tira intertextual, a que dialoga com outros textos no jornal. Assim, comprovamos para os alunos que o quadrinista argumenta, defende seu ponto de vista e que isso, muitas vezes, passa despercebido pelo leitor desavisado. Pode a tira ser noticiosa?

Por exemplo, o jornal Folha de São Paulo, na seção Ilustrada, em 08/09/2018, por meio da tira de Malvados, André Dahmer critica os eleitores e a crença de que é possível combater a ignorância dos que elegem os diversos representantes do país. Enquanto lemos, na primeira página do jornal: Bolsonaro migrará sua campanha para as redes; Sete de setembro é esvaziado após ataque a candidato; Transferido para SP, candidato ainda corre risco, mas quadro é estável; Para 72% intervenção federal no RJ deve seguir; Estelionato e violência compõem quadro político e Longa transição para a democracia...

Portanto a tira, de forma intertextual, se posiciona frente aos novos tempos, à realidade atual, trazendo à tona as consequências da democracia, as dificuldades ao eleger os representantes, em período de violência, de estelionato, de intervenções militares e de uso da *internet* para as propagandas eleitorais. O assunto do momento é esse. E, hoje, o que dizem os jornais da sua região? As tiras são intertextuais?

Quadro 8 - O diálogo da tira com outros textos no jornal

ETAPA VII - O jornal na sala de aula

Leia com seu(sua) professor(a):

Encontramos, na tira, peculiaridades de um gênero opinativo. Afinal, esse gênero surgiu nos jornais, expressando o cotidiano. Ressaltamos que as tiras sempre tiveram vida ativa, desde os anos 50, quando começaram a ser publicadas em jornais do Brasil. Magalhães (2006) atesta essa vida ativa da tira como importante para a construção do pensamento do país, uma vez que esses textos possuem liberdade inventiva, com agilidade e imediatismo, não se dobrando à massificação niveladora.

O que se nota é que a tira inter-relaciona com outros gêneros jornalísticos, apresentando, às vezes, a crítica da charge, a denúncia noticiosa etc. Em uma relação intrínseca com textos críticos, persuasivos, conscientizando livremente a sociedade, com seus pontos de vista sobre a sociedade, a política, a cultura, a economia e outros.

Agora, analise a tira de André Dahmer³¹ e a capa do jornal em que este gênero fora publicado, estabelecendo o que há de comum entre o que diz a tira e o que dizem os outros textos do jornal.

Figura 36 – Tira XI: Opinião jornalística



Fonte: Dahmer (2018).

³¹ Suas tiras já apareceram no Jornal do Brasil, no portal da *internet* G1, no jornal O Globo, em revistas. Também foi usada uma tira sua no tema da redação do Enem de 2011, além de esse carioca fazer parte do time de quadrinistas do jornal Folha de São Paulo.

Figura 37 – Capa do jornal Folha de São Paulo

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★ UN JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 98 * Nº 32.665

SÁBADO, 8 DE SETEMBRO DE 2018

EDIÇÃO SP/DF * CONCLUÍDA ÀS 23H45 * R\$ 4,00

Para 72%, intervenção federal no RJ deve seguir

Segundo pesquisa do Datafolha, a maioria dos moradores do estado defende estender a intervenção na segurança pública, que termina em 31 de dezembro. Disseram-se contrários à prorrogação 23%.

A falta dos favoráveis diminui entre pessoas com nível superior; 63% delas querem a prorrogação, e 33% não. Já entre aqueles com ensino fundamental, 79% querem a extensão, e 13% não. *Cotidiano B3*

MINHA ELEIÇÃO Ricardo Kotscho Longa transição para a democracia se deu em dois atos

Primeiro, sob o comando do dr. Ulysses, o país assistiu às maiores manifestações contra o regime militar e em defesa das liberdades democráticas.

O segundo foi a campanha de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, deflagrada logo após a derrota das Diretas Já. *Eleições 2018 A10*

Ilustrada C3 Canto alto brasileiro

Morre, aos 81, Wilson Moreira, parceiro de Nei Lopes e sambista craque do partido-alto

Esporte B8

Em novo ciclo para a Copa, Brasil vence com gol de Neymar

Sobretudo A22

'Tinder' corporativo aproxima líderes de empresas em clubes

EDITORIAIS A2

Crepúsculo de Temer
Sobre ataques do presidente a Alckmin e Haddad.

Casa Branca paralela
Acerca de relatos atribuídos a auxiliares de Trump.

ATMOSFERA B2

São Paulo hoje
26°
13°

Amanhã 15° 26°
Segunda 14° 24°
Terça 13° 22°

Fonte: www.climatempo.com.br

CIRCULAÇÃO: 322.723/DIA
(Impressos + digitais)

AUDIÊNCIA: 32.236.967
visitantes únicos/mês

ISSN 0100-4746
32.665
9 771121 322070



Apoiadores diante do hospital onde Jair Bolsonaro está internado em SP. Nelson Antônia/Folhapress

Bolsonaro migrará sua campanha para as redes

Em recuperação, presidenciável deve gravar mais vídeos para a internet; aliados manterão ações nas ruas

Impossibilitado de fazer atos públicos após ter sido esfaqueado na quinta (6), o presidenciável Jair Bolsonaro (PSL) deve usar as redes sociais para se dirigir a eleitores nos próximos 30 dias.

Menos de 24 horas após o atentado, o deputado federal recorreu à internet para enviar uma mensagem: "Estou bem e me recuperando".

Como a internação pode durar ao menos dez dias, outros assumirão a dianteira nas ruas. Já foram escutados dois de seus filhos, Flavio e Eduardo. O vice da chapa, general Hamilton Mourão (PRTB), também deve assumir algumas agendas.

Antes do ataque, Bolsonaro pretendia intensificar participação em comícios, passeatas e visitas, para tentar melhorar suas intenções de voto no segundo turno.

A campanha do presidenciável também terá de definir nova estratégia para entrevistas e debates. A escolha de um único representante ou de múltiplos deve provocar disputa interna.

Uma ala de apoiadores formada por militares defende que o general Mourão assuma alguns dos compromissos do candidato. Esse grupo, porém, pode sofrer resistência de um núcleo mais político. *Eleições 2018 A4*



SETE DE SETEMBRO É ESVAZIADO APÓS ATAQUE A CANDIDATO

Em desfile, Michelzinho, filho do presidente Michel Temer e da primeira-dama Marcela, faz gesto que parece simular arma; atentado contra Jair Bolsonaro (PSL) levou principais candidatos, exceto Ciro Gomes (PDT), a cancelar agendas. *Eleições 2018 A9*

Transferido para SP, candidato ainda corre risco, mas quadro é estável

Eleições 2018 A5

Comportamento agitado preocupava família de agressor

Adelio Bispo de Oliveira, 40, é descrito por parentes como solitário. Apesar de a agitação ter preocupado a família, o ato violento não era esperado. Preso preventivamente, Oliveira será transferido para Campo Grande (MS). Segundo sua defesa, ele agiu por motivação política, religiosa e racial. *Eleições 2018 A9*

CAOA CHERY

5 MOTIVOS PARA VOCÊ COMPRAR SEU TIGGO 2

INVESTA EM QUALIDADE E TECNOLOGIA COM RETORNO GARANTIDO.

VEJA NA PÁGINA 5 AS CONCESSIONÁRIAS PARTICIPANTES.

CAOA CHERY QUALIDADE, TECNOLOGIA E DESIGN

Luís F. Carvalho Fº

Estelionato e violência compõem quadro político

O estúpido atentado de Juiz de Fora remete o Brasil para tempos da República Velha. Beligerância extrema, messianismo, vulnerabilidade dos "simplicírios" e protagonistas moralmente deformados completam o quadro. *Cotidiano B5*

Katia Rubio

No Brasil, memória do esporte precisa de cuidado urgente

Eis uma das marcas do esporte, as polaridades. Em um extremo está o vencedor, que imortaliza. No outro está o perdedor, que apaga toda a trajetória. *Esporte B9*

Katia Rubio, professora da USP, pede a escrever aos sábados.

Fonte: Folha de São Paulo (2018).

Fonte: a autora.

ETAPA VIII

Mão na massa: novas ferramentas

(2 aulas de 50 minutos)

Etapa final

Hora de produzir tira: lembrando que a proposta é trabalhar o gênero discursivo tira, mostrando que o tipo argumentativo se relaciona com o gênero, de forma produtiva, na construção de sentidos. Agora, é hora de o aluno pensar nos prováveis leitores do texto a produzir, para oferecer pistas do posicionamento do enunciador, isto é, construir o imagético e o verbal com propósitos opinativos, argumentando.

Que tal colocar os alunos em duplas? Eles podem discutir sobre os problemas sociais; caracterizar os personagens; usar um *software*, no laboratório de informática, sugerimos Hagáquê 1.05 (Figura 38); ou desenhar à mão. Também é possível esboçar um personagem e fotografá-lo para usar em aplicativo, como o sugerido, que permite girar esse desenho, ampliá-lo ou diminuí-lo, mudar-lhe a cor, colocá-lo em cenários diferentes e assim por diante.

Hora de publicar: leitura em conjunto, para o aluno reorganizar e valorizar o próprio texto, os dos colegas e, principalmente, para que se veja como autor e leitor participativo, capaz de interagir em sociedade.

Fim? Não. É hora da avaliação da produção das tiras, a fim de observar se as aprendizagens se efeturaram e planejar as próximas atividades, com retorno ou não a alguma etapa do protótipo.

Quadro 9 - Produzindo a tira

Etapa VIII - MÃO NA MASSA

Antes do esboço da sua tira, **oralmente**, responda:

A- Você conhece algum *software* que contribua na produção de uma tira?

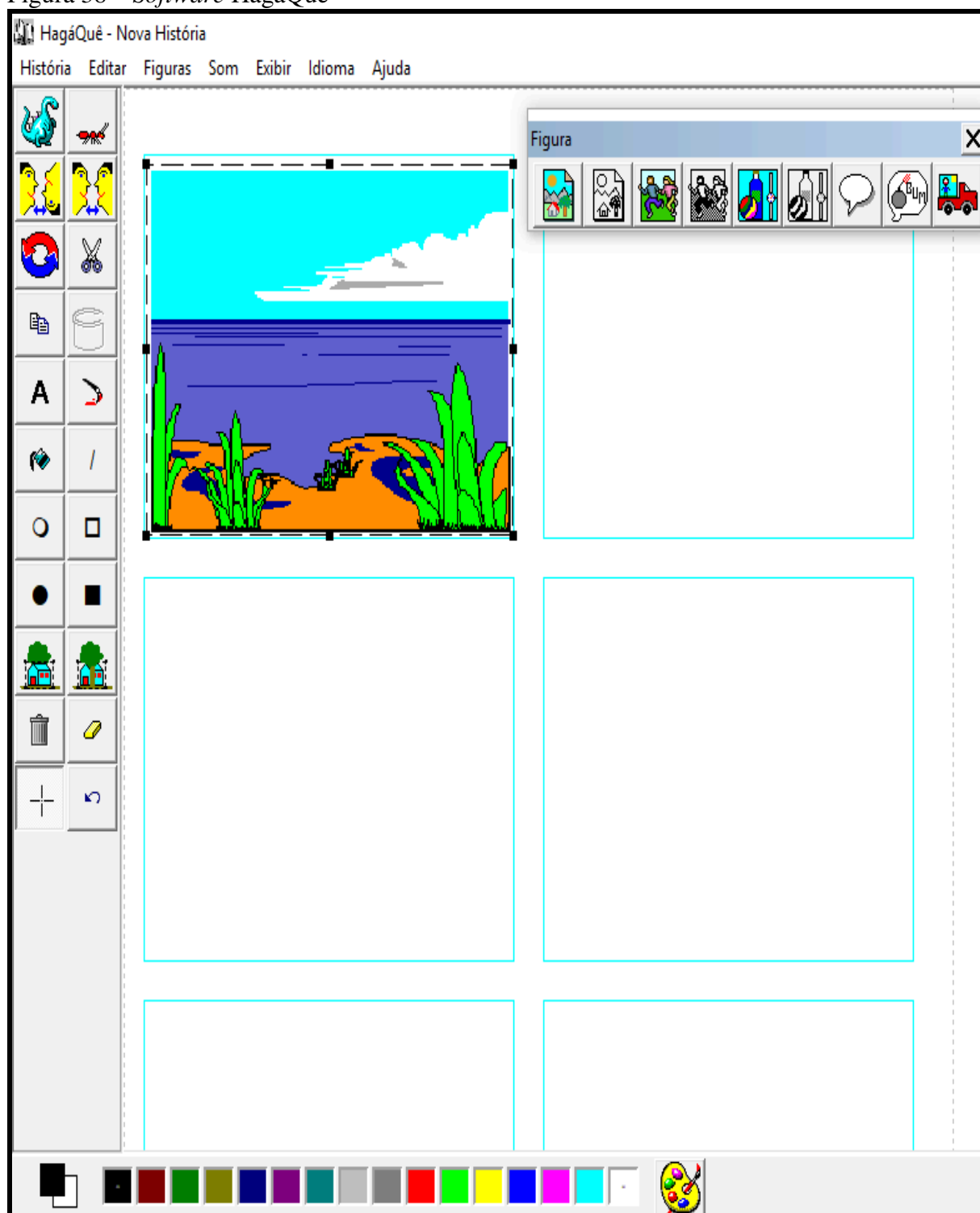
B- Que assunto atual, social, político, você seleciona para se posicionar de forma humorada?

C- Pense em um personagem para uma tira sua.

D- Que ideias esse personagem pode defender?

E- Com quem seu personagem convive?



Figura 38 – Software HagáQuê³²

Fonte: HagáQuê com imagem selecionada pela autora.

³² É possível fazer o download do *software* gratuito, de maneira prática e instalá-lo nos computadores do laboratório de informática, disponível em: <https://www.nied.unicamp.br/projeto/hagaque/>. Geralmente os alunos propõem outros meios, tornando o trabalho mais interessante.

Mas, no nosso caso, o material com os protótipos precisava chegar às mãos dos alunos. O movimento, no sentido de contribuir para que os discentes tivessem acesso às atividades, direcionou-nos para a organização do que denominamos de Caderno de Atividades Diferenciadas.

3.1.5 A produção do material didático: Caderno de Atividades Diferenciadas

Material, confeccionado por nós, o qual pode indicar caminhos de direcionamento do trabalho docente. É, na verdade, a cópia dos protótipos, em forma de caderno, isto é, folhas montadas a partir de xérox de duas páginas, na horizontal, de modo que dobramos as folhas ao meio, sendo que as atividades foram elaboradas diferentemente da forma como são realizadas pelos livros didáticos.

A diferença é que exploramos, nos protótipos, o gênero tira com suas peculiaridades. E o que acontece com a maioria das tiras ao serem didatizadas é a supremacia do verbal.

Em sua formação letrada, os professores de Português, talvez mais que quaisquer outros, estão imbuídos de que os textos são ‘para ler’, enquanto, por exemplo, cinema e quadros são ‘para ver’. E, como pouco se questiona isso, na escola ou nos cursos de Letras - ainda que a realidade e a experiência de cada professor e aluno coloquem essa noção em cheque a cada momento -, ela continua vigente, mesmo quando não propala, enquanto se deixa de explorar a legibilidade da imagem. (MARTINS, 2004, p. 97, grifo nosso).

A nossa experiência em sala de aula, há mais de duas décadas, concomitante à coordenação do Grupo de Estudos - Formação Continuada dos Professores de Língua Portuguesa, na Secretaria Municipal de Educação de Patos de Minas, possibilitou-nos perceber os entraves para o letramento do aluno, quando tentamos trabalhar as atividades referentes às tiras, conforme sugere alguns livros didáticos, corroborando com Neves (2013), que afirma que o texto parece peça morta, em que se arranca pedacinho para praticar o esporte de dar nome às palavras. Podemos dizer que há um apagamento de conhecimentos do gênero:

[...] não só as imagens, mas o modo como essas imagens são oferecidas no espaço escolar constroem um determinado mundo de referências. O visível oferecido na escola tende a mascarar a natureza dialógica e polifônica das imagens, que tão harmoniosamente interagem com o texto verbal... (BELMIRO, 2003, p. 307).

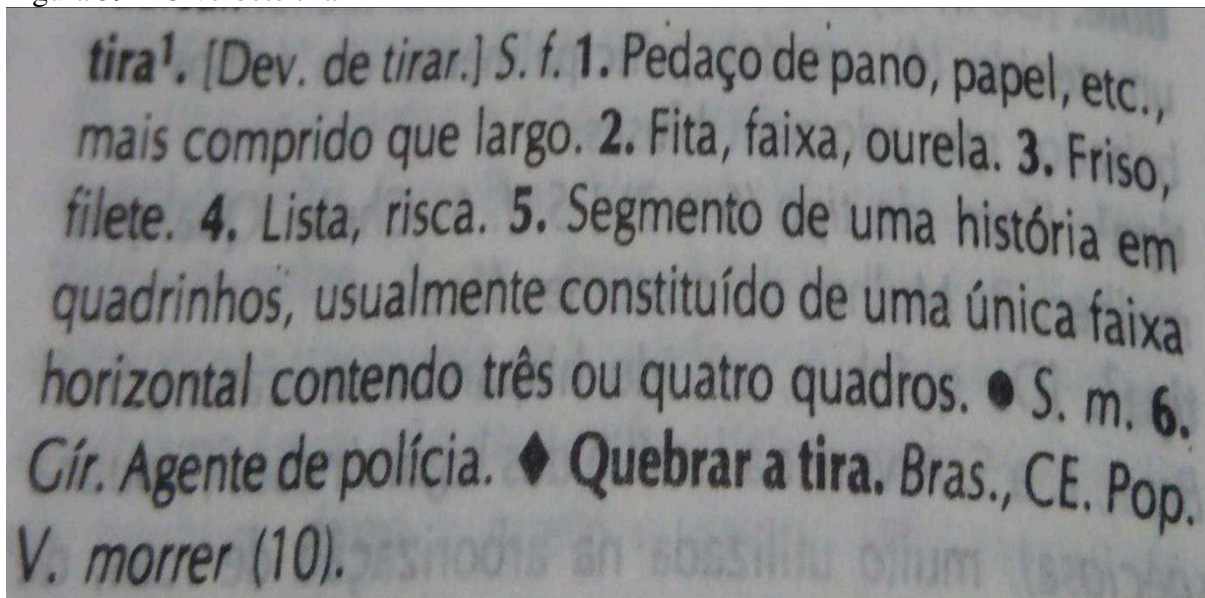
Ao organizarmos as atividades que compõem o Caderno de Atividades Diferenciadas, optamos por enunciados com as pautas, diferentemente do livro didático, para que o aluno pudesse responder às atividades no próprio material. Nós o disponibilizamos no Apêndice B.

O Caderno de Atividades Diferenciadas ficou logo conhecido, por muitos alunos, como “O Caderninho”, recebeu também o título de “O Caderno das Tirinhas”, na voz de L19, por exemplo, que disse: “Eu também quero entregar O Caderno das Tirinhas”, conforme nossas anotações.

Quanto à elaboração do material didático, fez-se necessário construir uma capa, na qual inserimos o seguinte título: “Uma Viagem no Universo das Tirinhas”. Insistimos no emprego legítimo da palavra no diminutivo, pois entendemos que isso confere mais vigor ao que está sendo expresso.

Ressalta-se, assim, o valor semântico, intencional e pleonástico do termo. Segundo o Novo Dicionário Aurélio, Ferreira (1986), tira é um segmento de uma história em quadrinhos, então tirinha é um gênero discursivo, com ênfase em sua estrutura - tamanho pequeno (segmento, porção, seção), ao se relacionar com o hipergênero história em quadrinhos.

Figura 39 – O verbete tira

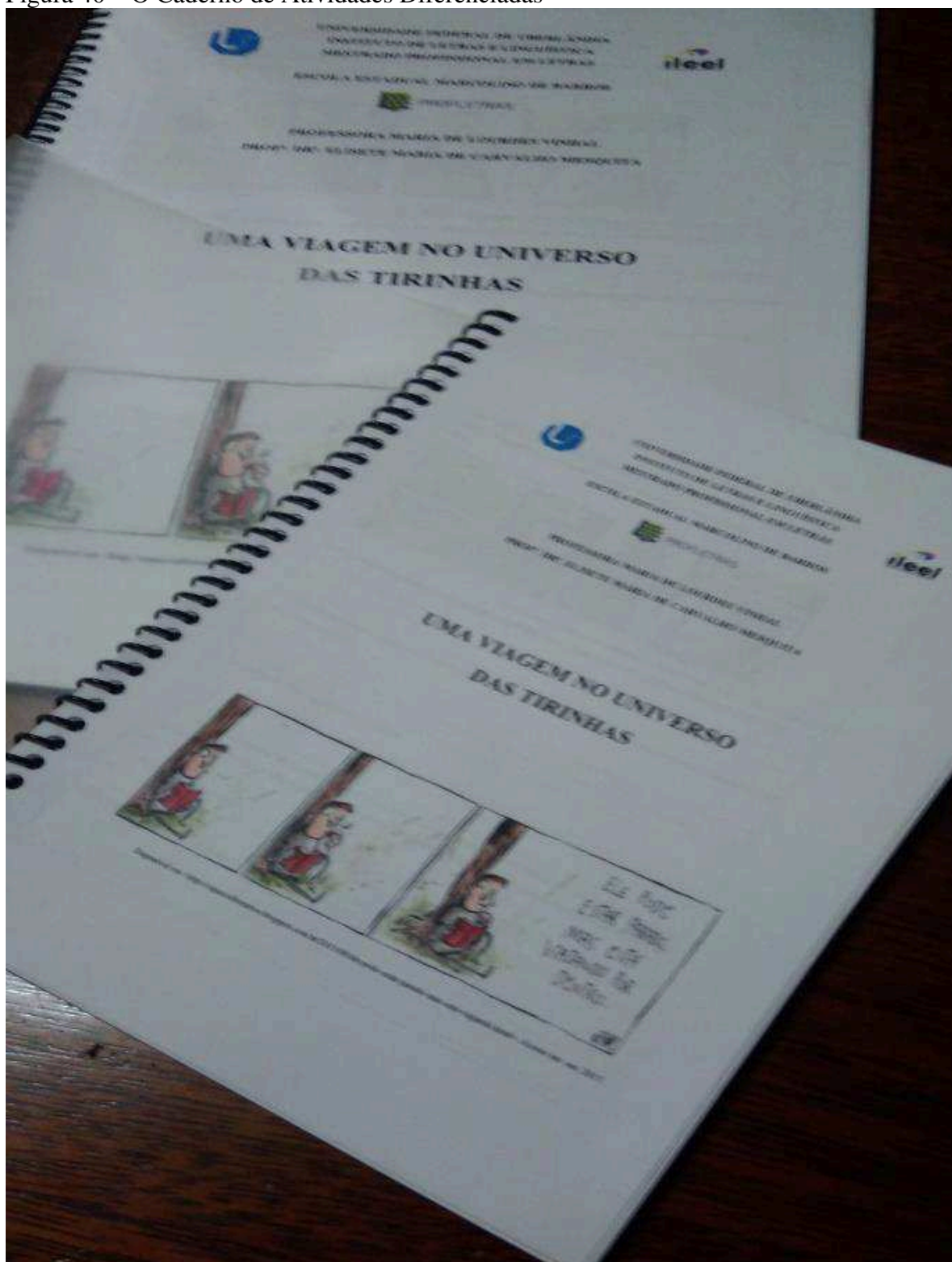


Fonte: Ferreira (1986, p. 1680).

Ainda sobre a capa do Caderno de Atividades Diferenciadas, selecionamos uma tira de que gostamos muito, por esse gênero discursivo tentar nos convencer de que há um

empoderamento naquele que lê: o leitor parece inerte, mas a leitura o torna ativo por dentro (Figuras 40 e 41).

Figura 40 – O Caderno de Atividades Diferenciadas



Fonte: a autora.

3.1.6 Organização da dinâmica da sala de aula

Em sala de aula, conforme planejado, adotamos procedimentos de ensino e aprendizagem - protótipos - com os alunos participantes da pesquisa. Entendemos que esse nome se justifica, porque, segundo Rojo e Moura (2012), protótipos são propostas de ensino que devem abranger leitura crítica, análise e produção de textos multissemióticos.

De forma investigativa, analisando qualitativa e quantitativamente os dados, foram duas semanas, totalizando as doze aulas de cinquenta minutos, consoante o planejamento. Tornou-se possível essa quantidade de aulas, nesse espaço de tempo, porque na classe escolar de 9º ano, temos, por semana, seis aulas de cinquenta minutos.

Em se referindo à entrega do material em sala de aula, compreendemos ser necessário que se considere “[...] um dos melhores mecanismos para obter um bom desempenho acadêmico entre os alunos: rotinas cuidadosamente construídas e executadas para distribuir e recolher materiais de aula.” (LEMOV, 2011, p. 23). Logo, providenciamos uma pasta para arquivar os Cadernos de Atividades Diferenciadas e solicitamos que os alunos nos ajudassem na distribuição e recolhimento dos materiais, durante as duas semanas de pesquisa.

IV ANÁLISE DA APLICAÇÃO DOS PROTÓTIPOS

“Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”
(BAKHTIN, 2016, p. 71).

A primeira reflexão foi a de que, se percebemos que algo está errado, basta consertar, logo poderia mitigar os próprios erros e maximizar as qualidades. Mas, ao refletir novamente, concordamos com Lemov (2011):

Eles (os excelentes professores) também têm fraquezas ao ensinar, a despeito de seus fantásticos resultados. [...] É plausível que o desenvolvimento das características em que você já é bom possa melhorar seu ensino, tanto quanto ou mais do que trabalhar suas fraquezas e seus defeitos. Mas é ainda mais provável que a combinação das duas abordagens produza os melhores resultados. (LEMOV, 2011, p. 21).

Portanto, apresentar e discutir as dificuldades enfrentadas, falar de nossas fraquezas e do que se apresentou exitoso é inevitável, pois isso pode nos conduzir a bons resultados. Só assim a seriedade deste estudo se evidencia.

4.1 Análise do protótipo

É preciso mencionar que o protótipo e/ou os protótipos detalham os passos de leitura/compreensão das tiras até o momento de produzi-las. Entendemos que, dessa forma, o participante da pesquisa conheceu o gênero discursivo, para depois produzi-lo. Explorou as características do texto, por meio da construção do conhecimento gradativo.

E o gênero discursivo tira contribuiu para que conseguíssemos oferecer possibilidades de refletir sobre o mundo virtual, local em que qualquer um publica o que quer, sustentando uma sociedade de desejos e espetáculos, fortalecendo a aparência pela própria aparência.

Na seleção das tiras, no sentido de possibilitar discussões sobre a realidade cotidiana, tivemos tira(s) dos quadrinistas³³:

- a) Nelson Martins e Cury, que criticam a geração pioneira no uso do território virtual e nos permitem entender a sociedade usuária da internet: exposição da

³³ Estamos contando com 12 tiras, porque analisamos com os alunos a tira da capa do Caderno de Atividades Diferenciadas.

intimidade, afetos irrealis, violência incentivada, criação de notícias falsas e outros;

- b) Schulz, João Montanaro, Brum e André Dahmer, por sua vez, apresentam críticas que funcionam como argumentos, soluções para a problemática do território virtual: interações pessoais, percepção da efemeridade da vida, cuidados com a saúde mental (depressão), envolvimento com a leitura e questões sociopolíticas.

Perseguimos, durante todo o processo, a ideia de que palavra e imagem têm o poder de produzir argumentação, porque

[...] em textos verbo-imagéticos não somente a palavra tem capacidade para argumentar; a imagem colabora de forma decisiva para o cunho argumentativo que se pretende dar à construção de um personagem [...], no caso das tiras. (SILVA, 2014, p. 214).

Demos destaque à junção da imagem e escrita na construção do sentido do texto, na interação dos códigos verbo-imagéticos. Quanto à estrutura, utilizamos tiras fechadas, definição sustentada por Mendonça (2002):

As tiras são um subtipo de HQ; [...], de caráter sintético, podem ser sequenciais (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia). Quanto às temáticas, algumas tiras satirizam aspectos econômicos e do país, embora não sejam tão “datadas” como a charge. Dividimos as tiras fechadas em dois subtipos: a) tiras piada, em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas [...]; b) tiras-episódio, as quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens [...] (MENDONÇA, 2002, p. 198, grifo nosso).

Os protótipos possibilitaram a discussão sobre a estrutura das tiras. Além disso, essas atividades, na interação professor-aluno, contribuíram com a construção do conhecimento sobre recursos estilísticos e/ou marcas linguístico-enunciativas empregados na composição do gênero discursivo tira, vinculado às condições de produção, num viés argumentativo.

4.2 Análise da aplicação das etapas do protótipo

4.2.1 Etapa I

O primeiro dia destinado à aplicação da proposta, 8 de outubro de 2018, foi para dar orientações aos alunos, momento em que retomamos os termos assinados pelos alunos e pelos pais. Em seguida, combinamos que o material didático seria recolhido todos os dias e que, portanto, precisávamos administrar bem o tempo de recolhimento e de entrega do Caderno. Afirmamos que as observações deles são muito importantes e que, em especial, nessas atividades, esperávamos que registrassem suas considerações, na medida em que sentissem necessidade de colaborar com o nosso trabalho.

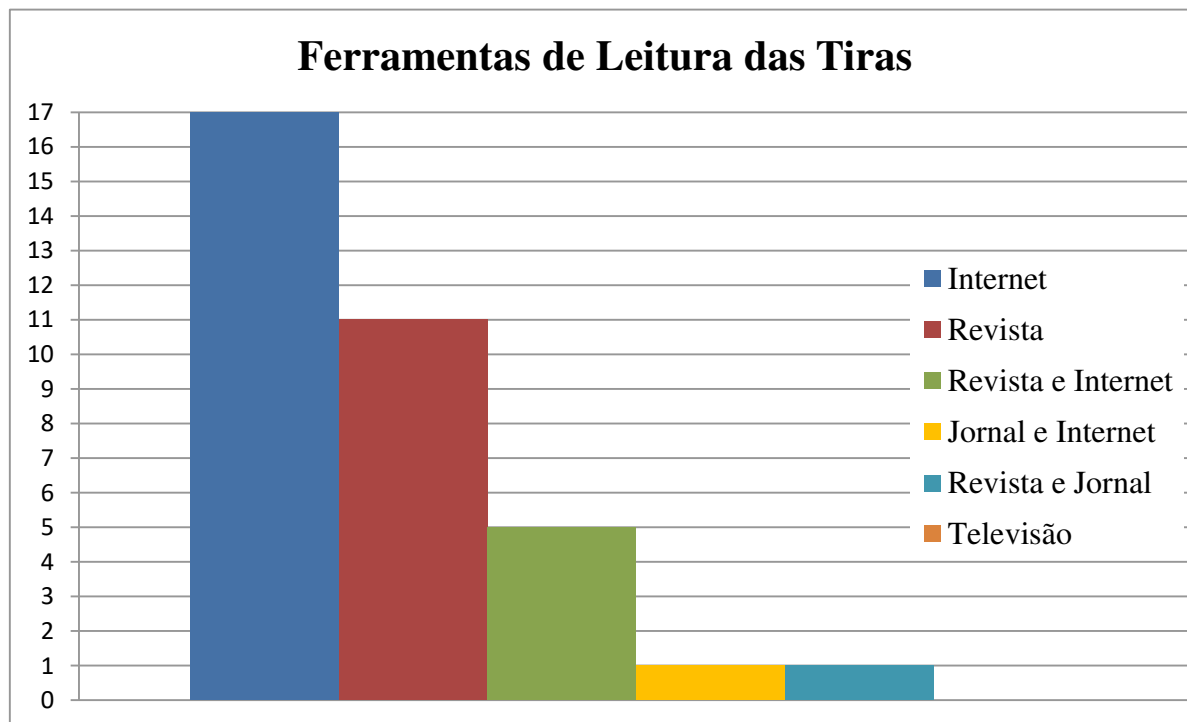
Quatro alunos se candidataram para distribuir e recolher os que eles passaram a chamar de Cadernos de Tirinhas. Então dois discentes, a cada semana, ficaram com a responsabilidade de manter a rotina cuidadosa em sala de aula, para melhor gestão do tempo. De modo a não chamar a atenção dos alunos e nem perder tempo, foram rascunhadas as considerações que entendemos ser importantes, no percurso das aulas. Nossos combinados foram estabelecidos, de modo que os aspectos rotineiros, durante as duas semanas, foram bem aceitos.

Em seguida, solicitamos que respondessem a algumas perguntas referentes ao gênero discursivo tira e explicamos que era apenas para sondagem, que respondessem com clareza e sinceridade, como forma de contribuir com o ensino e a aprendizagem.

Nesta Etapa I (Quadro 2), a sondagem nos permitiu perceber que, para a leitura das tiras, a maioria utiliza a *internet* (55%), uma boa parte (40%) usa o suporte revista para ler o gênero tira e uma pequena parcela (5%) folheia jornais na busca dos textos em quadrinhos e ninguém (0%) citou a televisão como um meio de uso frequente para ver os personagens dos quadrinhos, nos desenhos animados e séries, por exemplo.

Houve quebra de expectativa, porque pensávamos que mais de 80% responderiam que leem as tiras por via digital. Concluímos que o texto impresso, quando se trata da revista em quadrinhos, tem grande aceitação dos jovens e que, em se tratando do jornal, faz-se necessário usá-lo pedagogicamente em sala de aula, já que poucos o leem (trabalhamos com o jornal, na etapa VII). A seguir, apresentamos o Gráfico 2 referente a essa sondagem.

Gráfico 2 – Suporte utilizado para leitura das tiras



Fonte: a autora.

Na questão em que o enunciado é a solicitação de que relacionem o título da tira com o conteúdo do texto (Quadro 2), muitos apresentaram dificuldades de compreensão. Como o título é “Etiqueta nos jogos *online*”, o significado da primeira palavra que intitula a tira foi discutido, por não fazer parte do vocabulário usual dos sujeitos da pesquisa. Muitos se preocuparam tanto com o sinônimo do vocábulo que apenas o definiu, desviando do real objetivo do enunciado.

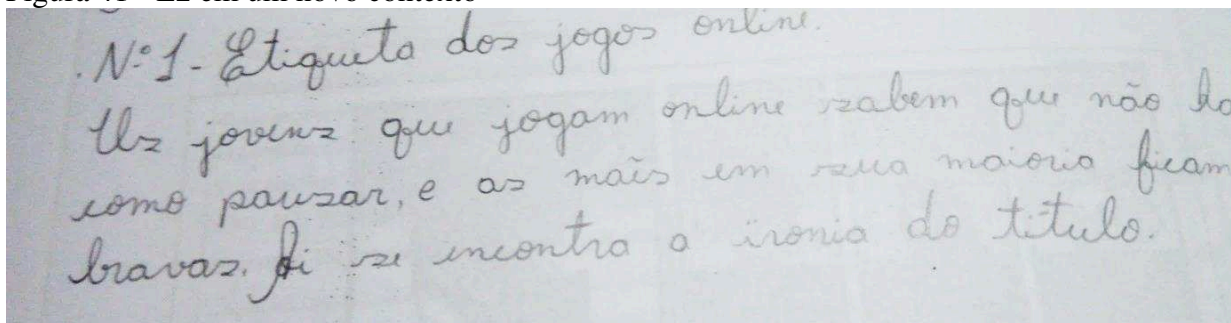
A fala de L2, que, como outros alunos, é um aluno participativo, mostra a falta de compreensão, por parte das mães, do funcionamento dos jogos *online*: “Dona Lourdes, as mães não compreendem que não podemos pausar jogos”. Porém, na tira, a imagem não é de uma mãe, é do pai do Xico (Figura 25), que dá um castigo ao filho, o de ficar sem *internet*, até que este apresente um comportamento socialmente aceito.

A relação do texto com a realidade dos discentes - a figura feminina fica brava com as atitudes dos filhos nos jogos *online* - fez com que os alunos desconsiderassem o aspecto não verbal da tira. Em verdade, salientaram os aspectos verbais, demonstrando falta de habilidade no trato com o caráter multimodal das tiras (nas etapas posteriores, oralmente, salientamos sobre o sentido produzido pela linguagem não verbal).

Diagnosticamos que L2 e L9 (Figuras 41 e 42), assim como outros alunos, ainda não compreenderam a linguagem específica do gênero tira, em que dois códigos atuam em

constante interação: o imagético e o verbal (as atividades das etapas do protótipo procuraram demonstrar a importância da multimodalidade das tiras).

Figura 41 - L2 em um novo contexto

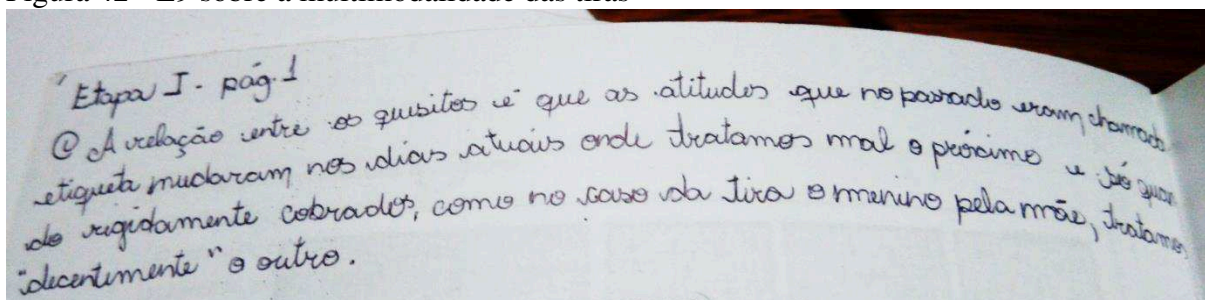


Transcrição (grifo nosso):

Os jovens que jogam online sabem que não há como pausar, e as mães em sua maioria ficam bravas. Ai se encontra a ironia do título.

Fonte: a autora.

Figura 42 - L9 sobre a multimodalidade das tiras



Transcrição (grifo nosso):

A relação entre os quesitos é que as atitudes que no passado eram chamadas etiqueta mudaram nos dias atuais onde tratamos mal o próximo e só quando rigidamente cobrados, como no caso da tira o menino pela mãe, tratamos "decentemente" o outro.

Fonte: a autora.

Nesta etapa de sondagem, descobrimos que o que mais chama a atenção dos alunos, na leitura das tiras, é a capacidade que o texto apresenta de ser engraçado, é o humor.

Geralmente é o último quadrinho que apresenta a quebra de expectativa, o engraçado, o inesperado, a piada. “Na tira, o objeto discursivo visa ao humor, portanto, em geral, o último enquadre é decisivo para a sua graça, o que marca o acabamento do projeto de dizer, ou, conforme palavras bakhtinianas, marca a ‘intenção discursiva’.” (SILVA, 2014, p. 90).

Segundo Vergueiro e Santos (2015), o humor nas tiras é gerado pelo elemento disjuntor, que introduz uma informação, uma novidade, inesperada ou absurda. Normalmente, o elemento disjuntor gera o efeito cômico, tomando uma direção nova e surpreendente. Esses autores enunciam que algumas tiras não possuem a estrutura de piada, com reversão de expectativa, são as tiras de aventuras.

Quando dissemos, em etapas posteriores, que existem tiras que não são humorísticas, L18 disse: “Deve ser igual às piadas da minha mãe: maior sem graça”. Explicamos sobre os suspenses, a necessidade de manter a fidelidade do leitor ao periódico. Logo foi pedido a L18 que fosse à biblioteca e pegasse o livro “Toda Mafalda”, Quino (2003) e analisasse se haveria alguma continuidade de uma tira para outra. Ele ficou tão entusiasmado com o livro que todos quiseram lê-lo. As oportunidades de estímulo à leitura surgem em sala de aula e o contato dos alunos com os textos em seus suportes, muitas vezes, possibilita o envolvimento da turma com o ato de ler.

Quanto à questão 6 (Quadro 2), referente ao problema que consideram sério, atual e social, o mais citado: o desrespeito evidente nas redes sociais. Direcionamos o pensamento para o período eleitoral em que estávamos, com o uso abusivo de *Fake News*, as ofensas tanto pessoais, quanto virtuais e compreendemos que esse contexto favorece a falta de respeito percebida pelos alunos. Discutimos sobre a possibilidade de, na produção das tiras, considerarmos o nosso contexto social, como forma de conscientizar e sensibilizar os leitores.

Contudo, se a temática das tiras fosse o período eleitoral e suas nuances, provavelmente, não interessaria aos leitores do jornal da escola, porque seria assunto ultrapassado. Jornal esse que o Grêmio Estudantil prometeu em campanha. A presidente do Grêmio é do 9º ano – sala 11, é, pois, sujeito participante deste estudo, com quem refletimos sobre a possibilidade de publicação das tiras. Ficou acordado que essas produções textuais, as tiras, serão publicadas, periodicamente, no próximo ano, juntamente com outras tiras. Com nosso estímulo à produção do gênero discursivo tira, o Grêmio Estudantil pretende incentivar a produção do gênero tira, com o qual propusemos contribuir, ajudando a ampliar o olhar sobre o que seja um texto composto por modalidades distintas, o texto verbo-imagético.

Quanto à temática dos textos a serem produzidos, após discussões, avaliamos que seria importante que cada um refletisse sobre um tema social que pudesse se posicionar, de forma discursivo-argumentativa, já pensando em marcas de carga avaliativa. Dissemos que as atividades, de maneira peculiar, comprovam que detalhes nas tiras são propositais. Cada item no gênero tira pode ser uma estratégia argumentativa.

Atendemos aos propósitos da primeira etapa que foram os de sondar os conhecimentos dos discentes sobre o gênero tira e de explicitar os objetivos das atividades planejadas. Certificamos que os participantes compreenderam como deveriam ser as suas contribuições no processo educativo, a fim de que o ensino e a aprendizagem sejam significativos para os envolvidos.

4.2.2 Etapa II

Como, na sondagem, percebemos a dificuldade no trato com o aspecto multimodal das tiras e para que nenhuma tira seja pretexto ilustrativo, resolvemos, antes de começar as atividades da Etapa II (Quadro 3), analisar oralmente a tira (Figura 43) que selecionamos para a capa do Caderno de Atividades Diferenciadas:

Figura 43 - Tira da capa do Caderno de Atividades Diferenciadas



Fonte: Montanaro (2010).

Tecemos considerações sobre o verbal da tira e analisamos expressão facial, gestos, postura, movimentos, cores, dimensão (o requadro), os contornos, as sensações e os sentimentos produzidos pela seleção dos elementos do gênero discursivo. Ao discutirmos

sobre as cores, a força expressiva do vermelho, as seleções intencionais de cada cor, perguntamos se alguém mudaria alguma composição cromática, lembrando que cada cor é um percurso gerativo de sentido.

L10 disse que pensando bem, trocaria a cor da camisa do personagem. Perguntamos o porquê, já nos preparando para contra-argumentar, buscando convencê-lo de que o enunciador pensara em cada detalhe e que a cor escolhida para a roupa do personagem contribui com o todo no posicionamento do produtor da tira, portanto não deveria haver troca da comunicação visual.

Mas, de imediato, decidimos prosseguir ouvindo o aluno, incentivando L10 a expressar seu pensamento. Logo questionamos sobre a cor que o discente escolheu e o motivo. L10 disse que colocaria a roupa na cor azul claro, porque sugere leveza e o leitor estava à vontade e que azul lembra nuvens, viagens e sonhos. Para finalizar, L10 parecia estar convencido do que dizia e acrescentou: “É... as cores são importante”.

“Realmente as cores são importantes e eu concordo com você, que demonstrou excelente leitura!”. Dessa maneira, sem dar ênfase ao desvio da concordância nominal do aluno, elogiamos a atitude de L10, sem deixar de mostrar a adequação necessária da linguagem.

L12 comentou que não gostava de ler, L3 riu e disse: “Num adianta, porque, na escola, cê é obrigado a lê”. Ambos riram. Ficamos pensando na possibilidade de os protótipos não serem vistos apenas como leitura obrigatória.

Em seguida, para começar os trabalhos da etapa II, de acordo com o protótipo (Quadro 3), distribuímos a tira colorida, intitulada “Protecção de dados” (Figura 26). Logo perguntamos sobre as cores e nos dirigimos a L10:

“E agora, a cor azul simboliza o mesmo que disse sobre a tira que está na capa?”

“Não! Esse é safado!”

“Como assim?”

“É um ladrão, dona...”

L2 acrescenta imediatamente:

“Também ela conta tudo nas redes sociais. Dona Lourdes, por que está escrito protecção?”

“Observe o suporte. Pode não ser do Brasil, mesmo estando em língua portuguesa?”

“Pode.”

“Alguma outra palavra que não usamos no Brasil?”

Leram e releram a tira e não detectaram a palavra **sumo** (Figura 26), usada em Portugal, no sentido de suco. Contudo, na voz pausada da professora, distinguiram a palavra. Portanto ponderamos que a leitura feita pelo professor é estratégia de ensino e aprendizagem.

Explicamos que o suporte da tira é um *site* que tem como objetivo promover a navegação segura, crítica e esclarecida na *internet*. Nesse *site*, entre atividades e jogos, encontramos o que os portugueses chamam de tira de banda desenhada. Entendemos ser importante analisar alguns textos do *site*, porque o gênero tira utiliza de estratégia argumentativa para conscientizar os leitores da problemática mundial, a maneira como utilizamos a *internet*.

L2 perguntou: “Qual o nome que se dá aos barulhos que aparecem na tira?”. L8: “Qual o penúltimo quadrinho? É esse?”. Respondemos a todos e percebemos que estavam envolvidos com as atividades, porém não estavam refletindo sobre o que discutíamos. Então L1 pediu para ler com sotaque lusitano e pronunciou cada palavra forçando a voz para que ficasse muito fina, acreditávamos que L1 estivesse tentando reproduzir uma entonação da voz feminina, motivado pela imagem da personagem. Mas, ao perguntar-lhe o motivo da entonação da voz, ele disse: “Eles fala assim”. Aproveitamos a oportunidade para trabalhar os balões: “Ela está falando nos primeiros balões?”. “Que outros tipos de balões vocês conhecem?”.

A leitura do colega havia chamado mais a atenção da turma. Costumamos chamar de pontos altos os momentos em que os alunos do Ensino Fundamental demonstram bastante interesse ao que estamos propondo. Então aproveitamos para explorar os elementos constitutivos da tira lida.

Importa ressaltar que, nesta etapa, enfatizamos os três elementos que compõem o gênero discursivo, na visão bakhtiniana: conteúdo temático, construção composicional e estilo (BAKHTIN, 2003). Quanto ao conteúdo temático, discutimos sobre o que o gênero diz e o que está por trás do dito. Quanto ao estilo, ressaltamos as seleções lexicais, os recursos linguísticos: o diálogo informal; os aspectos não verbais: jogo de cores, imagens, metáforas. Quanto à construção composicional, analisamos as vinhetas, os tipos de balões, os personagens, enfim, as intenções discursivas, todos os elementos do gênero tira, que estão intrinsicamente ligados e expressam valores ideológicos.

Contemplamos esses elementos, nesta etapa, a fim de que os alunos compreendessem a função social do gênero e como ele é constituído; isso facilita muito quando os alunos forem produzir as tiras. Por meio desses elementos, é possível mostrar o quanto é importante

selecionar uma expressão, para atender ao que pretende o autor/produtor, em sua produção (estilo); o que é dizível por meio do gênero (conteúdo temático); como construir o enunciado do gênero (construção composicional) etc.

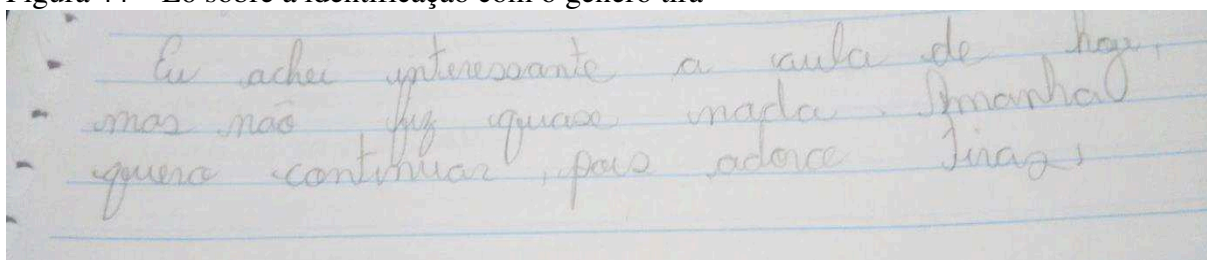
Vários alunos haviam faltado, porque era uma semana que não constava ser letiva no calendário inicial. Fizemos um círculo e mediamos as discussões coletivas com facilidade. Isso não prejudicou o trabalho com as outras etapas, porque, no outro dia, resumimos o que havíamos discutido e, de forma interativa, avaliamos a aprendizagem, a partir de questionamentos sobre os itens estudados.

Os objetivos desta etapa foram atingidos, porém, próximo às janelas da sala de aula, um fato ocorreu, exigindo-nos estratégias de reorganização. Bombeiros militares se preparavam para o corte de uma árvore e chamavam muito a atenção dos alunos. Concedemos alguns segundos para observarem o fato e depois fechamos as janelas.

Andando pela sala, perguntamos se já haviam terminado de responder às questões. Ouvimos um resmungo: “Sabe que não terminou e pergunta”. Autoavaliamos que perguntas retóricas são utilizadas por nós como estímulo à realização de atividades e como forma de gestão do tempo.

A turma demonstrou que estava gostando muito das aulas, mas o registro (Figura 44) de um aluno foi um pedido de ajuda. L6, quase sempre, não termina as atividades e, dessa vez, pareceu-nos que se motivou a cumprir tarefas, por gostar do gênero tira.

Figura 44 – L6 sobre a identificação com o gênero tira



Transcrição:

Eu achei interessante a aula de hoje, mas não fiz quase nada. Amanhã quero continuar, pois adoro tiras.

Nesta etapa (Quadro 3), a última questão é uma adaptação de uma tira (Figura 27), em que os alunos completam os balões. Salientamos que, na *internet*, há muitas tiras adaptadas sem referência, geralmente provocando confusões, pois muitos as interpretam como originais.

Nessa atividade do protótipo, os alunos podem ou não conhecer a tira original, o interessante é adaptar uma nova linguagem verbal, de acordo com a linguagem imagética. Lembrando que, na diagnose, demonstraram dificuldades com a linguagem não verbal e citaram, como resposta a uma atividade do Quadro 1, um grave problema, o discurso de ódio, logo o exercício é muito importante, porque ele exige atenção para os detalhes visuais, que dão margem à demonstração de ira (Figura 27).

Observamos que todos usaram a linguagem sem ofensas e dois alunos (5,7%) perguntaram sobre a peculiaridade do gênero discursivo no uso das metáforas visuais para xingamento, o que é bastante positivo, pois não estavam imbuídos do discurso de ódio, próprio do período eleitoral em que estávamos e tinham noção do universo linguístico das tiras.

Os alunos mostraram, na linguagem verbal, marcas, com carga avaliativa, sobre o tempo destinado ao uso da *internet*. L9 completou um balão (Figura 27): “Parabéns, goleiro! Seus seguidores vão te ajudar?”. Usando de ironia, demonstrou analisar a linguagem não verbal, por meio das palavras goleiro e seguidores.

Ele leu o imagético (que evidencia a intencionalidade do autor) e construiu seus argumentos verbais, tornando-se coautor. Sem dúvida, respostas como essa merecem uma discussão em sala de aula, na possibilidade de que outros alunos defendam seus pontos de vistas. Foi uma oportunidade para que o uso da língua fosse trabalhado além de sua estrutura.

Provavelmente essas habilidades foram aprimoradas a partir das nossas discussões, análises de três tiras (Figuras 25, 26 e 43).

4.2.3 Etapa III

Trabalhamos com três tiras (Figuras 28, 29 e 30), que visam à reflexão sobre o uso da *internet*. Utilizamos a metodologia de Aprendizagem Cooperativa, dividindo a classe em grupos, como mencionado na metodologia, no item que trata do protótipo e suas etapas (Item 3.1.4). Cada grupo se responsabilizou por discutir uma parte das atividades desta etapa, de modo que houve participação dos discentes.

Foi bastante produtiva esta etapa, lembrando que tivemos que atender cada grupo e mediar as discussões. Nesta etapa, os elementos constitutivos do gênero foram agrupados para facilitar a distinção e a apresentação da leitura crítica. Por exemplo, solicitamos para um grupo discutir sobre o contexto, o cenário da história, a ambientação das três tiras; outro grupo, sobre metáforas visuais, onomatopeias, linhas cinéticas e estilo gráfico (Quadro 4)³⁴. De certa forma, aproximamos elementos distintos que exigem criticidade, percepção dos detalhes para compreender os efeitos produzidos na tira por esses itens semânticos e expressivos.

Como as tiras são acontecimentos, ocorrências com propósitos, enunciados com sentido, construídos na e pela interação humana, portanto, são textos com suas particularidades multissemióticas. Sendo que as três tiras analisadas nesta etapa (Figuras 28, 29 e 30), cujos títulos: *Passas tempo demais na Internet*; *Copiar e colar*; *Os macacos das notícias falsas*, também marcam o posicionamento discursivo-argumentativo do enunciador.

Na realização das atividades, foi necessário intervir bastante nas discussões acerca do que é um contexto³⁵, a situação em que se processa a história, o texto. Para tal, recorreremos à diferenciação de texto e contexto situacional. Os alunos apresentaram dificuldades em responder se a tira é um texto. Aproveitamos esta oportunidade para defendermos nossa definição de texto:

[...] um evento constitutivo da interação humana, nela e por ela materializado, portanto, um evento sócio-histórico cultural e ideológico, em que coexistem modos de significação diversos atrelados necessariamente a um co(n)texto e cujo sentido é uma (co)construção de natureza eminentemente dialógica, na visão bakhtiniana do termo. (SILVA, 2014, p. 106, 114-115, grifo da autora).

Os alunos, por si só, já recorriam à nossa mediação, no momento de apresentar as respostas às atividades. Foi em círculo que discutimos os elementos constitutivos do gênero discursivo, o que possibilitou o envolvimento dos discentes, que contribuíram na construção do conhecimento, indagando-nos e refletindo sobre os avanços e dúvidas no processo de ensino e aprendizagem do gênero em questão. Entendemos que minimizamos as dificuldades de aprendizagem.

³⁴ As atividades desse Quadro 4 têm por base o Quadro 1.

³⁵ A atividade do protótipo não trabalhou com o contexto linguístico (ou cotexto) e, sim, com o contexto situacional (ou situação). Compreender as circunstâncias em que se processam um texto possibilita analisar criticamente qualquer enunciado, aprimorando as habilidades argumentativas.

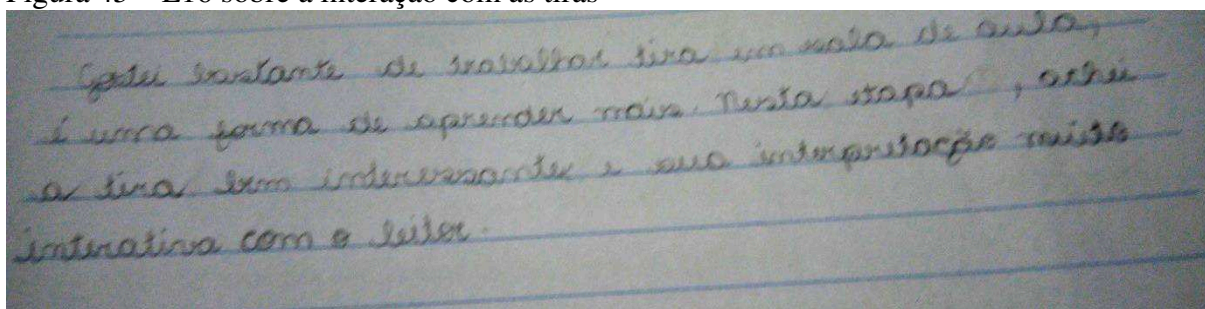
4.2.4 Etapa IV

As propostas de atividades (Quadro 5) corroboraram a metáfora de o texto ser um *iceberg* (KOCH; ELIAS, 2016). Essas autoras defendem que a materialidade do texto é a pequena parte da superfície, que a maior parte está subjacente: os conhecimentos que precisam ser ativados para a produção de sentidos.

Quanto mais conhecimentos autor e leitor tiverem, mais vão às “profundezas” do texto, daí o nome *iceberg*. Como o texto é diálogo, pressupomos intencionalidade e aceitabilidade, para que o enunciador, ao construir seus argumentos, consiga seu intento e o interlocutor aceite ou não a tese defendida.

Trabalhamos com uma tira dos famosos Charlie Brownie e Snoopy (Figura 31) e as atividades possibilitaram aos alunos exercerem a liberdade de pensar e expressar seu pensamento, concordando ou não com a tese defendida por Schulz, o autor. As atividades desta etapa (Quadro 5) proporcionaram autoanálise e 7 alunos (20%) se declararam muito tímidos, um comportamento que gostariam que fosse diferente. 1/5 da turma apresentar timidez que, segundo eles, dificulta a própria aprendizagem, foi surpresa para nós. Já estamos planejando algumas aulas para averiguar essa situação com profundidade e idealizando possíveis intervenções pedagógicas, no trabalho com outro gênero discursivo. Por enquanto, vale observar as considerações (Figura 45) de um aluno sobre as atividades desta etapa:

Figura 45 – L16 sobre a interação com as tiras



Transcrição:

Gostei bastante de trabalhar tira em sala de aula, é uma forma de aprender mais. Nesta etapa, achei a tira bem interessante e sua interpretação muito interativa com o leitor.

4.2.5 Etapa V

Continuamos com tiras de Charlie Brown (Figuras 32 e 33), porque a temática delas - efemeridade da vida, depressão - muito nos interessa, no sentido de que nossos alunos são considerados nativos digitais. Nesse meio virtual, no uso inadequado da *internet*, temas como esses são fundamentais.

As atividades desta etapa (Quadro 6) contribuíram com uma leitura além do que está enunciado, entendendo os pontos de vista do enunciador. Possibilitaram, por exemplo, que os alunos compreendessem que a seleção de uma palavra e/ou imagem, em detrimento de outra, é um argumento; que, indissociavelmente, as linguagens verbal e imagética produzem efeitos que desencadeiam comportamentos, pois a linguagem é interativa, essencialmente argumentativa.

Ao corrigirmos as atividades, discutimos com os alunos sobre os desvios que apresentaram ao responder determinadas perguntas. Por exemplo, no item B (Quadro 6), perguntamos sobre a semelhança entre as tiras. Começamos a correção discutindo sobre ser o mesmo autor, a mesma quantidade de quadros, as cores preto e branco e outros, ao que L2 alegou que não poderia ser uma questão para trabalhar com nono ano: “Isso é pros meninos do sexto ano, né?”. Parecia óbvio demais para alguns. A maioria dos alunos não atenta para o enunciado, procura responder ao que acredita ser a resposta adequada para o professor. O processo interativo da sala de aula cria esse atendimento ao que pressupomos desejar nosso interlocutor.

L2 não havia encontrado semelhanças nas tiras (Figuras 32 e 33), porque entendia que nós gostaríamos de uma resposta mais bem elaborada, mais profunda. Ao discutirmos sobre a necessidade de atender ao que propõe a questão, tivemos a oportunidade de apresentar estratégias de leitura, na busca da construção de um “[...] leitor **ativo**, que processa e atribui significado àquilo que está escrito em uma página.” (SOLÉ, 1998, p. 40, grifo da autora). Porém acrescentamos: leitor ativo, que processa e atribui significado àquilo que está escrito e imageticamente representado.

O traço dos desenhos, a atitude reflexiva das personagens, a quantidade de quadrinhos, o número de personagens, a dimensão filosófica do discurso e outras semelhanças entre as duas tiras estudadas contribuíram para desenvolver o leitor ativo a que nos propusemos.

4.2.6 Etapa VI

Destacamos que os alunos já haviam construído mais conhecimento sobre o gênero tira, devido às atividades desenvolvidas e às discussões que surgiram na sala de aula, cada vez que trabalhávamos uma etapa.

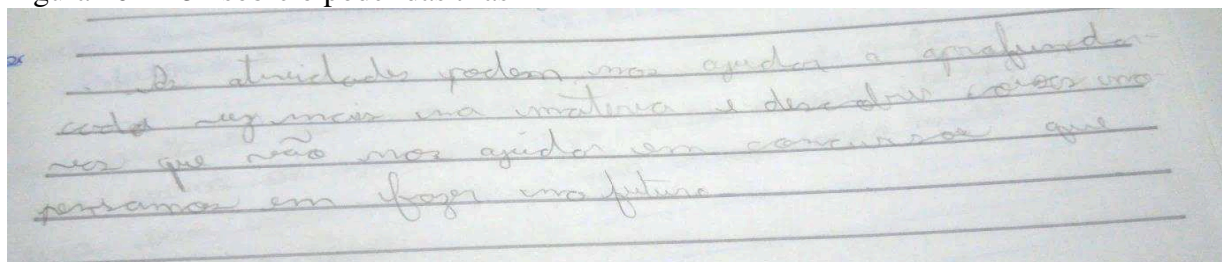
Elogiamos algumas inferências e/ou conclusões:

- a) “O ENEM tem questões fácil” - L17 para L9;
- b) “Eu consigo passar em concurso” - retrucou L9;
- c) “Isso é o que cê pensa” – interferiu L33, que estava do outro lado da sala.

O que motivou esses comentários foi uma das tiras analisadas (Figura 34) que foi selecionada pelo ENEM/2013 e a questão, com a qual trabalhamos (Quadro 7), trata da postura assumida pelo produtor da tira, estrategicamente argumentativa.

L32 construiu a ideia de que o trabalho com as tiras contribui para “descobrir coisas novas” e “ajudar em concursos” (Figura 46), com quem concordamos:

Figura 46 – L32 sobre o poder das tiras



Transcrição:

As atividades podem nos ajudar a aprofundar cada vez mais na matéria e descobrir coisas novas que vão nos ajudar em concursos que pensamos em fazer no futuro.

Fonte: a autora.

Um fato que merece destaque é que a maioria dos alunos não conhecia a palavra **gibi** (Figura 35). L10 apresentou o histórico da palavra, ao que os demais ficaram surpresos. Questionamos se esse aluno havia buscado essa informação no “Caderno de Atividades Diferenciadas”. Ao descobrir que sim, elogiamos-lo, perante as reprovações dos colegas, que silenciaram. São pontos de vista diferentes, enquanto nós víamos a pesquisa, a leitura de L10,

os colegas o viam como um espertalhão. O nosso contra-argumento silenciou argumentos. Isso pode indicar poder de convencimento, ou, por se tratar de sala de aula, apenas evitaram conflitos. De qualquer forma, nossa intervenção se fez necessária.

Percebemos que muitos alunos não haviam memorizado elementos como contorno, plano, vinheta. Lembramos a eles que o traço que contorna o enquadramento pode revelar intensidade de sentimento frente à temática. Portanto, avaliamos que as atividades (Quadro 7) desta etapa contribuíram para atestarmos que, nas tiras, são amplas as possibilidades argumentativas.

4.2.7 Etapa VII

Quando fizemos a diagnose, detectamos que poucos alunos liam tiras em jornais, ou melhor, entendemos que o contato deles com o jornal é raro, portanto esta etapa se fez necessária. Nesta, tivemos a oportunidade de mostrar a crítica ácida de André Dahmer. A seleção da tira (Figura 36) para esta etapa foi importante, pois permitiu apresentar para os alunos a intertextualidade, no sentido de que a tira apresenta assuntos bem atuais, cruzando informações com as notícias dos jornais e apresentando críticas sociais.

Analisamos a tira, na perspectiva bakhtiniana, discutindo sobre o conteúdo temático defendido pelo personagem de André Dahmer. A seguir, sugerimos uma coletânea de tiras que foi publicada em *Ilustrada – Folha de São Paulo*, intitulada 'Malvados'³⁶, de André Dahmer. Tal momento fez com que refletíssemos sobre várias questões, dentre elas, a necessidade de formar um aluno crítico.

Como não é possível analisar todas as tiras que consideramos textos que nos possibilitam desenvolver a autocrítica e a consciência crítica, voltamos à tira proposta por esta etapa (Figura 36). Ainda na visão bakhtiniana, comentamos sobre o estilo das expressões utilizadas por André Dahmer, acentuamos os argumentos sem melindres e os desencobrimientos da realidade com acidez na crítica. Quanto à organização composicional, destacamos, dentre outros, o apêndice de sua tira, que é uma linha e não há o contorno dos balões, fugindo ao tradicional. Quanto ao conteúdo temático, enfatizamos a intertextualidade da tira.

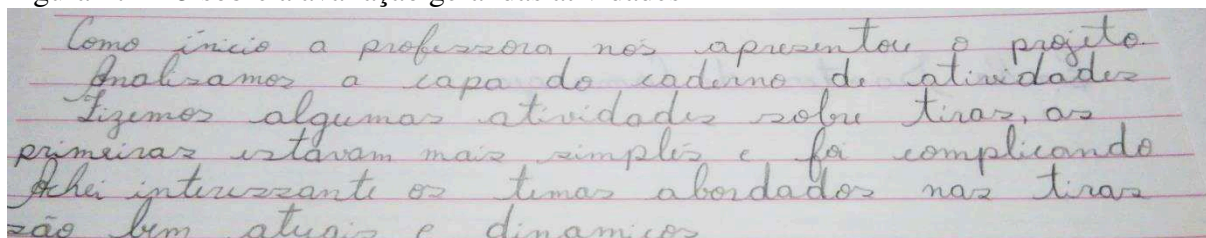
Acreditamos que esta etapa fez uma sequência de atividades (Quadro 8), as quais coadjuvam a preparação para produzir o gênero tira, com compreensão de quantas coisas

³⁶ A coletânea está disponível no site <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/39599-malvados-de-andre-dahmer>. Acesso em: 8 set. 2018.

podem ser dizíveis por meio desse gênero e como dizer, utilizando elementos que o constituem e sinalizando pistas que orientem o leitor argumentativamente.

Avaliamos nossos protótipos, considerando registros de alunos (Figura 47), como dinâmicos, atuais, sequenciais.

Figura 47 - L3 sobre a avaliação geral das atividades



Como início a professora nos apresentou o projeto
Analisamos a capa do caderno de atividades
Fizemos algumas atividades sobre tiras, as
primeiras estavam mais simples e foi complicando
Achei interessante os temas abordados nas tiras
são bem atuais e dinâmicos

Transcrição:

*Como início a professora nos apresentou o projeto.
Analisamos a capa do caderno de atividades.
Fizemos algumas atividades sobre tiras, as primeiras estavam mais
simples e foi complicando. Achei interessante os temas abordados nas
tiras são bem atuais e dinâmicos.*

Fonte: a autora.

O dinamismo e a atualidade dos temas, a sequência das atividades e a aceitabilidade dos alunos incentivam-nos a reproduzi-los todos os anos, com diferentes alunos. Agora vamos para a etapa final, a da produção das tiras.

4.2.8 Etapa VIII

Na produção do gênero tira, seguimos conforme planejado, com os alunos em dupla, discutindo o tema, os personagens, enfim, os elementos necessários para efetivar a produção do gênero tira, relacionando cada elemento com a argumentação e produzindo sentido, de modo que o provável leitor possa entender a carga avaliativa que o enunciador propôs sinalizar, através do imagético e do verbal.

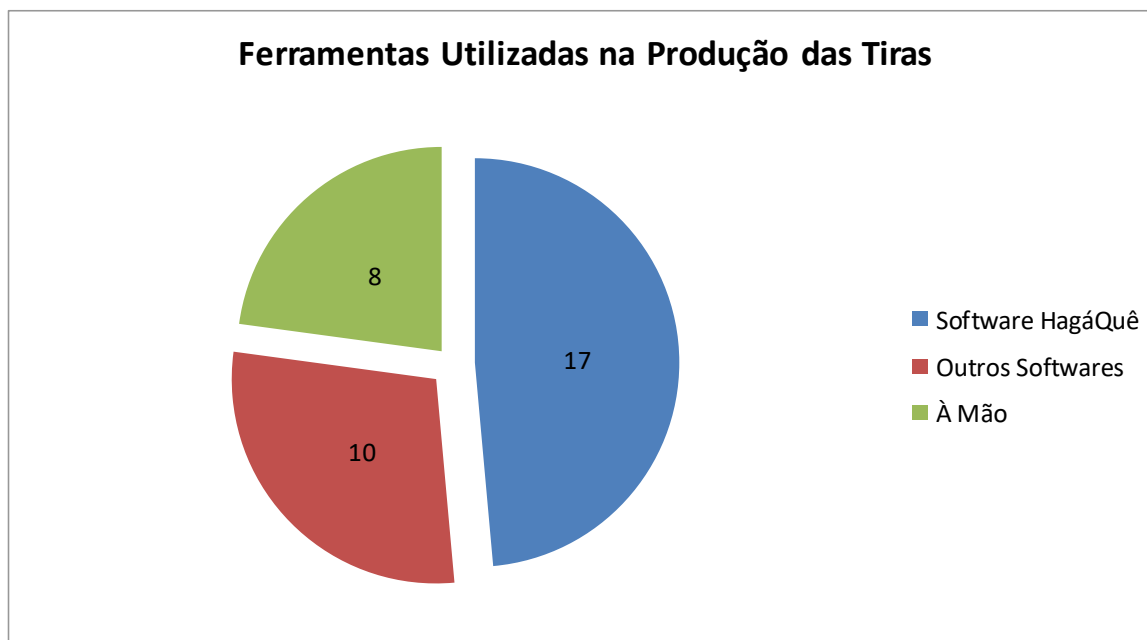
Entendemos que a produção do gênero tira foi uma etapa muito importante no nosso protótipo, porque nos possibilitou a oportunidade de verificar o conhecimento do aluno acerca

do gênero tira e como isso refletiu na atividade prática. Percebemos que o aluno pôde refletir criticamente, fazendo seleções das linguagens, no momento da produção do gênero, para que as ideias que desejava veicular fossem com propósitos, selecionando o verbal e o imagético de forma consciente. Uma dupla esboçou uma história em quadrinhos, fugindo ao gênero discursivo estabelecido. Ao que foi possível intervir para uma reconstrução do texto.

Quanto à apresentação do *software* HagáQuê (Figura 38), não foi necessário ir ao laboratório de informática. Usamos dois *notebooks* para mostrar quão prático e simples é fazer o *download* do *software*, que se assemelha ao *Microsoft Paint*, nas suas funções de criação do desenho e de edição. A diferença é que o HagáQuê é um *software* educativo de apoio à alfabetização e ao domínio da linguagem escrita, com um banco de imagens com os diversos componentes para a construção de uma tira e vários recursos de edição das imagens.

Algumas produções apresentamos aqui. Os 35 produtores de tiras, em duplas, produziram 17 tiras, que estão enumeradas no Apêndice A. Como a quantidade de discentes é um número ímpar, tivemos um grupo de três participantes. Observamos que 17 alunos (48,57%) usaram o HagáQuê; 10 (28,57%) utilizaram outros *softwares* e 8 (22,86%) fizeram os textos à mão. Conforme atesta o Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Mão na massa: meios para produzir tiras



Fonte: a autora.

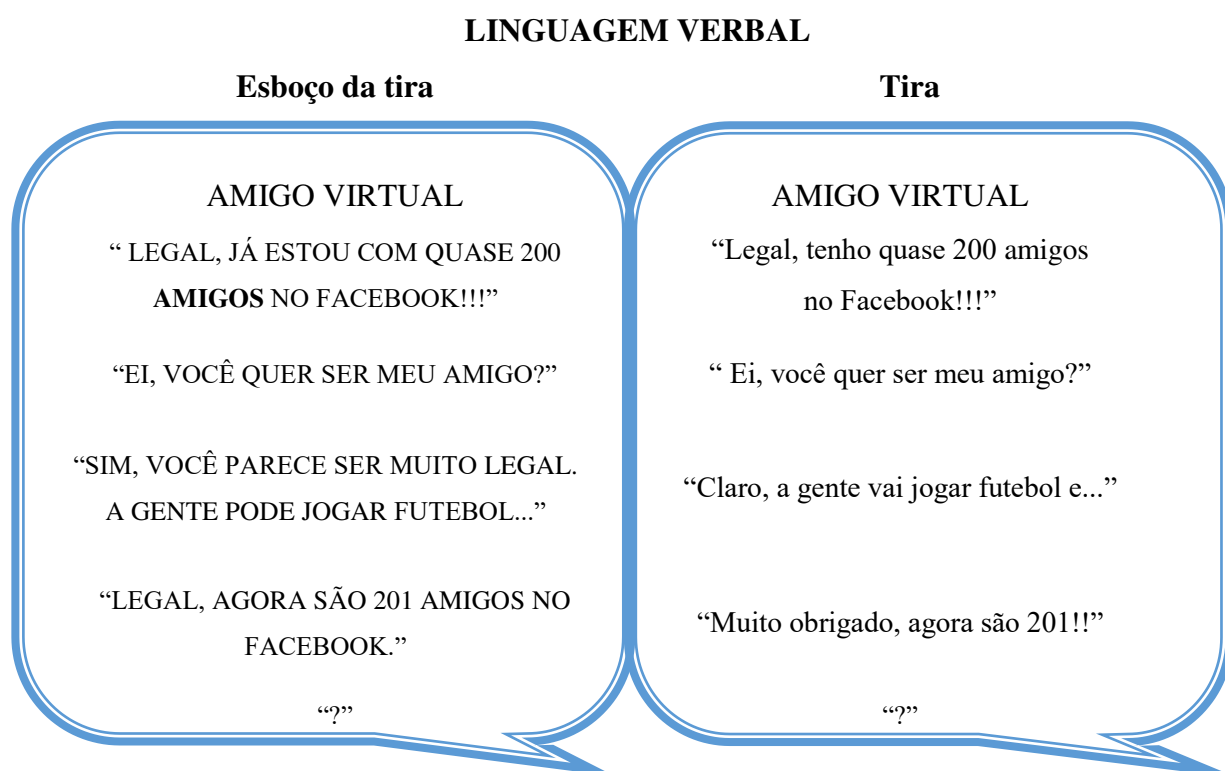
Aproximadamente 50% dos alunos optaram pelo *software* apresentado na sala de aula. Consideramos que a sugestão de uso do HagáQuê foi aceita pela praticidade da

ferramenta. A outra metade se dividiu entre outra ferramenta e os desenhos à mão. Entendemos que a geração de nativos digitais valoriza as origens dos quadrinhos (28,57%), sem deixar de usufruir da tecnologia digital (71,43%).

Pedimos que as duplas fizessem, na sala de aula, um rascunho inicial, um esboço da tira, porque é fundamental planejar o texto, antes de produzi-lo. O fato de estarem em grupo contribui com a organização das ideias e, conseqüente, construção do conhecimento.

A seguir, tecemos alguns comentários, correlacionando a tira produzida com o esboço. Destacamos que a linguagem verbal e a não verbal são importantes nas tiras. Agora, separamos a linguagem verbal (Figura 48) para melhor visualização do posicionamento dos enunciadores, das trocas das palavras e das estratégias argumentativas, na produção de sentido.

Figura 48 - A evolução do esboço de uma tira nos aspectos verbais



Fonte: a autora.

O grupo compreendeu a função do gênero tira, deixou as pistas avaliativas sobre o tema, numa linguagem informal, própria da conversa face a face, característica das tiras. Poderia ter mantido a letra maiúscula. Entre outros, visando à reflexão, utilizou da força expressiva do termo “muito obrigado”, associado a um número.

Os produtores da linguagem verbal da tira poderiam ter mantido a palavra amigos em destaque, porém preferiram não deixar tão evidente, para seus leitores, uma das marcas da argumentação.

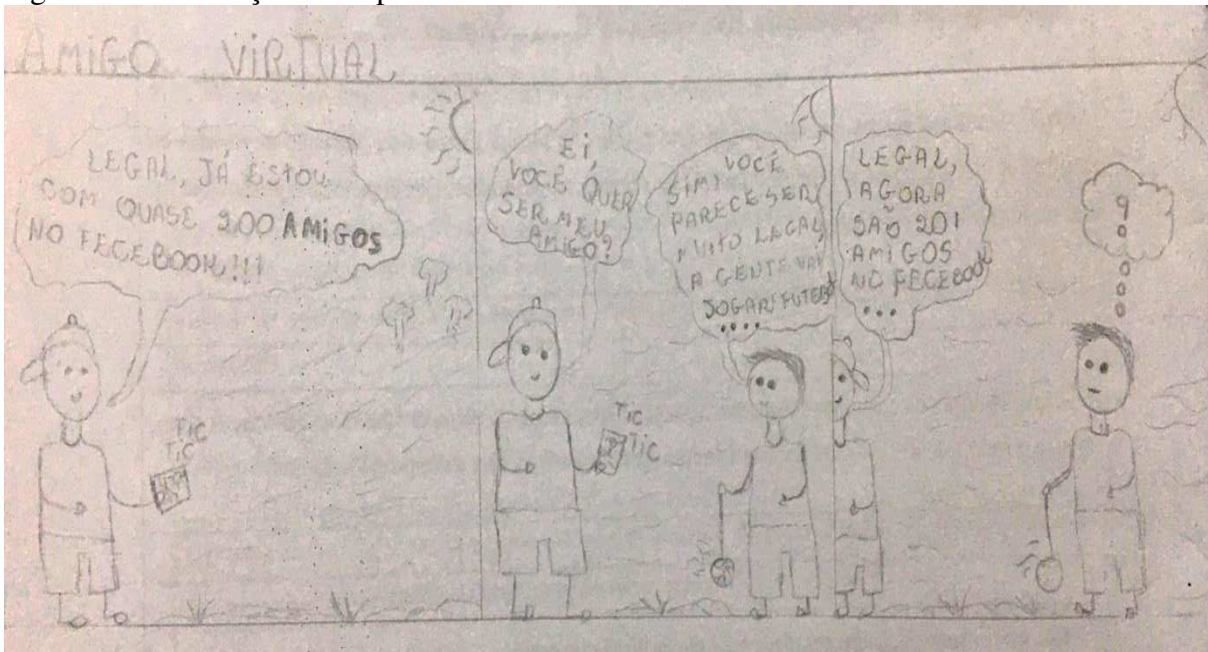
Houve trocas de palavras (Figura 48): “já estou com” foi trocado para “tenho”, “pode” para “vai”, “sim” para “claro”. Percebemos que os alunos compreenderam que a “[...] seleção lexical é uma das mais importantes estratégias para uma boa argumentação.” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 32). O efeito de sentido produzido por essas novas seleções de palavras contribuiu para além de dar voz diferente aos personagens, possibilitar o posicionamento ideológico dos enunciadores e a construção da situação inesperada.

Com concisão e objetividade, a linguagem verbal da tira, junto com o imagético, apresenta crítica sócio-histórica e socialmente significativa. Portanto, a produção desta modalidade de linguagem da tira permite-nos afirmar que as atividades trabalhadas em sala de aula atenderam aos propósitos de ensino e aprendizagem.

Na avaliação desta tira (Figuras 49 e 50), na sala de aula, durante o processo de produção, talvez devêssemos ter sugerido a mudança de título. “O título é algo importante, porque ajuda o leitor do jornal a enquadrar, antes mesmo de ter contato com o texto, do que irá tratar aquele conteúdo.” (RAMOS, 2017, p. 41). Porém, quando o título explicita muito o conteúdo crítico da tira, pode não favorecer a quebra de expectativa do leitor, ou melhor, o título Amigo Virtual poderia ser trocado para outro, que poderia ser irônico, mais reflexivo, para que não denuncie o final da tira, isto é, para que o elemento disjuntor, a surpresa do leitor, possa ocorrer. Como vamos publicar estas tiras no próximo ano letivo, no jornal da escola, ainda há tempo para novas reflexões e reformulações dos textos.

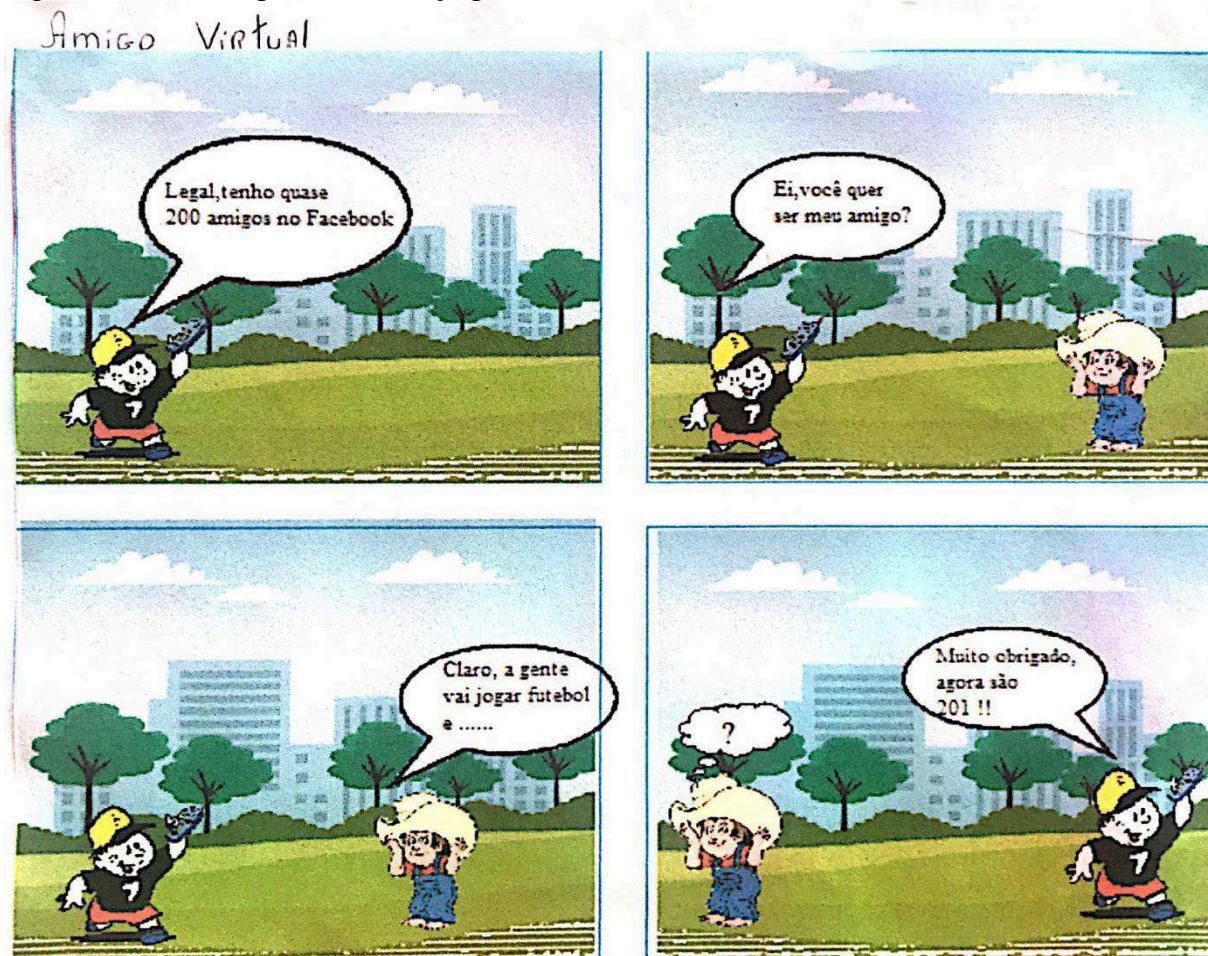
Considerando que o imagético e o verbal nas tiras são indissociáveis, vamos fazer a leitura, tanto do esboço da tira, quanto da tira, observando o correlacionar dessas duas linguagens no texto.

Figura 49 – O esboço da tira por L7 e L21



Fonte: a autora.

Figura 50 - A tira a partir do esboço por L7 e L21



Fonte: a autora.

O posicionamento dos balões no último quadro da tira (Figura 50) não está na ordem da leitura, ao passo que, no esboço da tira (Figura 49), os balões estavam ordenados sequencialmente. Isso porque houve o deslocamento dos personagens. O movimento dos personagens é fator importante, para transmitir a ideia que se pretende, porém, os balões precisam ser reordenados para que a leitura aconteça da esquerda para a direita.

Sugerimos que no primeiro quadro, a linguagem verbal possa estar em balão pensamento, porque o personagem pode estar pensando sobre a quantidade de amigos dele no *Facebook*. Percebemos que os produtores da tira conhecem o tipo de balão, pois o utilizaram em outro quadro da tira.

O brinquedo, no esboço, foi adaptado para um chapéu. Tanto o brinquedo quanto o chapéu podem expressar aspectos culturais, questão etária e outros argumentos dos enunciadorees. As vestimentas traduzem ideologias. Um está descalço e o outro calçado, ideologicamente construídos. O cenário também funciona como uma estratégia argumentativa, com elos coesivos: as árvores e o convite para o jogo, a diversão; o gramado e a ideia de jogar futebol; os prédios modernos e o aparelho tecnológico.

O conjunto imagético e verbal está interligado. Nós elogiamos os produtores da tira e sugerimos as adaptações para possível publicação, com o objetivo de que se percebam autores e leitores participativos de textos significativos.

Exaltamos a qualidade dos desenhos feitos à mão, no esboço, e sugerimos que redesenhassem a tira. Como também usaram uma ferramenta digital, reafirmamos que é prático o *redesign* e que poderiam usar a função do editor de imagens do *software*. Dessa forma, poderiam refletir sobre qual tira vai para a publicação.

Quando a produção da tira é manual, a estratégia de usar o lápis primeiro é bastante recomendável. Assim foram produzidas as duas tiras seguintes. Lápis de cor e caneta foram os recursos utilizados, por L2 e L32, para a produção de uma tira (Figura 51), em três quadros, na horizontal.

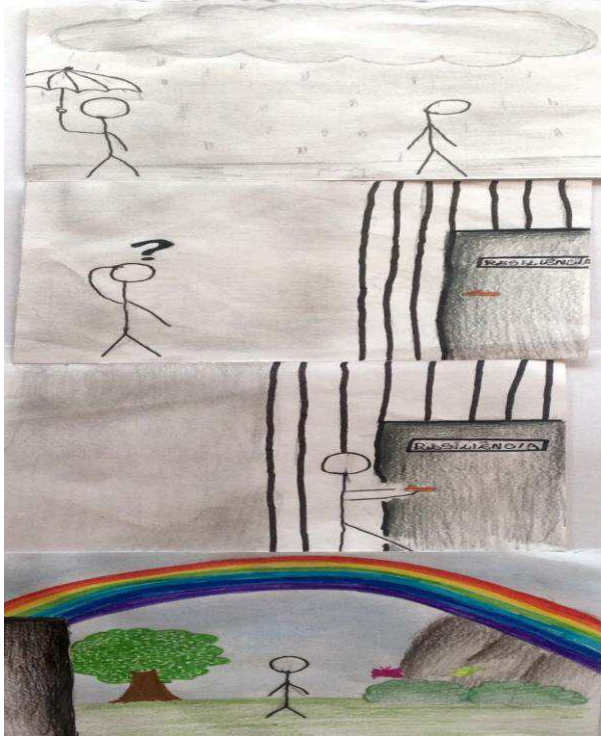
Figura 51 - Tira manualmente construída na horizontal por L2 e L32



Fonte: a autora.

Com o uso de somente lápis de cor sobre o papel, os alunos (L5 e L20) produziram uma tira (Figura 52), em quatro quadros, na vertical.

Figura 52 - Tira manualmente construída na vertical por L5 e L20



Lê-se na porta dos segundo e terceiro quadros: RESILIÊNCIA.

Fonte: a autora.

O trabalho apresentou um momento relevante, quando ouvimos de L31: “Essa é véia³⁷”, referindo-se a uma tira do colega que tinha em mãos. Aproveitamos a oportunidade para questionar sobre a originalidade dos textos. A consideração de L31 abriu caminho para que pudéssemos discutir sobre a apropriação de ideias da *Internet*, sem referências.

Em uma roda de conversa, polemizamos sobre o uso da *Web*.

Mas se esse espaço é livre e bastante familiar para crianças, adolescentes e jovens de hoje, por que a escola teria que, de alguma forma, considerá-lo? Ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na *Web*. (BRASIL, 2017, p. 66).

Considerando o que prescreve a BNCC (BRASIL, 2017), comentamos que consciente e/ou inconscientemente estamos usando de intertextualidade; porém, copiar e colar textos, conforme havíamos trabalhado em atividades do protótipo, precisamente na etapa III, exige certa ética e obediência às políticas de uso.

Voltemos à observação das tiras produzidas pelos alunos. As duas anteriores estão na vertical e na horizontal. O formato vertical lembra um dos cartunistas mais famosos do Brasil, Mauricio Araújo de Sousa, que criou, entre outros, a Turma da Mônica. Na última página das suas revistas aparece uma tira na vertical.

Em a tira manualmente construída na horizontal (Figura 51), o título é um argumento dos autores, uma ironia: A foto perfeita. Duas meninas, uma morena e uma loira, que vestem azul e rosa, na busca da foto perfeita, se deparam com um incidente que parece trágico, ao passo que a morena considera que o importante é a foto ter ficado boa, não demonstrando interesse pelo que ocorre com a loira. Essa produção da tira nos faz refletir sobre as nossas mazelas sociais.

O título em vermelho, a forma da letra, os contornos bem marcados, as cores bem definidas, a seleção das cores, as expressões faciais, as linhas cinéticas de movimento da câmera do celular, o cenário, enfim, o imagético e o verbal, juntos, contribuem para expressar a ironia argumentativa do título reforçada pela palavra “amiga”, no início do primeiro balão. Percebemos o irônico pelo tragicômico final. Sugerimos algumas linhas cinéticas, para registrar a queda da personagem.

A tira seguinte a essa (Figura 52), a que está na vertical, em que se abre a porta da resiliência, é bastante sugestiva. Os produtores da tira usam de argumento intertextual: “[...]”

³⁷ Segundo o Novo Acordo Ortográfico, ditongo aberto, nas paroxítonas, não mais se acentuam. Acentuamos a palavra para evitar a confusão com a palavra veia.

Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã.” (BÍBLIA,1993, Salmos 30:5). E refere-se também ao ditado popular: “Depois da tempestade vem a bonança”. Calmaria essa, desde que haja resiliência, é o dizer da tira. Para continuar citando a Bíblia (1993), o arco-íris³⁸ faz menção à memória social dos leitores e é uma importante estratégia na construção dos argumentos.

A sequência narrativa corrobora a argumentação, o dizer, que mostra ser possível ir da cor cinza ao mundo colorido; da tristeza à alegria; da falta de proteção a um espaço acolhedor... É provável que convença o leitor do poder da resiliência.

Todas essas observações nos permitem medir o alcance das atividades do protótipo, que consideramos ter contribuído com a competência discursiva dos alunos na produção das tiras.

Na próxima tira (Figura 53), destacamos o plano escolhido, os ângulos estabelecidos, a caracterização dos personagens, o ambiente, o contexto; enfim, todo o trabalho com a linguagem imagética intrinsicamente ligada à linguagem verbal. Portanto, entendemos que os alunos (L25 e L27), ao construírem essa tira, atenderam aos propósitos argumentativos, pois selecionaram palavras, ângulos, pontos de vista etc., demonstrando habilidade no uso do *software* HagáQuê.

Figura 53 - A tira com o uso do HagáQuê por L25 e L27

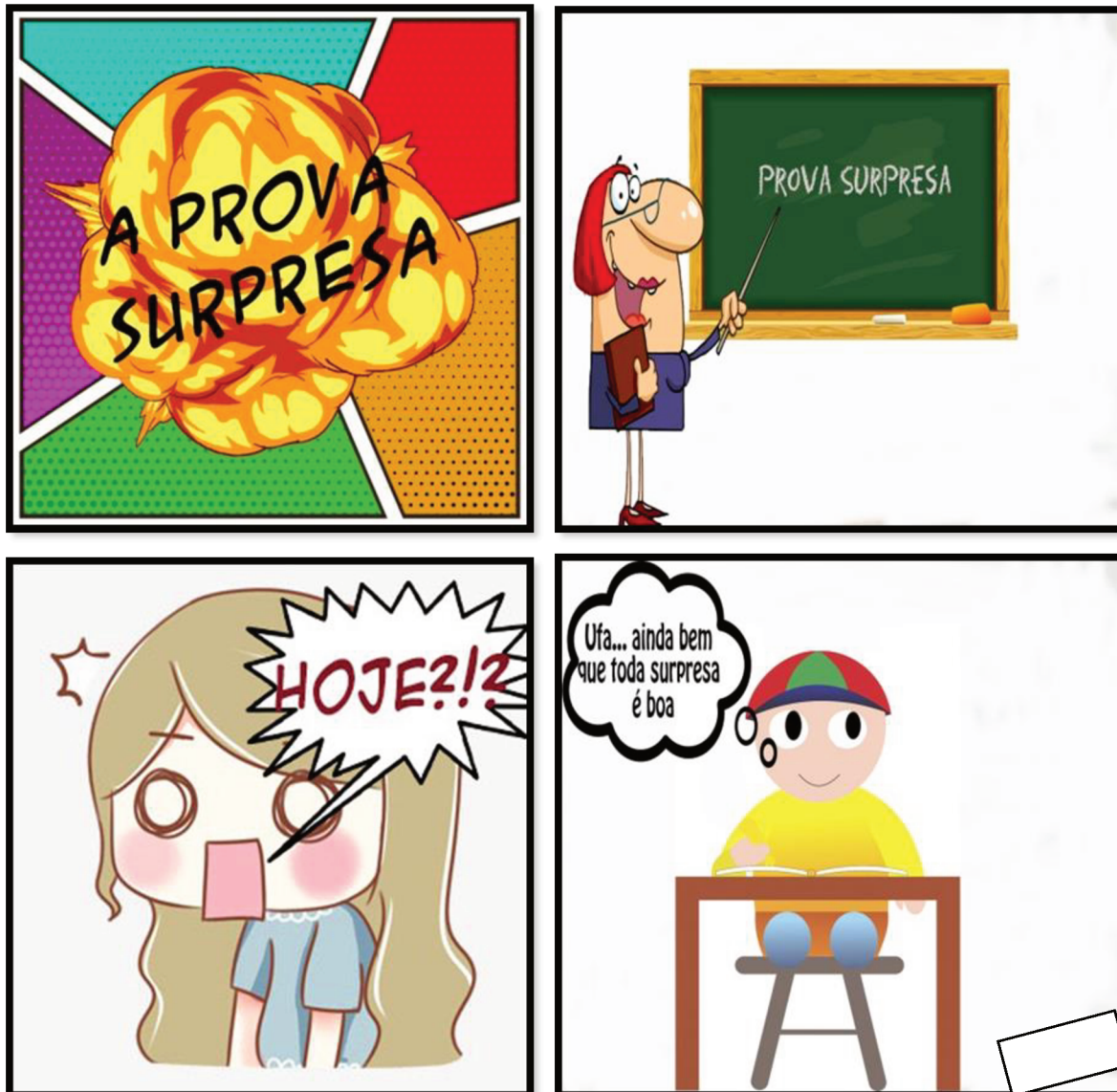


Fonte: a autora.

³⁸ Em Gênesis, há menção de que o arco-íris é uma aliança com o homem, feita por Deus, que promete não enviar mais dilúvio para destruir vidas na Terra (BÍBLIA,1993).

Notamos, na tira (Figura 54) a seguir, na fala do aluno/autor, uma postura ideológica, pois ele relaciona prova a traumas.

Figura 54 - Tira com o uso de outro *software* por L4, L17 e L33



Fonte: a autora.

O primeiro quadrinho nos remete a ideia de desenhos animados, podendo ser a argumentação de que há movimentação intensa (que pode ser interna) em dia de prova surpresa. Lembra também onomatopeia a imagem que sustenta o título. Essa seleção imprime um ritmo fremente, em harmonia com o conjunto visual.

O imagético e o verbal se complementam, situando-nos no contexto da sala de aula, na surpresa da menina e no pensamento do menino que provoca o humor. As metáforas visuais participam decisivamente do projeto discursivo da tira.

Ouvimos:

- a) L9: “Parece que a intenção é...”, referindo-se à Figura 50;
- b) L33: “Foi de propósito esse arco-íris (risos)”, avaliando a Figura 51;
- c) L10: “Se quisesse argumentar diferente, podia ter desenhado...”, com a Figura 49 em mãos;
- d) L17: “Olha o olho dele, nem ele acredita que prova é boa” e “É mangá? Os olhos são bem expressivos, parece que a gente sente o que eles tão sentindo”, considerando a Figura 53.

Vale destacar que tivemos respostas que nos levaram ao entendimento de que o aluno, na interpretação de enunciados argumentativos, nos códigos verbal e não verbal explorados nas vinhetas, compreende mais as especificidades do gênero discursivo tira do que no início do nosso estudo. Foram doze aulas para demonstrar a relação profícua entre as tiras e a argumentação, por meio dos protótipos e, agora, essa relação é revelada nas produções do gênero tira pelos alunos.

A proposta didática priorizou as práticas de leitura e de produção textual de forma significativa, isto é, trabalhamos as tiras na sala de aula, com empenho em estimular os alunos a serem capazes de elevar gradualmente o nível de compreensão dos textos, com vistas a desenvolver a capacidade de argumentação. O resultado foi maior interação com nosso aluno, de forma que fugimos do óbvio, construímos novos argumentos. Nós mesmas demos sinais explícitos de que a aprendizagem é contínua, nunca estamos definitivamente prontas, por isso investigamos, pesquisamos e nos inquietamos na procura do mais conhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o saber-fazer dos alunos, nós, professores de Língua Portuguesa, precisamos priorizar práticas de leitura e de produção textual de forma significativa, visando a contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos. Considerando esse contexto, esta pesquisa nasceu de nossas inquietações e por acreditar que poderíamos desenvolver uma prática de leitura e de produção textual que pudesse nos auxiliar em sala de aula e contribuir com outros docentes, no sentido de provocar reflexões sobre o uso do gênero discursivo tira em sala de aula.

Com o objetivo de desenvolver um trabalho que possibilite ao discente vivência significativa de leitura e de produção, de forma agradável, surgiu a ideia de explorar o universo dos textos em quadrinhos. Logo foi necessário escolher entre histórias em quadrinhos, tiras, cartuns e charges. Embasamo-nos em autores, como por exemplo, McCloud (2006), Rama e Vergueiro (2014), Ramos (2017) e Vergueiro e Ramos (2009), que contribuíram para a conclusão de que o trabalho com as famosas e tão aceitas tirinhas poderia atender aos nossos objetivos pessoais e profissionais, uma vez que esse gênero capta a atenção dos leitores, permite o estudo dos aspectos argumentativos, constituindo-se como importante objeto de estudo, já que autores das tiras registram problemas da vida cotidiana de forma crítica.

Desse modo, assumimos nossas reflexões e ações que foram se processando aos poucos. Ao estudar sobre a argumentação, de acordo com as referências utilizadas neste trabalho, entendemos que há a presença de argumentação em todos os gêneros discursivos.

Para atender aos objetivos do PROFLETRAS, no que diz respeito à intervenção, optamos por um protótipo de ensino e aprendizagem (ROJO; MOURA, 2012). Essa opção se justifica, se considerarmos que esses procedimentos de ensino e aprendizagem são flexíveis, atendendo ao intuito de oferecer aos outros docentes de Língua Portuguesa sugestões de trabalho que possam ser adaptadas de acordo com o contexto da sala de aula de cada um. As atividades do protótipo foram divididas em etapas, com o intuito de permitir melhor visualização das aulas planejadas e para desenvolver as capacidades de uso da linguagem dos alunos, gradativamente.

Considerando que as tiras possuem diferentes estratégias argumentativas, com o objetivo de convencer e persuadir o interlocutor de distintas formas, entendemos ser

importante que os alunos compreendam esse gênero, reflitam sobre o contexto, entendam a linguagem desses quadrinhos no que está dito e no que está por trás do dito.

Diante disso, defendemos que a tira é um dos gêneros que devem ser trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa, porque existem vários aspectos linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a efetivação do processo comunicativo. Precisamente os alunos de 9º ano desenvolveram a capacidade argumentativa, ao estabelecer uma relação entre a concepção do gênero discursivo tira e o aspecto opinativo presente nas linguagens verbal e não verbal dos quadrinhos.

Por meio do trabalho com esse gênero, constatamos como a argumentação é dele constitutiva. No entanto, muitas vezes, o leitor das tiras não percebe o uso argumentativo das palavras e imagens, pois lê os quadrinhos como um gênero que não exige crítica, nem aprofundamento do que fora enunciado.

Percebemos, também, que os enunciados das tiras podem ser estratégias argumentativas do locutor que seleciona e organiza os argumentos de forma que possa atender ao seu objetivo de convencer e persuadir o interlocutor. Com base em Ramos (2017), que defende que tiras podem estar ancoradas em experiências reais da vida e que podem ser relatadas pelo filtro crítico do estudante, buscamos construir atividades que contemplem o artifício argumentativo do autor das tiras em quadrinhos, por entender que a argumentação é o tipo textual que os alunos menos dominam, uma vez que narração e descrição, por exemplo, são muito trabalhados em séries anteriores ao 9º ano, série esta com a qual realizamos a pesquisa.

Como forma de consolidar a aprendizagem, propusemos a produção de tiras e apresentamos o *software* HagáQuê, por ser simples, prático e porque acreditamos que ele contribui muito com a qualidade dos textos, além de poder agradar aos envolvidos no processo educativo. Fato esse que ocorreu, não impedindo que o aluno utilizasse outros recursos na sua produção das tiras.

Cada etapa do protótipo pode ser vista como um protótipo, por conter a proposta de aula completa. Lembrando que todos os oito protótipos (etapas) também podem ser vistos como um só, do ponto de vista sequencial. Foram doze aulas e os dados coletados nos permitiram concluir que podemos elaborar propostas de atividades pedagógicas para a melhoria do ensino, no desenvolvimento da competência leitora dos alunos, uma vez que comprovamos que nossos alunos compreenderam que há críticas subjacentes ao humor, no gênero tira. Além de que todo o processo sequencial de ensino e aprendizagem possibilitou ao

discente a seleção verbo-imagética, dar voz aos personagens, posicionar-se ideologicamente, com concisão, na produção do gênero discursivo tira.

Como docentes, focalizamos o problema da nossa sala de aula e esperamos contribuir com outros professores, que podem adaptar nossas propostas à realidade deles. Esse é um incentivo do PROFLETRAS, que contribui com a melhoria da qualidade da educação, conectando as pesquisas da universidade ao docente em efetivo exercício.

Essa prática possibilitou reflexões sobre nossas atitudes, valores e posicionamentos frente a experiências consolidadas. Em alguns momentos, pensamos em desistir da perspectiva criada para a realização do trabalho, voltar para a zona de conforto. Mas, agora, com os objetivos da pesquisa alcançados e os resultados positivos, cremos que podemos colaborar para que a leitura e a produção de tiras possam ser vistas a partir da ótica de objeto de estudo para desenvolver a criticidade, produzindo sentido em dimensão argumentativa.

Afinal, a argumentação e o gênero tira apresentam uma relação produtiva de sentidos, de forma a contribuir com a função do gênero tira de ser humorístico e de provocar reflexões.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**. Cotia: Atiliê Editorial, 2006.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. Belo Horizonte: Parábola, 2007.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola, 2017.
- ASSOCIAÇÃO CULTURAL NAÇÃO HQ. **71 Anos de Lançamento da Revista Gibi**. Belo Horizonte: Nação HQ, 12 abr. 2010. Disponível em: <https://nacao.net/2010/04/12/71-anos-de-lancamento-da-revista-gibi/>. Acesso em: 23 jun. 2017.
- ÁVILA, Roberta. Coletânea reúne em livro 365 tirinhas de Charlie Brown, Snoopy e suas sacadas geniais. **Diário Catarinense**, Santa Catarina, 27 ago. 2012. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/08/coletanea-reune-em-livro-365-tirinhas-de-charlie-brown-snoopy-e-suas-sacadas-geniais-3865649.html?pagina=9>. Acesso em: 9 set. 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARBOSA, Enio Rodrigo. Andy Warhol: um ícone do século XX. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 62, n. 2, p. 38-44, 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000200025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 3 jun. 2017.
- BELMIRO, Célia Abicalil. Uma educação estética nos livros didáticos de Português. IN ROJO, Roxane e BATISTA, Antônio Augusto Gomes (org.). **Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita**. São Paulo: Mercado Letras, 2003.
- BÍBLIA Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 23 abr. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC-19mar2018-versaofinal.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais Anísio Teixeira. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Resultados e metas/2015. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 16 mai. 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental II - Língua Portuguesa. Brasília/Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 1999.

CARVALHO, Cicefran Souza. **Estudo de caso**: A Aprendizagem Cooperativa na EEM de Campos Sales. Juiz de Fora: UFJF, 2015.

CAULOS (Luís Carlos Coutinho). **Só dói quando eu respiro**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

CORREIA, Gregoria. Detalhe da Coluna de Trajano: Roma. **Reflexos online.com.**, 30 dez. 2008. Disponível em: http://www.reflexosonline.com/reflexos.php?num_foto=116918. Acesso em: 18 jun. 2018.

DAHMER, André.[Tira]. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 set. 2018. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#8/9/2018>. Acesso em: 8 set. 2018.

DANUTA, Cristina. ‘Surpreso’, diz cartunista de Ribeirão que teve tirinha publicada no Enem. In: PAVARINI, Sergio. **Livros só mudam pessoas**. [S. l.]. 2014. Disponível em: <http://www.livrosepessoas.com/tag/cartunista/page/2/>. Acesso em: jun. 2018.

DAVIS, Jim. **Garfield**: 2582 tiras. Rio Grande do Sul: L&PM, 2009. (Série Ouro).

DEL RÉ, Alessandra. **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DUKE (Eduardo dos Reis Evangelista). [Tira]. **O Tempo**, Belo Horizonte, 21 out. 2018. Charge O Tempo. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-21-10-2018-1.2057335>. Acesso em: 4 out. 2018.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FELITTI, Chico. João Gilberto comemora seus 85 anos em silêncio e cercado de expectativa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2016. Ilustrada. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/06/1779950-joao-gilberto-comemora-seus-85-anos-em-silencio-e-cercado-de-expectativa.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: contexto, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. [Capa], São Paulo, 8 set. 2018. Disponível em: https://f.i.uol.com.br/fotografia/2018/09/08/15363815455b935269656c8_1536381545_9x16_rt.jpg. Acesso em: 9 set. 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de redação**. São Paulo: Publifolha, 2011.

FREIRE, Raquel. Conheça a história por trás do Emoji e de seus ícones mais curiosos. **Globo.com**, 30 nov. 2014. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/11/conheca-historia-por-tras-do-emoji-e-de-seus-icone-mais-curiosos.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

GENTIL, Lia. Tipos de balões. **Eloy Ornelas**, 22 nov. 2009. Disponível em: <http://escolaeloyornelas.blogspot.com/2009/11/tipos-de-baloes.html>. Acesso em: 8 jun. 2018.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIOVANI, Fabiana. **O argumentar na apropriação da escrita**. São Paulo, 2009.

PRÉ-HISTÓRIA. História da Arte. **Pré-História**, 23 ago. 2012. Disponível em: <http://prehistoria.tumblr.com/post/30072805232>. Acesso em: 2 jun. 2018.

KAUFMAN, Ana María; RODRÍGUEZ, María Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOCH, Ingedore Vilaça. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, Ingedore Vilaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 1993.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LAERTE, Coutinho. Laerte. **Blog do Enem**, 22 maio 2018. Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/interpretacao-de-texto-e-historias-em-quadrinhos/laerte/>. Acesso em: 22 jul. 2018

LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina. (org.) **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

LEMOV, Doug. **Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência**. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.

- MAGALHÃES, Henrique. **Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTINS, Maria Helena (org.). **Questões de linguagem**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MCCLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2006.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MONTANARO, João. Livro. **Blog João Montanaro**, 22 jun. 2010. Disponível em: <http://joaomontanaro.blogspot.com/2010/06/livro.html>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- O MENINO da Laje 8 - 073 – Gibi, 5 jan. 2014. **Facebook: @meninodalaje8**. Disponível em: <https://www.facebook.com/omeninodalaje8/photos/a.569534123059272/724219594257390/?type=3&theater>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- PAZ, Estela Márcia. Meditando a Via-Sacra nesta 5ª feira Semana da Quaresma (sexta-feira). **Alma Carmelita**, 22 mar. 2013. Disponível em: <http://almacarmelita.blogspot.com/2013/03/meditando-via-sacra-nesta-5-semana-da.html>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- PEANUTS. Tiras do Snoopy, 18 abr. 2015. **Facebook: @TirasDoSnoop**. Disponível em: <https://www.facebook.com/TirasDoSnoop/>. Acesso em: 9 dez. 2017.
- QUINO, Joaquín Lavado. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- QOMARUDIN, Halim. **Elementos e balões de fala em quadrinhos: ilustração de stock**. Depositphotos, 22 abr. 2017. Disponível em: <https://pt.depositphotos.com/150588878/stock-illustration-comic-speech-bubbles-and-elements.html>. Acesso em: 8 set. 2018.
- RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RAMOS, Paulo. **A linguagem dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

- RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever**: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas, São Paulo: Papyrus, v. III, 1997.
- RIZZARDI, Prescila. **A filosofia peanuts ainda vive**. Recortes, 2014. Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/entre_a_loucura_e_a_razao/2014/04/a-filosofia-peanuts-ainda-vive.html. Acesso em: 8 set. 2017.
- RODRIGUES, Diego. O humor ácido lisérgico do Adão Iturrusgarai. **Blog Cabaré das Ideias**, 19 out. 2012. Disponível em: <https://cabaredasideias.wordpress.com/2012/10/19/o-humor-acido-lisergico-do-adao-iturrusgarai/>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SALGADO, Janaína Lopes. Advérbios modalizadores discursivos, advérbios de comentário avaliativos ou palavras modais? Um estudo comparativo das descrições gramaticais do item lexical advérbio em português e alemão. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 15, n. 19, p. 154-184, July 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/39801/42665>. Acesso em: 5 set. 2018.
- SARGENTINI, Vanice; CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos (Org.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos, SP: Claraluz, 2011.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SCHULZ, Charles. [Tira]. In: ROCHA, Rogério. Schopenhauer e Charlie Brown. **Conhecimento e informação na medida certa**, 12 jun 2011. Disponível em: <https://rogeriohenriquerocha.blogspot.com/2011/06/schopenhauer-e-charlie-brown.html>. Acesso em: maio 2017.
- SCHULZ, Charles. [Tira]. In: GOMIDE, Viviane. **Words of Leisure**, 19 jun. 2013. Disponível em: <https://wordsofleisure.com/2013/06/19/tirinha-do-dia-snoopy-e-como-quebrar-o-gelo/>. Acesso em: 5 dez. 2017.
- SILVA, Walleska Bernardino. **A referência em textos verbo-imagéticos**. 2014. 306 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15312/1/ReferenciacaoTextosVerbo.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2018.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. *In*: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

THAVES, Bob. Frank e Ernest. **Estadão**, São Paulo, 21 jan. 2017. Cultura. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/quadrinhos/bob-thaves,frank-e-ernest,687803>. Acesso em: 4 abr. 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TIRAS BD SeguraNet. *In*: PORTUGAL. Ministério da Educação. **SeguraNet**. Lisboa: Ministério da Educação, 2004. Disponível em: <http://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>. Acesso em: 18 jun. 2018.

VASCONCELLOS, Celso. **Planejamento projeto de ensino**: aprendizagem e projeto político-pedagógico. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos Libertad-1).

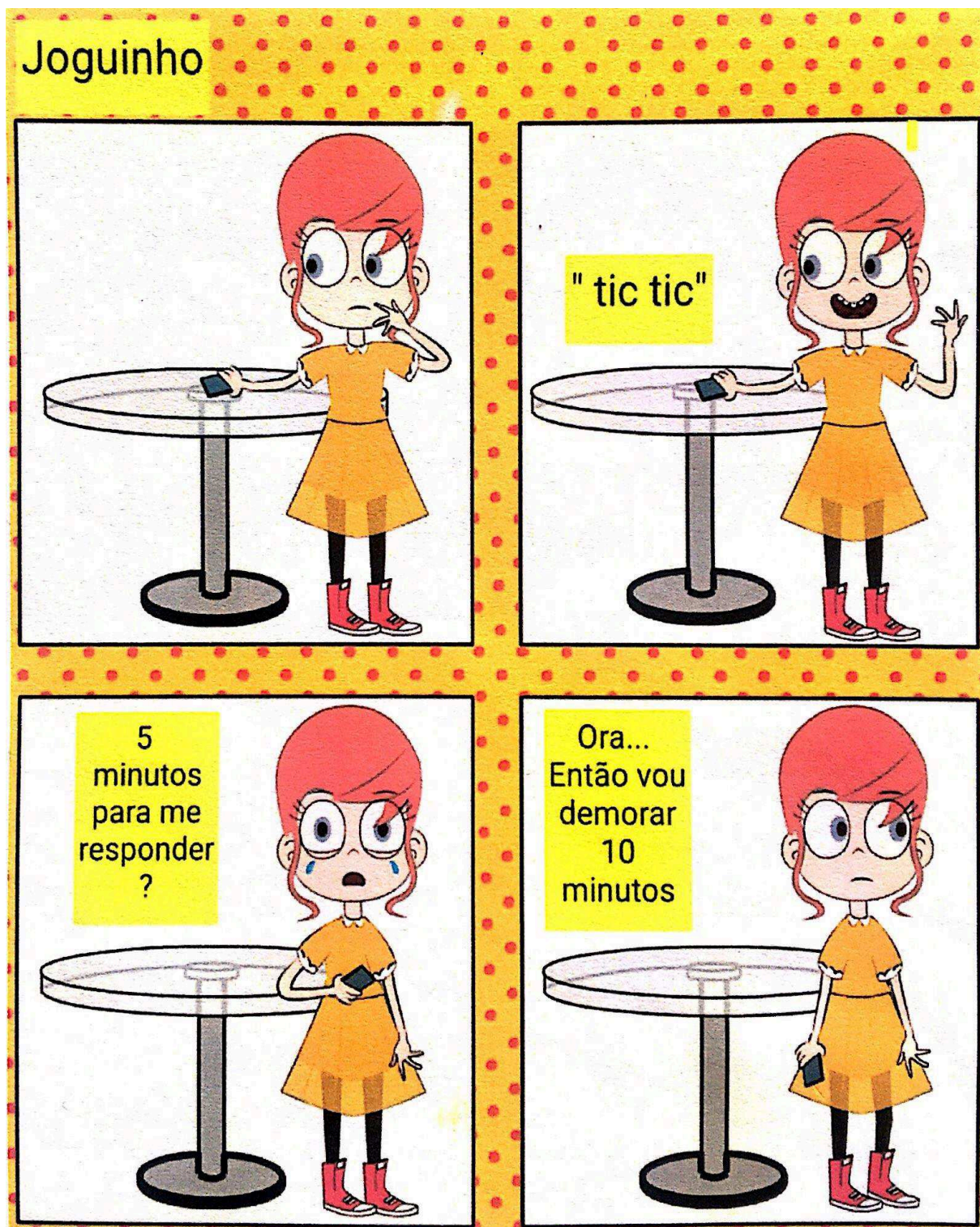
VERGUEIRO, Waldomiro. **As histórias em quadrinhos e seus gêneros** – Parte 1. 2 mai. 2001. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/as-historias-em-quadrinhos-e-seus-generos-parte-1>. Acesso em: 10 abr. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). **A linguagem dos quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2015.

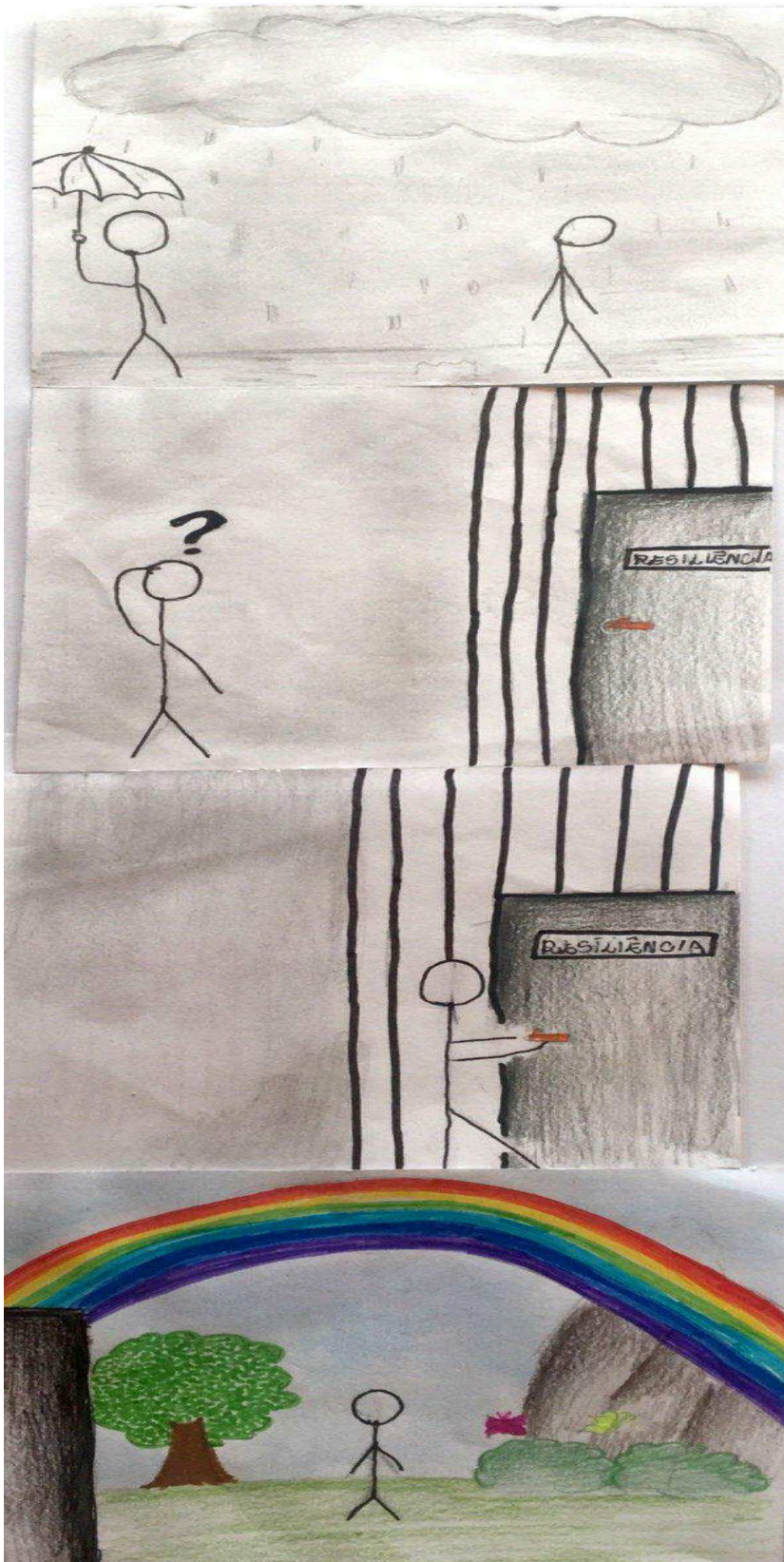
APÊNDICE A - Tiras produzidas pelos alunos

Tira 1



Fonte: a autora.

Tira 2

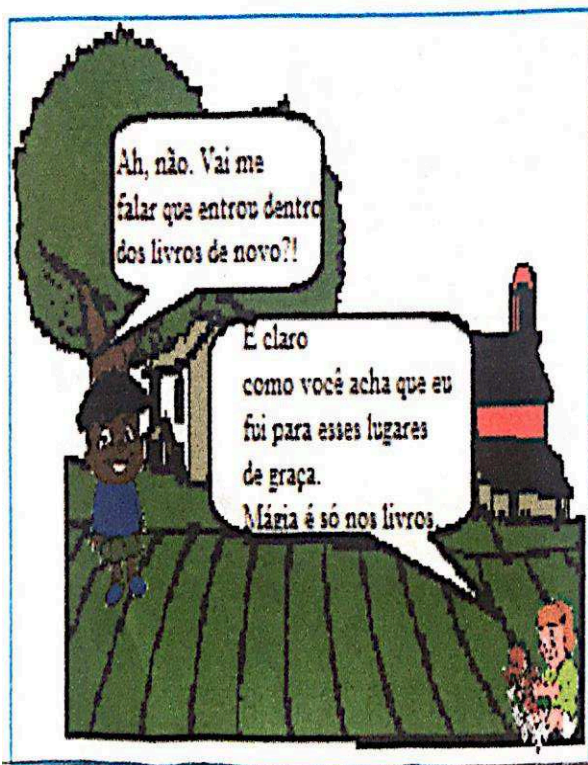
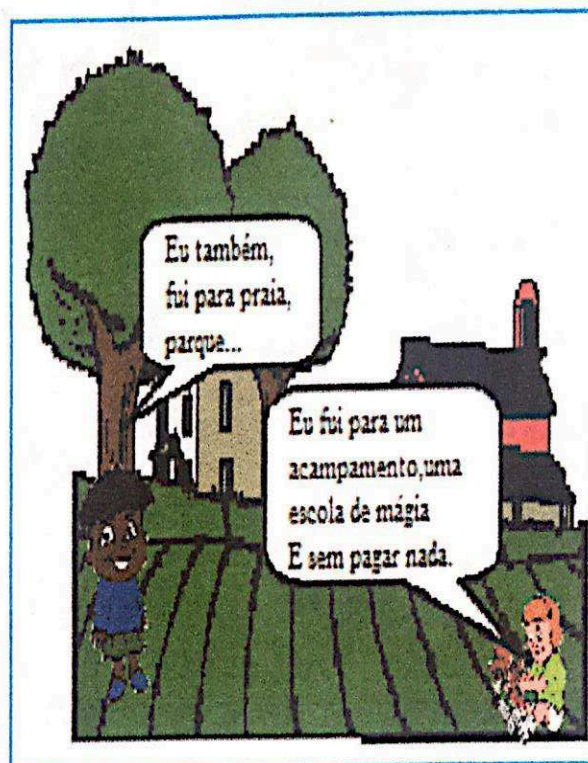


Fonte: a autora.

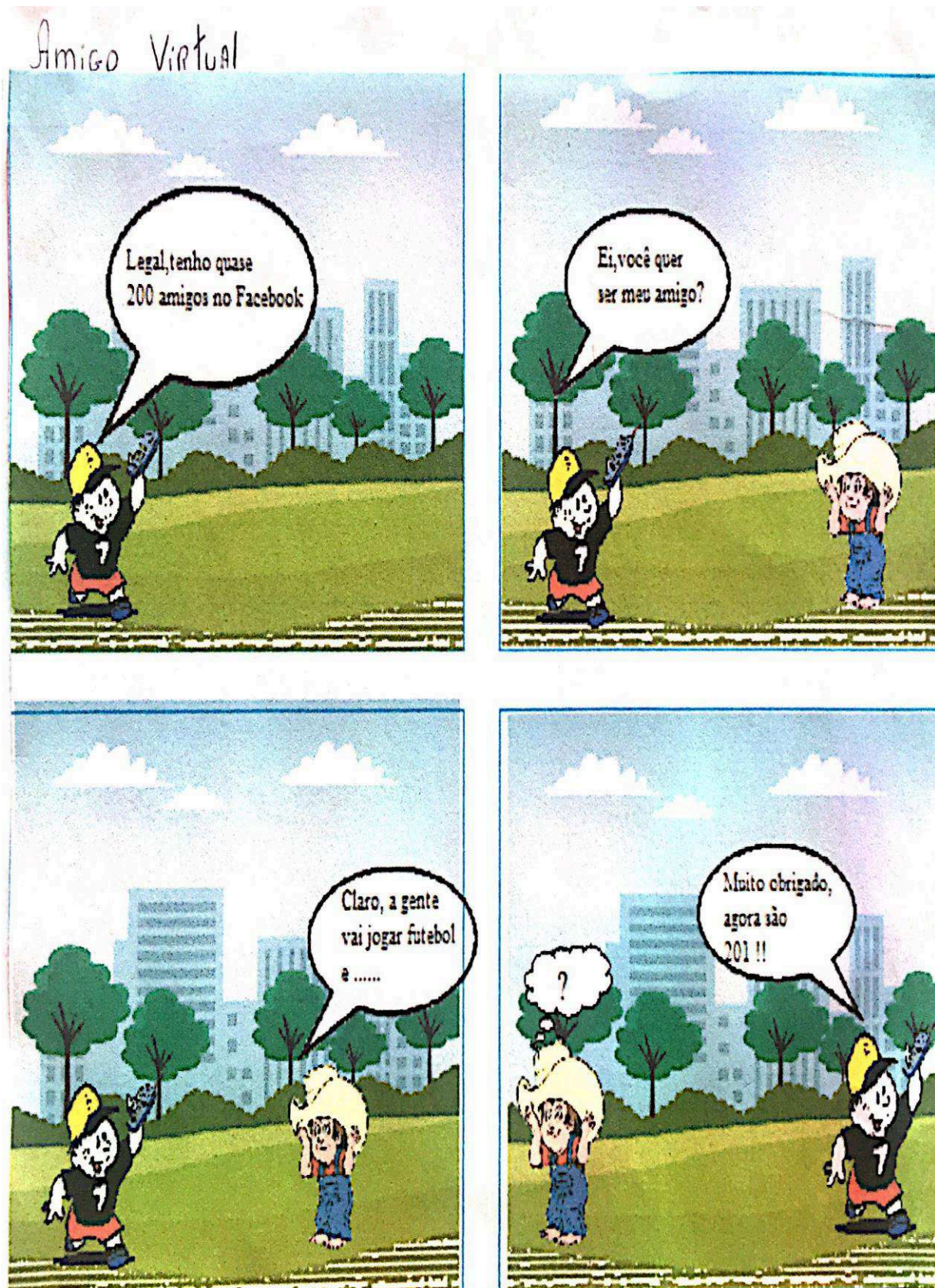
Tira 3



Tira 4

A Viagem

Tira 5



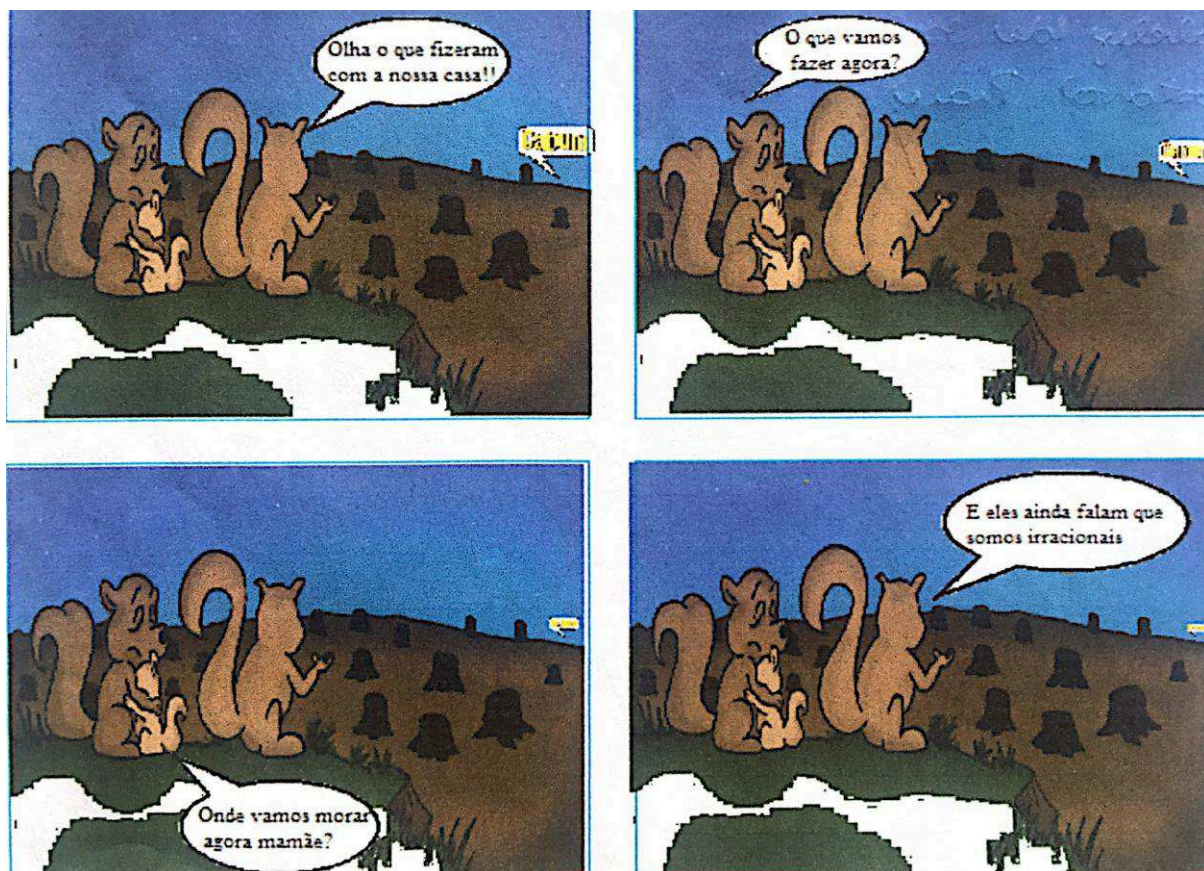
Fonte: a autora.

Tira 6



Fonte: a autora.

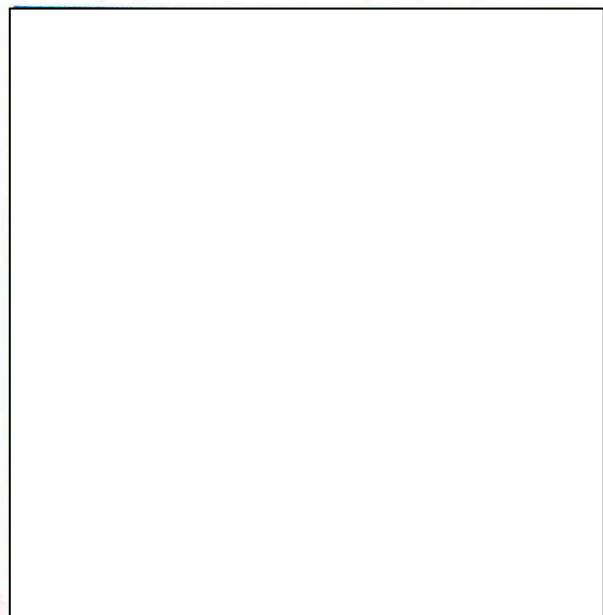
Tira 7



Fonte: a autora.

Tira 8

POLUIÇÃO DO AMBIENTE



Tira 9



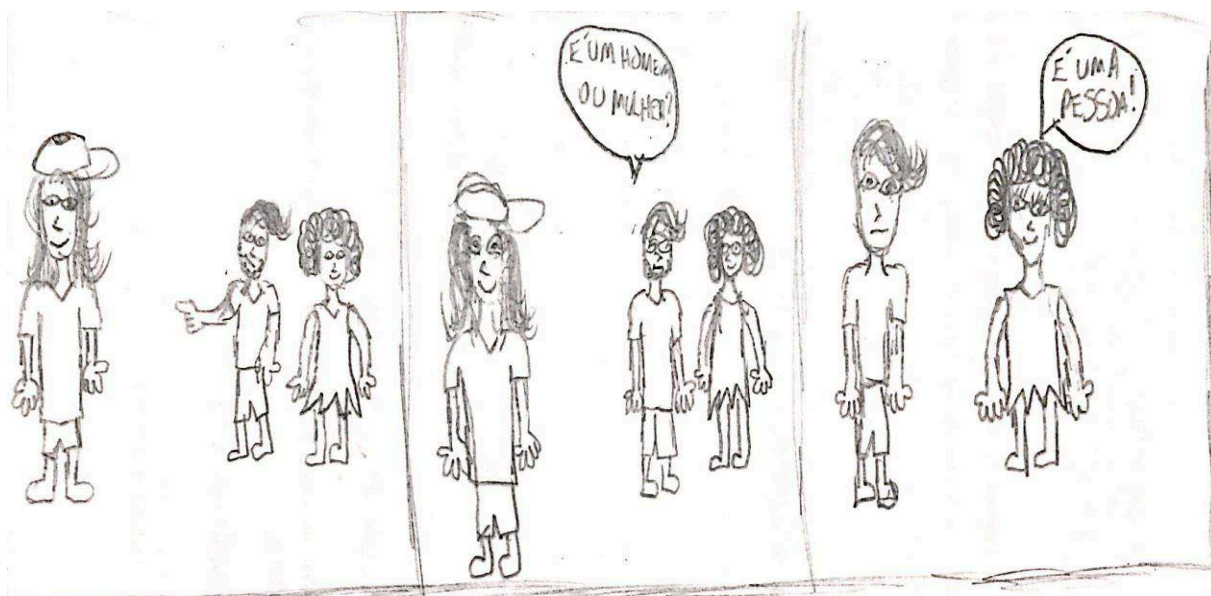
Fonte: a autora.

Tira 10



Fonte: a autora.

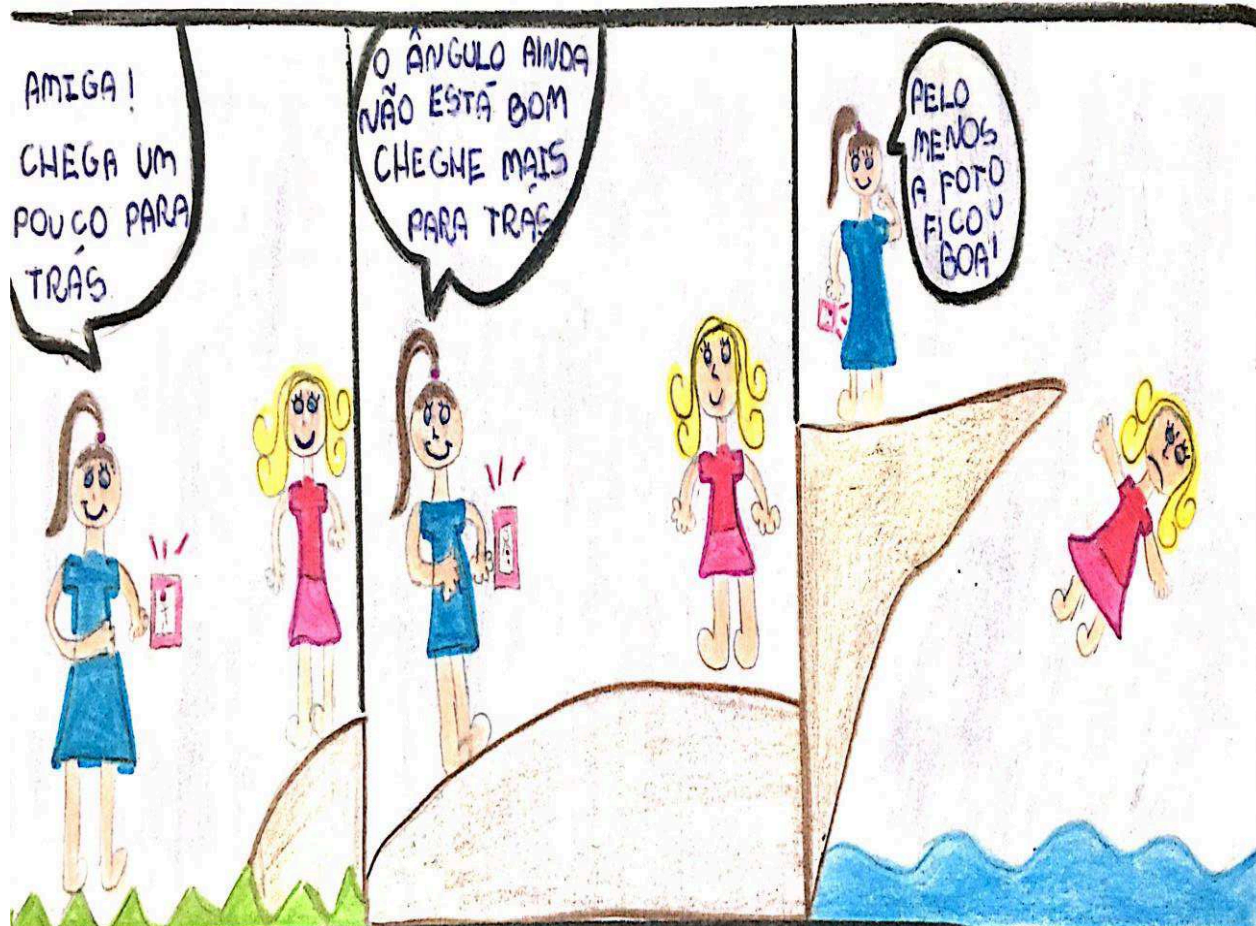
Tira 11



Fonte: a autora.

Tira 12

A FOTO PERFEITA



Fonte: a autora.

Tira 13



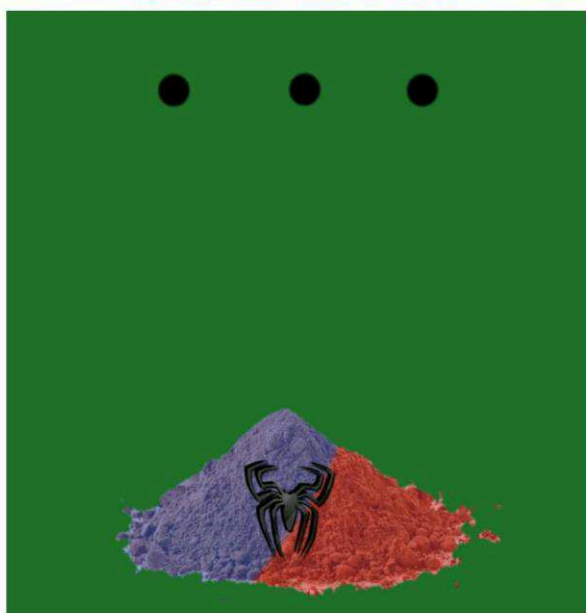
Fonte: a autora.

Tira 14



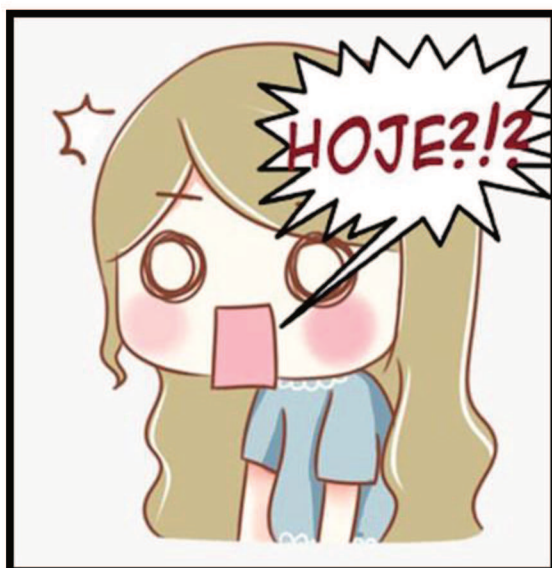
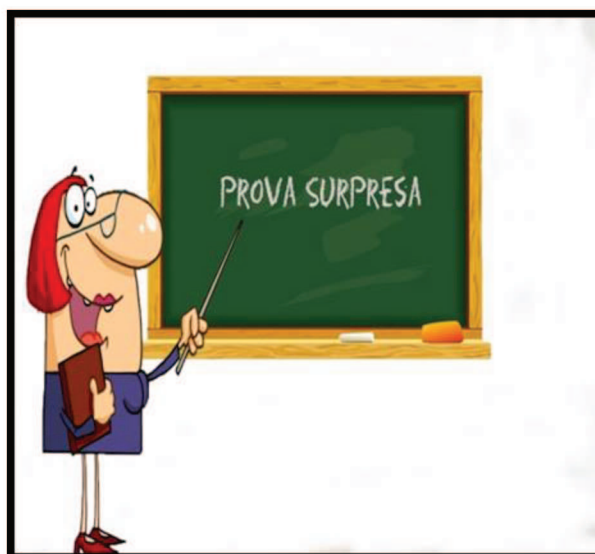
Fonte: a autora.

Tira 15



Fonte: a autora.

Tira 16



Fonte: a autora.

Tira 17



APÊNDICE B – Caderno das Atividades Diferenciadas**PROFESSORA MARIA DE LOURDES VINHAL****UMA VIAGEM NO UNIVERSO DAS TIRINHAS**

ESCOLA _____

NOME: _____



Disponível em <http://espacosliterarios.blogspot.com.br/2015/08/ele-pode-estar-parado-mas-esta-viajando.html>. Acesso em out. 2017.

ETAPA I

I- Você pode contribuir com o ensino e a aprendizagem, respondendo com clareza e sinceridade.

1. Observe cada quadrinho da tira 1 com atenção e relacione o sentido do título com o conteúdo do texto.

Tira 1:

Etiqueta nos jogos online



Disponível em <http://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>. Acesso em jun. 2018.

2. No universo dos quadrinhos, temos histórias em quadrinhos, tiras, charges, cartuns. Que elementos constituem o gênero tira?

3. O texto em quadrinhos, em especial o gênero discursivo tira, você o lê, com mais frequência, utilizando a televisão, a revista, o jornal impresso ou a internet?

4. Que aspectos das tiras mais chamam a sua atenção?

5. Ao ler os textos em quadrinhos, em especial as tiras, você encontrou ideias críticas, que possibilitaram tomada de atitude perante os problemas sociais, ou, na leitura desses quadrinhos, você não encontrou crítica, pois o objetivo do autor das tiras é fazer rir, através do humor?

6. Cite um problema que você considera sério, atual e social. Justifique por que você o considera assim.

ETAPA II

II – Leia a tira e responda às questões a seguir.

Tira 2

Protecção de dados



Disponível em <http://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>. Acesso em jun. 2018.

1. Considerando a publicação do gênero discursivo tira, esse texto circula em

- a- jornal.
- b- revista.
- c- internet.
- d- televisão.

2. Determine o assunto e o tema da tira.

3. A escolha do conteúdo temático e do veículo utilizado para a publicação do gênero discursivo pode ser proposital, no sentido de dialogar com o leitor. Argumente, a partir dessa afirmação, explicitando o propósito do texto.

4. As cores também produzem sentido aos quadrinhos. Além disso, o que se pode inferir sobre a diferença entre as cores utilizadas nos primeiros e nos últimos quadrinhos?

5. Observe o título: “Protecção de Dados”. O título nos oferece pista do idioma do cartunista. Deduz-se que quem produziu (Nelson Martins - SeguraNet) a tira pode não ser brasileiro, porque utilizou o idioma

a- Português de Portugal.

b- Inglês.

c- Alemão.

d- Chinês.

6. Devemos ter em conta os riscos inerentes à utilização das tecnologias digitais.

A. Como o autor da tira comprova que a personagem principal está utilizando uma tecnologia digital? Explique detalhadamente, considerando os aspectos verbais e não verbais.

B. A consequência do uso inadequado da tecnologia digital se evidencia no penúltimo quadrinho. Na interação com o leitor, o autor da tira destaca alguns elementos, no referido quadrinho, que elementos são esses?

C. De que argumentos o autor se apodera ao evidenciar, destacar alguns elementos no penúltimo quadrinho?

D. Geralmente, no último quadrinho das tiras, há uma disjunção, o inesperado. Quem é o personagem que aparece no final? O que ele pretende e/ou está a fazer? Que itens observados comprovam suas considerações?

7. Na tira, geralmente, a linguagem verbal se apresenta nos balões, retratando um diálogo
a- formal, semelhante a um discurso público ou a uma fala com um superior hierárquico.
b- informal, similar à conversa face a face, em linguagem coloquial.

8. Os balões apresentam desenhos diferentes. Quantos tipos de balões aparecem na tira? Descreva-os, explicando suas funções.

9. É muito comum os pais reclamarem muito de seus filhos, no que se refere ao tempo de uso da *Internet*. Além do tempo destinado à tecnologia digital, o espaço deve ser considerado. Com base nesse contexto, você construirá a linguagem verbal da tira a seguir. Para tanto, retiramos o título e as falas dos balões da tira. Reconstrua-a, colocando um título e produzindo as falas de acordo com a linguagem das imagens.



Disponível em <http://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>. Acesso em jun. 2018. (Adaptado)

ETAPA III

III - Leia as tiras a seguir e responda às questões seguintes.

Tira 3:

Passas tempo demais na Internet



Disponível em <<http://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>>. Acesso em jun. 2018.

Tira 4:

Copiar e colar



Disponível em <<http://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>>. Acesso em jun. 2018.

Tira 5:

Os macacos sábios das notícias falsas



Disponível em <<http://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>>. Acesso em jun. 2018.

1. Considere as três tiras anteriores e faça uma análise dos elementos a seguir, considerando o significado de cada elemento, tamanho, formato, função e/ou posicionamento, enfim, descreva o que expressam esses elementos e seus efeitos na tira:

A. Contexto: a situação em que se processa a história.

Cenário da história, ambientação: espaço, aspecto artístico evidente nos quadrinhos. A distribuição das imagens no espaço dos quadrinhos.

B. Cores: comunicação visual, com seus estímulos visuais, que podem transmitir sensações e possibilitar leitura pertinente ao contexto.

C. Balões: meio de comunicação dos personagens das tiras marcado pelo uso predominante da linguagem verbal.

Apêndice/rabicho: uma extensão do balão. O uso depende da criatividade do cartunista.

D. Metáforas visuais: recurso convencional que apresenta uma simbologia figurativa, conotações que se tornaram convenções.

Onomatopeia : palavra que sugere som, representação gráfica de sons.

Linhas cinéticas: linhas que indicam o movimento do personagem ou do objeto.

Estilo gráfico : técnicas e recursos que têm valor de linguagem, como traços, sombras.

E. Requadro/ vinheta/ encapsulamento: o quadrinho com seus limites.

Calha/sarjeta/ elipse/lapso de tempo: espaço vazio entre os requadros. É um elemento de conexão das vinhetas.

F. Personagem: aquele que possibilita a reflexão e divulga ideologia, apresenta atitude, valores, posicionamento, pensamento e ideias de percepção do mundo.

Enredo/ roteiro/ assunto/ conteúdo/ informação: elemento que, no gênero discursivo tira, caracteriza-se pela presença do elemento disjuntor, fazendo com que a narrativa tome uma direção nova e surpreendente, gerando o efeito cômico.

Recursos metalinguísticos/metaficcionais/intertextuais: recurso de explicar suas próprias regras, de mostrar que é uma obra fictícia, de lembrar outros textos.

2. As tiras “Passas tempo demais na Internet” e “Copiar e colar”, de maneira humorada visa à reflexão do uso adequado dos meios digitais. Essas tiras dialogam com o leitor no sentido de possibilitar a conscientização ao usufruir da tecnologia. Argumente, justificando as conclusões a que a leitura desses quadrinhos pode nos conduzir?

ETAPA IV

IV - Leia a tira e responda às questões.

Tira 6:



Disponível em < www.peanuts.com >. Acesso em 10 dez. 2017.

1. O cão Snoopy afirma: “A gente quebra o gelo assim”.

A. O uso do advérbio “assim” nos remete a que quadrinhos? Descreva-os.

B. Considere as onomatopéias e metáforas visuais, relacionando-as à postura do Snoopy.

C. Snoopy, diante do problema apresentado por Charlie, reagiu com um contra-argumento, qual? Agir assim facilita a interação entre as pessoas? Por quê?

2. Qual foi a causa das ações do Snoopy? E qual a consequência dessas ações?

3. A experiência de Charlie Brown leva-o a entender que deve manter distância da Lucy – a menina que, muitas vezes, colabora para deixar Charlie em situações difíceis.

A. Schulz admitiu que criou os personagens das tiras, compartilhando suas inseguranças e dúvidas sobre si mesmo. Sendo assim, o que se deduz sobre o autor, a partir da relação entre Charlie e Lucy?

B. As características marcantes de uma pessoa hoje podem ser diferentes no futuro? Dê exemplos de ações de uma pessoa que poderia motivar a outra a mudar a personalidade mal-humorada, irritadiça, implicante.

C. Que comportamentos seus você gostaria que fossem diferentes e quais seriam importantes manter?

4. A internet mudou os conceitos de contato, amizade e namoro. Mas, nessa tira, os personagens não vivem nas tramas da rede digital. O que essa tira traz de prazeres da vida cotidiana, do mundo real?

5. Dê um título para a tira. Não se esqueça de que o título é um recurso persuasivo para a leitura/compreensão do gênero discursivo.

ETAPA V

V – Considere as duas tiras e responda às questões a seguir.

Tira 7:



Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/DepositoDeTirinhas>. Acesso em set. 2017.

Tira 8:



© 1960 United Feature Syndicate, Inc.

Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/TirasDoSnoopy/>. Acesso em set. 2017.

A. Crie um título para cada tira.

B. Que semelhanças apresentam essas duas tiras?

C. Na primeira tira, Linus utiliza de um saber universal, de grande aceitação: “Nada é para sempre”, logo olha para o amigo Charlie e explica: “Todas as coisas boas terminam um dia”. Enquanto Linus fala, pensa e escuta, nos quatro quadrinhos, essas ações são acompanhadas de gestos, movimentos. Que movimentos/gestos são esses? Cada movimento/gesto é um argumento que transmite quais ideias?

D. Podemos considerar a pergunta de Minduim/Charlie Brown, no quarto quadrinho da primeira tira, um contra-argumento aos argumentos de Linus? Por quê?

E. Na segunda tira, o corpo da menina Patty Kieffer também se expressa. Quais foram as expressões corporais dela?

F. Quais as consequências de ficar ereto, na concepção de Charlie? Qual a postura dele no primeiro e no último quadrinho da segunda tira?

G. Qual o efeito de sentido provocado pelo uso das palavras “porque” e “assim”, nos dois últimos quadrinhos da segunda tira?

ETAPA VI

VI- Leia a tira do cartunista Cury.

Tira 9:



Original do trabalho de Cury que foi usado na prova do Enem 2013 (Foto: Caetano Cury/Reprodução)

Fonte: Disponível em <http://www.livrosepessoas.com/tag/cartunista/page/2/> Acesso em jun.2018.

1. Analise essa tira, responda às questões seguintes, marcando a alternativa correta na primeira questão.

- A. (ENEM/2013) A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude
- a) crítica, expressa pelas ironias.
 - b) resignada, expressa pelas enumerações.
 - c) indignada, expressa pelos discursos diretos.
 - d) agressiva, expressa pela contra-argumentação.
 - e) alienada, expressa pela negação da realidade.

B. O produtor da tira, nas legendas, argumenta: “NO MUNDO CONECTADO, NÃO HÁ PRECONCEITOS, NÃO HÁ IGNORÂNCIA E NÃO HÁ COVARDIA”, paralelamente a esses argumentos, Cury contra-argumenta. De que maneira ele constrói cada contra-argumento?

C. Qual o formato e a função das legendas e dos balões?

D. Observe os apêndices/rabichos dos balões.

D1. Qual a função desse elemento na tira?

D2. No último quadrinho, o balão e seu apêndice diferem dos demais, que efeito essa estrutura produziu, isto é, qual o objetivo desse diferencial?

D3. O leitor de Os Sertões comunica sem o uso de balões. Que possível argumento o autor da tira produz, ao escolher não usar balão para esse personagem?

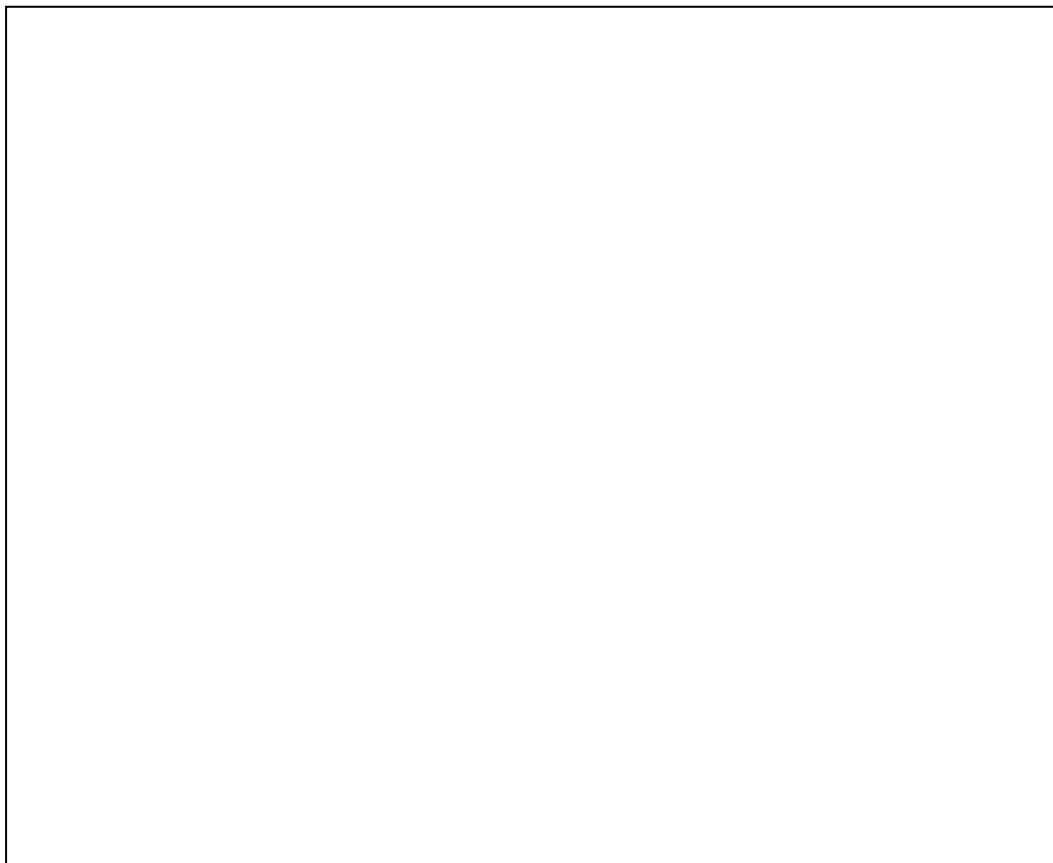
E. Ainda sobre o leitor de Os Sertões...

E1. O que significa o recurso da língua escrita acima de sua cabeça?

E2. Que sensações e sentimentos essa linguagem não verbal explicita?

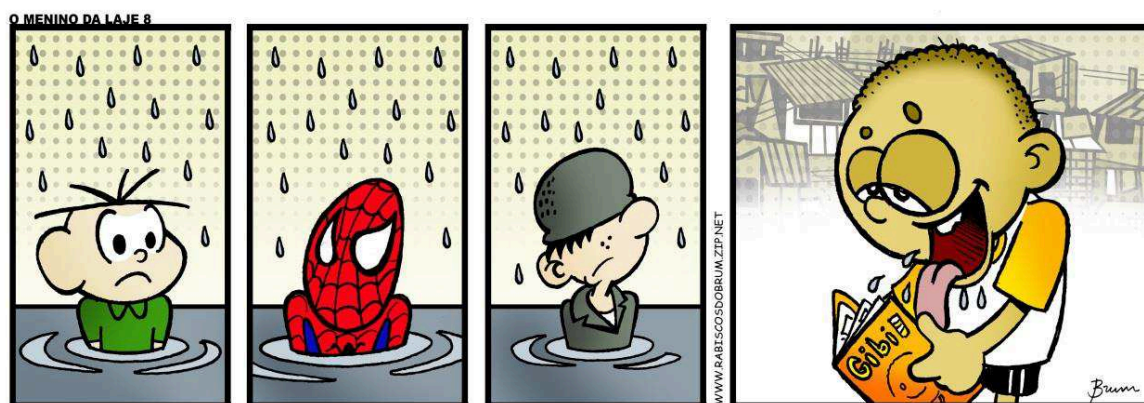
E3. O livro de Euclides da Cunha é considerado o primeiro livro-reportagem brasileiro, em que deixa claro seu ponto de vista no que se refere ao racismo. Que efeito produz a utilização dessa imagem?

F. Desenhe um balão e escreva nele o possível pensamento do leitor de Euclides da Cunha - Os Sertões, um clássico da literatura brasileira.



2. Há tiras sem o uso de balões, o que não impossibilita a leitura:

Tira 10:



Fonte: disponível em: www.rabiscosdobrum.zip.net. Acesso em fev. 2018.

A. Gibi significava apenas moleque, porém, com o tempo, a palavra passou a ser sinônimo de revistas em quadrinhos, porque, no Brasil, Gibi foi título de uma revista em quadrinhos. Que argumento o produtor da tira traz na junção desses quadrinhos?

B. Em toda escolha, há um propósito, um argumento do autor. Faça a descrição do contorno, o requadro, o plano, o espaço ocupado por cada vinheta da história, as cores, enfim, a organização das imagens. Em que a seleção proposital contribuiu para a compreensão da tira?

C. O gênero tira aparenta “ingenuidade”, leveza. Essa característica do gênero possibilita ao autor posicionamentos sobre fatos polêmicos, como se estivesse “escondido” por trás da objetividade humorística. Portanto, quem produz esse gênero pode criticar, polemizar, posicionar-se, enfim, expressar-se por meio das revistas em quadrinhos, por exemplo. Além das revistas, onde mais são publicadas as tiras?

ETAPA VII

VII – Leia:

Encontramos, na tira, peculiaridades de um gênero opinativo. Afinal, esse gênero surgiu nos jornais, expressando o cotidiano.

Ressaltamos que as tiras sempre tiveram vida ativa, desde os anos 50, quando começaram a ser publicadas em jornais do Brasil.

Henrique Magalhães, em seu livro *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*, atesta essa vida ativa da tira como importante para a construção do pensamento do país, uma vez que esses textos possuem liberdade inventiva, com agilidade e imediatismo, não se dobrando à massificação niveladora.

O que se nota é que a tira inter-relaciona com outros gêneros jornalísticos, apresentando, às vezes, a crítica da charge, a denúncia noticiosa etc. Em uma relação intrínseca com textos críticos, persuasivos, conscientizando livremente a sociedade, com seus pontos de vista sobre a sociedade, a política, a cultura, a economia e outros.

Agora, analise a tira de André Dahmer e a capa do jornal em que este gênero fora publicado, estabelecendo o que há de comum entre o que diz a tira e o que dizem os outros textos do jornal.

Tira 11:

palestra sobre os novos tempos



Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#8/9/2018>. Acesso em: 8 set.

2018.

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 98 * Nº 32.665

SÁBADO, 8 DE SETEMBRO DE 2018

EDIÇÃO SP/DF * CONCLUÍDA ÀS 23H45 * R\$ 4,00

Para 72%, intervenção federal no RJ deve seguir

Segundo pesquisa do Datafolha, a maioria dos moradores do estado defende estender a intervenção na segurança pública, que termina em 31 de dezembro. Disseram-se contrários à prorrogação 21%.

A fatia dos favoráveis diminuiu entre pessoas com nível superior: 63% delas querem a prorrogação, e 31% não. Já entre aqueles com ensino fundamental, 79% querem a extensão, e 13% não. **Cotidiano B1**

MINHA ELEIÇÃO Ricardo Kotscho

Longa transição para a democracia se deu em dois atos

Primeiro, sob o comando do dr. Ulysses, o país assistiu às maiores manifestações contra o regime militar e em defesa das liberdades democráticas.

O segundo foi a campanha de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, deflagrada logo após a derrota das Diretas Já. **Eleições 2018 A10**

Ilustrada C3

Canto alto brasileiro

Morre, aos 81, Wilson Moreira, parceiro de Nei Lopes e sambista craque do partido-alto

Esporte B8

Em novo ciclo para a Copa, Brasil vence com gol de Neymar

Sobretudo A22

'Tinder' corporativo aproxima líderes de empresas em clubes

EDITORIAIS A2

Crepúsculo de Temer
Sobre ataques do presidente a Alckmin e Haddad.

Casa Branca paralela
Acerra de relatos atribuídos a auxiliares de Trump.

ATMOSFERA B2

São Paulo hoje
26°
13°

Amanhã Segunda Terça
15° 24° 14° 24° 13° 22°

Fonte: www.climatempo.com.br

CIRCULAÇÃO: 322.723/DIA
(impressos + digitais)
AUDIÊNCIA: 82.236.987
visitantes únicos/mês

ISSN 1677-0502 32665
9 771614 326662



Apoiadores diante do hospital onde Jair Bolsonaro está internado em SP. **Notícias Arquivo/Fotopress**

Bolsonaro migrará sua campanha para as redes

Em recuperação, presidenciável deve gravar mais vídeos para a internet; aliados manterão ações nas ruas

Impossibilitado de fazer atos públicos após ter sido esfaqueado na quinta (6), o presidenciável Jair Bolsonaro (PSL) deve usar as redes sociais para se dirigir a eleitores nos próximos 30 dias. Menos de 24 horas após o atentado, o deputado federal recorreu à internet para enviar uma mensagem: "Estou bem e me recuperando".

Como a internação pode durar ao menos dez dias, outros assumirão a dianteira nas ruas. Já foram escalados dois de seus filhos, Flavio e Eduardo. O vice da chapa, general Hamilton Mourão (PRTB), também deve assumir algumas agendas.

Antes do ataque, Bolsonaro pretendia intensificar participação em comícios, passeatas e visitas, para tentar melhorar suas intenções de voto no segundo turno.

A campanha do presidenciável também terá de definir nova estratégia para entrevistas e debates. A escolha de um único representante ou de múltiplos deve provocar disputa interna.

Uma ala de apoiadores formada por militares defende que o general Mourão assumira alguns dos compromissos do candidato. Esse grupo, porém, pode sofrer resistência de um núcleo mais político. **Eleições 2018 A4**



SETE DE SETEMBRO É ESVAZIADO APÓS ATAQUE A CANDIDATO

Em desfile, Michelzinho, filho do presidente Michel Temer e da primeira-dama Marcela, faz gesto que parece simular arma; atentado contra Jair Bolsonaro (PSL) levou principais candidatos, exceto Ciro Gomes (PDT), a cancelar agendas. **Eleições 2018 A9**

Transferido para SP, candidato ainda corre risco, mas quadro é estável

Eleições 2018 A5

Comportamento agitado preocupa família de agressor

Adelio Bispo de Oliveira, 40, é descrito por parentes como solitário. Apesar de a agitação ter preocupado a família, o ato violento não era esperado. Preso preventivamente, Oliveira será transferido para Campo Grande (MS). Segundo sua defesa, ele agiu por motivação política, religiosa e racial. **Eleições 2018 A9**

Luis F. Carvalho Pº

Estelionato e violência compõem quadro político

O estúpido atentado de Luiz de Faria remete o Brasil para tempos da República Velha. Beligerância extrema, messianismo, vulnerabilidade dos "simplicios" e protagonistas moralmente deformados completam o enredo. **Cotidiano B5**

Katia Rubio

No Brasil, memória do esporte precisa de cuidado urgente

Eis uma das marcas do esporte, as polaridades. Em um extremo está o vencedor, que immortaliza. No outro está o perdedor, que apaga toda a trajetória. **Esporte B9**
Katia Rubio, professora de USF, passa a escrever aos sábados.

CADA CHERY
5 MOTIVOS
 PARA VOCÊ COMPRAR SEU TIGGO 2
 INVISTA EM QUALIDADE E TECNOLOGIA COM RETORNO GARANTIDO.

VEJA NA PÁGINA 5
 AS CONCESSIONARIAS PARTICIPANTES.

CADA CHERY
 QUALIDADE, TECNOLOGIA E CESSION

Disponível em: https://f.i.uol.com.br/fotografia/2018/09/08/15363815455b935269656c8_1536381545_9x16_rt.jpg.

Acesso em: 9 set. 2018.

ETAPA VIII

VIII – Produção de uma tira.

Antes do esboço da sua tira, **oralmente**, responda:

- A. Você conhece algum *software* que contribua na produção de uma tira?
- B. Que assunto atual, social, político, você seleciona para se posicionar de forma humorada?
- C. Pense em um personagem para uma tira sua.
- D. Que ideias esse personagem pode defender?
- E. Com quem seu personagem convive?



ANEXO A – 54 tiras do site SeguraNet

Tiras Banda Desenhada – SeguraNet estão disponíveis em: <http://www.seguranet.pt/pt/tiras-bd-seguranet>. Acesso em 12 set. 2018.

Tira 1

Cyberbullying



Tira 2

Copiar e colar



Tira 3

Facebook



Tira 4

Pensar antes de publicar



Tira 5

Virus informático



Tira 6

A veracidade do que se encontra na net



Tira 7

Jogos online



Tira 8

Sentido crítico



Tira 9

Protecção de dados



Tira 10

Regras



Tira 11

Telemóveis



Tira 12

Protecção de dados



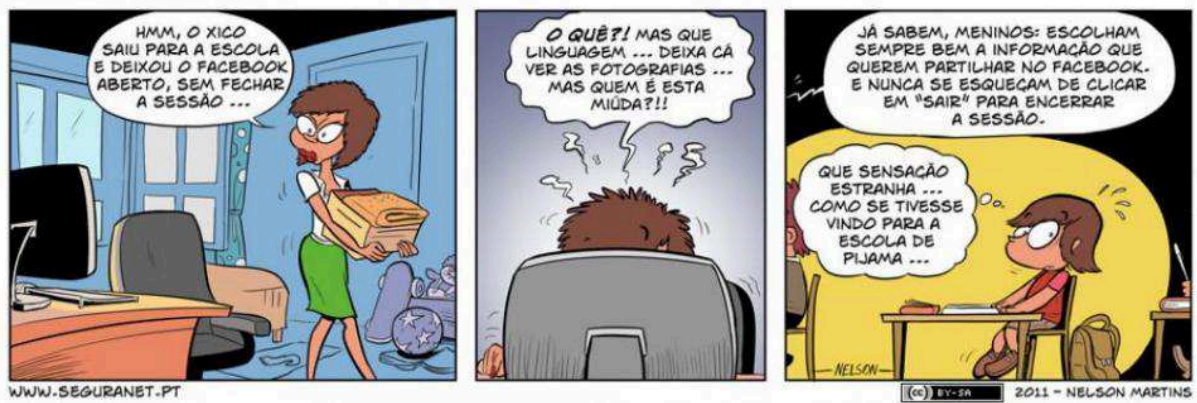
Tira 13

Etiqueta nos jogos online



Tira 14

Sair do Facebook



Tira 15

Palavras-chave



Tira 16

Cópias de segurança



Tira 17

Há vida offline



Tira 18

Serviços SMS



Tira 19

Pirataria



Tira 20

Invasão de privacidade



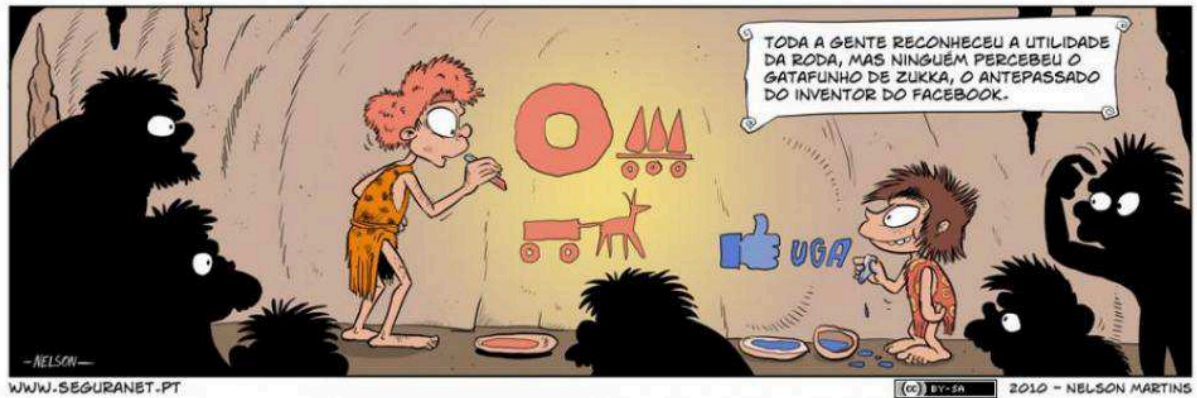
Tira 21

Phishing



Tira 22

Mural da História



Tira 23

Sexting



Tira 24

Fuga de informação



Tira 25

Plágio



Tira 26

Sexting II



Tira 27

e-commerce



Tira 28

Texting



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA 2012 - NELSON MARTINS

Tira 29

Bullying II



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA 2012 - NELSON MARTINS

Tira 30

Mensagens de desconhecidos



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA 2012 - NELSON MARTINS

Tira 31

Grandes verdades da História



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA

2012 - NELSON MARTINS

Tira 32

Os Gremlins da Internet



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA

2012 - NELSON MARTINS

Tira 33

Informação segura



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA

2012 - NELSON MARTINS

Tira 34

Informação segura II



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA 2012 - NELSON MARTINS

Tira 35

Linha Alerta e Linha Ajuda



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA 2012 - NELSON MARTINS

Tira 36

INES



WWW.SEGURANET.PT



(cc) BY-SA 2012 - NELSON MARTINS

Tira 37

Pagar para jogar



Tira 38

Serviço SMS de valor acrescentado



Tira 39

Número desconhecido



Tira 40

Crédito para uma chamada



Tira 41

Passas tempo demais na Internet



Tira 42

Tarifários



Tira 43

Não ao discurso do ódio online



Tira 44

Licenciamentos abertos



Tira 45

Comércio electrónico seguro



Tira 46

Publicação de fotos de menores nas redes sociais



Tira 47

Sexting



Tira 48

Reputação online



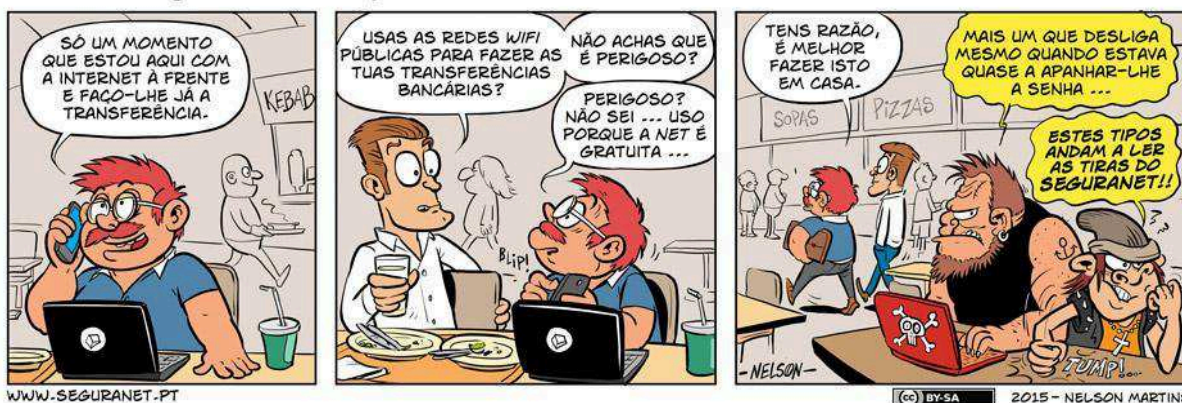
Tira 49

Uso excessivo de tablets



Tira 50

Homebanking em redes wifi públicas



Tira 51

Selo de Segurança Digital (eSafety Label)



Tira 52

eSafety Label - Ouro, Prata, Bronze



Tira 53

Os macacos sábios das notícias falsas



Tira 54

Desafios?!

